

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CAMPUS II - CENTRO DE HUMANIDADES
MESTRADO EM SOCIOLOGIA

- NEGROS DO TALHADO -
ESTUDO SOBRE A IDENTIDADE ÉTNICA DE UMA
COMUNIDADE RURAL

JOSÉ VANDILO DOS SANTOS

CAMPINA GRANDE - PB.

NOVEMBRO/1998

JOSÉ VANDILO DOS SANTOS

**- NEGROS DO TALHADO -
ESTUDO SOBRE A IDENTIDADE ÉTNICA DE UMA
COMUNIDADE RURAL**

*Dissertação apresentada ao curso de
Mestrado em SOCIOLOGIA RURAL da
Universidade Federal da Paraíba, em
cumprimento às exigências para obtenção
do grau de MESTRE.*

ORIENTADORA:

Dr^a MARISTELA OLIVEIRA DE ANDRADE

CAMPINA GRANDE - PB.

NOVEMBRO DE 1998



S237n Santos, José Vandilo dos.
Negros do Talhado : estudo sobre a identidade étnica de uma comunidade rural / José Vandilo dos Santos. - Campina Grande, 1998.
127 f.

Dissertação (Mestrado em Sociologia Rural) - Universidade Federal da Paraíba, Centro de Humanidades, 1998.
"Orientação : Profa. Dra. Maristela Oliveira de Andrade".
Referências.

1. Comunidade - Negros do Talhado. 2. Identidade Étnica - Paraíba. 3. Relações Interétnicas - Territorialidade. 4. Migração Rural-Urbana. 5. Negros do Talhado - Comunidade - Paraíba. 6. Dissertação - Sociologia Rural. I. Andrade, Maristela Oliveira de. II. Universidade Federal da Paraíba - Campina Grande (PB). III. Título

CDU 301.185(813.32)(043)

- NEGROS DO TALHADO -
ESTUDO SOBRE A IDENTIDADE ÉTNICA DE UMA
COMUNIDADE RURAL

José Vandilo dos Santos

Dissertação aprovada em: de Novembro de 1998.

Dr^a. Maristela Oliveira de Andrade
Orientadora

Dr. Alder Júlio Ferreira Calado
Componente da Banca

Dr^a. Marilda Aparecida Menezes
Componente da Banca

*“A felicidade do negro é
uma felicidade guerreira”*

Gilberto Gil

DEDICATÓRIA

(In memoriam)

“...Sim. Rascunho é como a vida. Há de tudo um pouco. E nunca terminamos totalmente a obra. Há sempre lacunas a preencher, vazios reclamando presença, novas montanhas a escalar e mil léguas a percorrer, antes que o sol descambe... A vida é um perpétuo vir-a-ser. Residimos nas tendas do provisório”.

Roque Schneider

Aos meus pais Severina e Florentino que se ausentaram do nosso convívio durante o período deste curso. Por serem as mais importantes referências para a manutenção da nossa integridade.

AGRADECIMENTOS

- *A todos os habitantes do Talhado, minha admiração pela resistência e humildade na busca de sobreviver com o mínimo de condições;*
- *A Maristela Oliveira de Andrade, que sempre me recebeu com simpatia e simplicidade contribuindo para que este trabalho fosse realizado de maneira ágil e prazerosa.*
- *A D. Rita “Preta” e Pedro Severino, representantes da comunidade do Talhado, pessoas fundamentais para a realização da pesquisa de campo, sempre “abrindo portas” com grande disposição em ajudar a todos que os procuram;*
- *A vocês, Francisca (in memorian), Genilda, Socorro, Genilson (in memorian), Genisete, Gilsa e Givanete, meus irmãos, a quem todas as palavras são insuficientes para agradecer.*
- *Aos colegas de turma no mestrado, Célia, Jomar, Jussara, Rosário, Nerize, Rilma, Iolanda, João e Clodoaldo, cada um à sua maneira soube cativar o meu respeito e amizade;*
- *Aos professores, Cristina Marin, Josemir Camilo, Elizabeth Lima, Hermano Nepomuceno, Mércia Rejane e Silvana Eloisa, registro minha gratidão por acreditarem em meu potencial.*
- *A Kleóstenes pela amizade e companheirismo. Obrigado pelo empenho e dedicação na gravação do vídeo “Festa do Rosário”. O suor derramado no calor do Sertão, as cervejas e os papos intermináveis não serão esquecidos. “Tudo era apenas uma brincadeira...”*
- *Aos amigos Valdecy Nabude e Fernando Tito, pelas críticas e advertências mútuas, tudo vale a pena... quando não se perde o tom de amizade sincera;*

- *A Eduardo Jorge, minha gratidão, pela colaboração nas discussões teóricas que foram fundamentais em meu crescimento intelectual, seu jeito simples esconde a sua grandiosidade;*
- *Ao Mestrado em Sociologia Rural, coordenadores, professores e os funcionários Joãozinho, Vera e Verinha que sempre estiveram empenhados em não nos deixar faltar uma informação e oportunidades.*
- *A Aureamagna M. Malheiro Araújo pela paciência e dedicação na correção deste trabalho.*
- *A CAPES, pela bolsa de estudos que me proporcionou maior comodidade para a confecção deste estudo.*

RESUMO

Este estudo trata de compreender como é construída a identidade étnica de uma comunidade rural de negros denominada Talhado, localizada no alto de uma serra pertencente ao município de Santa Luzia, Estado da Paraíba.

Em nosso suporte teórico utilizamos como categorias analíticas as noções de identidade étnica, como categoria relacional; concepções de territorialidade como categoria espacial; e fronteira interétnica como locus do contato interétnico.

A comunidade do Talhado existe desde o século passado e viveu durante muitos anos em estado de semi-isolamento. A partir da década de 70 essa realidade vem mudando com a intensificação do processo de migração em direção à zona urbana de Santa Luzia.

Nosso trabalho tenta observar nas práticas cotidianas dos membros do grupo, as formas de manifestação de sua identidade, apontando para a reorganização do grupo em um novo espaço, ou seja, na área urbana sem que se produza a perda da identidade em razão das modificações introduzidas através da desterritorialização de parte da comunidade.

RÉSUMÉ

Cette étude a pour but de comprendre comment est construite l'identité ethnique d'une communauté rurale de noirs, nommée Talhado, située dans la municipalité de Santa Luzia, État de Paraíba.

Le cadre théorique que nous avons utilisé dans notre analyse comprend des notions d'identité ethnique fondée sur la catégorie relationnelle, du territoire en tant que catégorie spatiale, et de frontière inter-ethnique en tant que "locus" des rapports inter-ethniques.

Cette communauté existe depuis le siècle dernier et pendant long temps elle a vécu presque isolée. Après les années 1970 cet état commence à changer à cause de l'intensification des migrations du Talhado vers l'agglomération de Santa Luzia, chef-lieu de la municipalité.

Notre travail cherche à distinguer dans les pratiques quotidiennes des membres du groupe les formes de manifestation de leur identité, permettant découvrir une réorganisation du groupe dans un espace nouveau, le milieu urbain. Cela signifie que le changement n'a pas provoqué une perte d'identité du groupe, mais au contraire, l'expérience des rapports inter-ethniques dans ce nouveau cadre de vie a augmenté la conscience d'identité, grâce aux efforts du groupe de réaffirmer son appartenance au Talhado.

SUMÁRIO

• INTRODUÇÃO	12
1. ASPECTOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS DA PESQUISA	19
1.1 - O encontro com o Talhado e as estratégias metodológicas	20
1.2 - Suporte teórico sobre a questão étnica e racial	26
1.3 - Estudos sociológicos e antropológicos sobre comunidades rurais de negros	36
2. O TALHADO - ESPAÇO E HISTÓRIA	42
2.1 - Ambiente rural	43
2.1.1 - A memória social sobre a origem da comunidade	43
2.1.2 - A comunidade no espaço geográfico (população)	47
2.1.3 - Organização social e relações de parentesco	50
2.1.4 - O cotidiano e a organização da sobrevivência.....	53
2.1.5 - A cerâmica	59
2.1.6 - Formas de organização econômica e política - a cooperativa....	63
2.1.7 - O lazer: as festas, jogos e brincadeiras	68
2.2 - Ambiente urbano	73
2.2.1 - As migrações.....	73
2.2.2 - Organização da comunidade no espaço urbano	80
2.2.3 - O cotidiano e a organização da sobrevivência	82
2.2.4 - A cerâmica /o galpão -	84
3. OS NEGROS DO TALHADO FRENTE ÀS COMUNIDADES VIZINHAS	92
3.1 - Cenário e fronteiras interétnicas	93
3.2 - A Pitombeira	98
3.3 - Os negros do Talhado e os negros da Pitombeira	106

3.4 - Os negros do Talhado e a cidade de Santa Luzia (brancos e morenos)	108
4. A RETERRITORIALIZAÇÃO E A RECONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOS NEGROS DO TALHADO	115
• BIBLIOGRAFIA	124
• ANEXOS	128

• INTRODUÇÃO

Este estudo pretende realizar uma análise sobre a identidade étnica de uma comunidade rural de negros denominada Talhado, situada no município de Santa Luzia no Estado da Paraíba, na micro-região do Seridó Ocidental Paraibano¹, a 130 km de Campina Grande. O Talhado existe desde 1860 e fica a 26km de Santa Luzia, em local de difícil acesso, o que favoreceu o isolamento da comunidade por muito tempo, embora nas últimas décadas venha sofrendo transformações com a saída de muitos de seus habitantes com destino à cidade de Santa Luzia, onde fixaram residência.

Nosso estudo procura se inserir numa tendência atual das ciências sociais, que busca explorar o cotidiano dos pesquisados, ou seja, o vivido, os valores, os costumes e práticas tradicionais que vão se modificando ao longo do tempo. Para tanto, serão consideradas as práticas e experiências dos moradores dessa comunidade de negros, tanto na organização interna da unidade de produção familiar, como na produção da cerâmica ou por outras formas de organização às quais estes recorrem no seu cotidiano.

Entendemos que a identidade é construída em torno das tensões sociais entre os moradores da cidade de Santa Luzia e os da comunidade do Talhado, no contexto das relações interétnicas. Compreendemos que estas tensões e mudanças não ocorrem somente no sentido de um grupo em relação a outro, mas também no interior do próprio grupo. Vemos que dentro da experiência de cada membro do grupo existem diferenças no modo de encarar e vivenciar a

¹ Anteriormente denominada Depressão do Alto Piranhas. Outra denominação conhecida da região é o Vale do Sabugi.

problemática da identidade que, de acordo com o que foi observado, permanece existindo apesar de muitos membros do grupo estarem residindo na cidade e conseqüentemente, estarem sujeitos a adquirir novos hábitos e costumes.

Vale salientar que ao nos referirmos à comunidade do Talhado estamos considerando três segmentos como componentes do grupo: os moradores que permanecem no sítio, os que migraram para a cidade de Santa Luzia e estão ligados ao galpão artesanal, e os que também migraram para o lado oposto da cidade e desenvolvem outras atividades.

O que me levou a desenvolver esta pesquisa, foi a curiosidade pela comunidade desde criança, quando ainda residia na cidade de Santa Luzia, onde nasci e morei até os seis anos de idade. Naquela época eu presenciava a passagem dos moradores do Talhado em frente a minha casa, quando os mesmos desciam a serra em direção à feira para comercializarem a cerâmica produzida pelas mulheres do grupo. Embora tenha deixado a cidade ainda criança, continuei em contato direto com a mesma, em virtude de meus familiares permanecerem lá residindo.

Comentários sobre aqueles “negros estranhos”, eram feitos habitualmente por pessoas do meu convívio. Daquela época, ainda guardo lembranças de pessoas de pele escura com medo de serem confundidas com moradores do Talhado, que em função do isolamento vivido por eles na zona rural eram vistos como diferentes em relação ao modo de vida na cidade, o comportamento arreadio e até da maneira de vestir e falar. Aquele povo estranho era alvo da curiosidade, desconfiança e incômodo da maioria da população de

Santa Luzia, e contudo era motivo de risos e brincadeiras que me chamavam atenção.

“Negros do Talhado” é a denominação comum utilizada pelos moradores de Santa Luzia quando se referem ao povo da comunidade a qual nos propomos a analisar. Mas, o que significa ser do Talhado, por que tantos atributos pejorativos àquela gente, tais como “beberrões”, “vagabundos”, “índios”, etc., o que está por trás da rejeição, da discriminação e do medo em ser confundido com um membro do grupo?

Em Santa Luzia encontramos uma situação bastante interessante em relação a presença de grupos negros diferenciados, tendo em vista que, se de um lado, temos os negros do Talhado, do outro lado, existem os negros da “Pitombeira”, outra comunidade rural de negros mais antiga do que a do Talhado, ocupando um território do lado oposto da cidade. Atualmente como vem acontecendo com o Talhado esta comunidade encontra-se em acelerado processo de migração para a cidade, contando hoje, com apenas quatro famílias na localidade rural. No centro está a população urbana composta de brancos que dominam a política local e negros vindos das comunidades citadas que já se incorporaram à cidade.

Um dos objetivos de observar e registrar a festa do Rosário realizada pelos negros da Pitombeira juntamente com pessoas negras e brancas da cidade, está no fato desta se constituir na única forma de manifestação ligada às tradições de características negras na região. E sobretudo, no sentido de verificar como se dão as relações dos negros que organizam a festa com os brancos da cidade e da resistência dos negros do Talhado em participar da mesma.

É interessante considerar que diferentemente dos negros da “Pitombeira” que sempre buscaram o entrosamento com os habitantes da cidade, através da festa do Rosário, o grupo do Talhado buscava o isolamento, daí a instalação e fixação num território de difícil acesso. Neste sentido, a migração para a cidade pode ser interpretada como uma superação dessa necessidade de isolamento, embora por outro lado, o isolamento foi a condição que garantiu a formação de um grupo étnico entre os membros da comunidade.

Seguindo este ponto de vista, vemos que, o contexto de identificação do grupo do Talhado, é decorrente da situação de alteridade e/ou das tensões que se manifestam entre este grupo em relação aos brancos e “morenos” na cidade de Santa Luzia, através de relações que permeiam o cotidiano dessas pessoas principalmente na feira, nos hospitais, na Igreja e nas festas.

O aspecto político que buscaremos explorar não diz respeito apenas ao caráter formal das relações entre o Talhado e as instituições públicas e os interesses políticos-partidários das lideranças da cidade, mas também, a uma forma mais abrangente constituída pelas práticas cotidianas dos membros daquela comunidade. Sabemos que existem intervenções do poder público em favor da comunidade, seja através da Emater, na tentativa de organizar uma cooperativa, seja da prefeitura ou do governo do Estado. Isso mostra que a comunidade não está esquecida por estes poderes, embora esse interesse apareça sempre em tempos de eleições, quando não é raro, os candidatos mandarem seus carros para o transporte de eleitores em dias de votação, além de visitas à comunidade, muitas vezes durante festas.

Os contatos entre os políticos e o Talhado, normalmente são realizados através de lideranças da comunidade que intermedeiam esta relação, sendo

uma dessas lideranças D. Rita Preta a representante do Galpão onde se fabrica a cerâmica. Outra iniciativa do grupo (sendo esta no meio rural) liderada por Pedro, é a criação de uma cooperativa para lutar e reivindicar por melhorias para a comunidade, por exemplo a instalação da energia elétrica e projetos de construção de barragens. Essas formas de organização são interpretadas como formas de resistência ou de sobrevivência do grupo como grupo étnico.

Nosso estudo não trata apenas de analisar os aspectos materiais de vida do grupo, mas os aspectos simbólicos. O que representa a atividade da cerâmica por exemplo, na identificação do grupo e não somente como forma de subsistência.

O Talhado já despertou o interesse de diversos grupos, entidades e a curiosidade científica de professores e pesquisadores, tendo sido visitado por professores de várias universidades do país e até do exterior como da Itália e do Japão. O primeiro registro sobre a comunidade aconteceu com o filme "Aruanda" em 1960, dirigido por Linduarte Noronha que tinha o propósito de contar a história do grupo com o máximo de detalhes, sendo atores os próprios moradores da comunidade. O estudo da professora Dr^a Josefa Salete Barbosa Cavalcanti, realizado nesta mesma comunidade entre os anos de 1972 e 1975, (*Talhado - Um estudo de Organização Social e Política* Dissertação de Mestrado apresentada ao PPGAS do Museu Nacional - Rio de Janeiro); é outra importante referência sobre a comunidade, além de reportagens em jornais, televisões e revistas.

A nossa hipótese principal é que a migração para a cidade e o esvaziamento considerável da comunidade rural não resultou, como seria esperado, na perda da identidade do grupo devido à sua dispersão, mas pelo

contrário, a experiência cotidiana com outros grupos levou à uma percepção da alteridade facilitada pela vida urbana.

Portanto, nosso trabalho irá tentar demonstrar as novas formas de organização empregadas pelo grupo que serviram para fortalecê-lo como grupo, e como tal atuaram como reforço para sua identidade.

Sabemos que o universo de análise, que compreende a organização sócio-cultural da comunidade do Talhado é vasto, e nos permitirá uma exploração bastante significativa, devendo contribuir para o enriquecimento da discussão dos conceitos de identidade étnica e questões afins.

Colocadas as questões que norteiam a nossa investigação e a constituição do nosso objeto, apresentamos os capítulos que compõem o nosso trabalho.

O primeiro capítulo apresenta os aspectos teóricos-metodológicos da pesquisa, enfocando o encontro com o Talhado e as estratégias metodológicas. Em seguida estão colocados os conceitos básicos relativos a questão étnica e racial. Por último, são apresentados alguns dos estudos sociológicos e antropológicos sobre comunidades rurais de negros.

O segundo capítulo mostra a contextualização da comunidade pesquisada em relação ao seu espaço geográfico e a história da população do Talhado. Ressaltando, tanto a memória social sobre a origem da comunidade, como aspectos sócio-culturais, econômicos e políticos. Descrevemos também, o grupo em dois ambientes, o rural e o urbano, bem como os mecanismos de sobrevivência utilizados por eles ao unirem a produção agrícola com a produção da cerâmica.

O terceiro capítulo é formado pelo cenário e as fronteiras que compõem as relações interétnicas entre o Talhado e as comunidades vizinhas - Santa Luzia e a Pitombeira. Para tanto, foi apresentado um breve histórico de cada

uma dessas localidades e o tipo de envolvimento e/ou relação que ambas têm com o Talhado.

No quarto capítulo apresentamos a problemática da reterritorialização e a reconstrução da identidade dos negros do Talhado, a partir do desenho atual da comunidade no espaço rural, mas sobretudo no espaço urbano, tendo em vista ser nesse último onde a população tem recebido maiores influências externas. Destacando a identidade étnica, enquanto um conceito em movimento, ou seja, uma identidade em curso, apresentamos como resultado da pesquisa, os dados relativos aos aspectos simbólicos da comunidade do Talhado.

Concluimos, então, retomando os pontos gerais da pesquisa para delimitarmos o traçado da identidade do grupo, vislumbrando a questão da migração para a cidade, o trabalho com a cerâmica e a luta pela sobrevivência como fatores imprescindíveis à formação dessa identidade.

A exemplo do que já fizeram outros pesquisadores, com a confecção desta dissertação, estou tendo a oportunidade de realizar também, um contato mais direto com a comunidade e com a cidade de Santa Luzia, o que é motivo de prazer não apenas profissional, mas sobretudo pessoal, em buscar compreender um grupo que é alvo de curiosidade na medida em que estou constantemente em contato com acontecimentos e pessoas que resgatam lembranças agradáveis da minha infância. Prazer que espero dividir com o leitor sensível à causa dos discriminados por serem diferentes.

CAPÍTULO - 1

ASPECTOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS DA PESQUISA

1. ASPECTOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS DA PESQUISA

1.1 - O encontro com o Talhado e as estratégias metodológicas

Encontramos o pressuposto básico que norteia este estudo na perspectiva empírica defendida por Blumer, quando o mesmo afirma que “uma ciência empírica pressupõe a existência de um mundo empírico disponível para observação, estudo e análise. Este estudo empírico deve representar sempre o ponto central de preocupação do pesquisador, o ponto de partida e o ponto de chegada da ciência empírica”. (HAGUETTE, 1995 : 40)

Sabe-se que a atividade do pesquisador se fundamenta na “interpretação da interpretação”, que acontece através da seleção de métodos e técnicas que encaminharão o trabalho de coleta de dados e facilitarão os resultados da investigação.

Nosso estudo, portanto, segue um modelo de metodologia qualitativa, na qual buscamos enfatizar os aspectos simbólicos das atividades ordinárias da comunidade pesquisada, analisando as práticas, as circunstâncias, e o conhecimento local ou senso comum que os leva a estabelecer o que é a realidade para eles. Neste sentido, vemos que “esta prática da vida cotidiana é ‘interpretada’ pelos atores; ou seja, dentro da tradição de Mead, os atores sociais alocam ‘sentidos’ aos ‘objetos’ circundantes, através do processo de interação uns com os outros e consigo próprios, passando, então, a interpretar seu mundo significativo”.(Op. cit. 50)

O meu primeiro contato com pessoas do Talhado no intuito de realizar esta pesquisa, foi na feira de Santa Luzia em 1995, ainda quando estava procurando informações para elaboração do projeto de seleção do mestrado. Nesta ocasião, encontrei dois membros da comunidade, um homem e uma

mulher, que comercializavam produtos de cerâmica confeccionados pelos próprios vendedores. Por eles, fui informado da existência de um galpão localizado na periferia da cidade, onde se produz a cerâmica atualmente, de D. Rita, sua administradora desde a sua criação, a qual poderia me passar mais informações a respeito da comunidade.

Foi através de D. Rita Preta (como é mais conhecida na cidade), que comecei a conhecer o trabalho das louceiras e o processo de migração dos membros da comunidade para a cidade. Esta senhora que há dez anos reside na cidade está acostumada com visitas de pessoas de fora que buscam informações sobre o Talhado.

Depois de elaborado o projeto inicial, voltei à Santa Luzia (1996) e sempre através de D. Rita que tornou-se minha principal informante nessa fase da pesquisa, marquei a primeira visita ao sítio, num domingo. Fretei um carro (camioneta) por R\$ 30,00 e fomos; eu, ela, o motorista que é seu filho, e mais dois netos para este local.

Sáimos cedo, por volta das 6 horas da manhã e ao chegarmos lá, ainda caminhamos a pé conhecendo melhor o lugar. Primeiro, fomos ao olho d'água do Talhado, onde existe um pequeno riacho, um cata-vento, e uma cisterna. As casas são distantes uma das outras e muitas estão abandonadas. Por fim, sempre acompanhado das mesmas pessoas, nos dirigimos à residência do Sr. Sebastião Braz, homem considerado uma liderança do lugar como podemos ver no estudo de Cavalcanti (1973). Sua casa fica próxima à escola e ao posto médico. Fomos recebidos por sua esposa, pois o mesmo não se encontrava em casa, tinha ido à cidade resolver alguns problemas particulares. Nesta primeira visita, fotografei todos os lugares possíveis. O Talhado é um lugar de paisagens bonitas. A visão que se tem de topo da serra é fascinante, principalmente nesta época (Abril/Maio), quando havia chovido e o verde tomava conta dos pastos.

Nossa volta aconteceu ao meio dia, com o sol forte como é característico da região. Entretanto, no período da pesquisa de campo propriamente dita, a paisagem havia se modificado do verde encontrado anteriormente para um cinza que deixa o campo com um ar triste e aparentemente sem vida, tendo em vista a grande seca desse período que ainda persiste na região.

Muitas outras visitas foram realizadas por mim durante o ano de 96. Em Santa Luzia, os negros do Talhado, se dividiram em dois grupos. Tendo o grupo ligado ao galpão se fixado nas proximidades da rua Arlindo Bento e o outro no alto do Monte São Sebastião. Sabendo da existência deste último, tomei a iniciativa de conhecê-lo. Fui sozinho para procurar aleatoriamente pessoas da comunidade residentes no local, no sentido de evitar a influência de outras pessoas, acreditando na espontaneidade da visita e possíveis entrevistas. Lá, encontrei muitas pessoas, mas apenas realizei conversas informais sem gravar nenhuma entrevista.

O contato com D. Rita, logo transformado em amizade, foi facilitado pelo fato de eu ter nascido naquela cidade e ainda ter parentes residentes lá. A partir das conversas com D. Rita e seus repetidos pedidos de ajuda para as pessoas que trabalham com a mesma no galpão, resolvi sempre que possível, levar roupas usadas ou não, que poderiam ser aproveitadas pelas pessoas mais carentes da comunidade recebendo em troca peças de cerâmica produzidas no galpão, embora insistisse no pagamento das mesmas sem que elas aceitassem.

Dando prosseguimento à minha observação, outro momento importante foi o que registrei em vídeo por ocasião da “Festa do Rosário” no período de 11 a 13 de Outubro. Depois de registrar a festa do Rosário, voltei à Santa Luzia para iniciar a coleta de dados propriamente dita, isto é, entrevistas gravadas em fitas cassetes a partir do mês de Novembro de 1997. Entrevistei pessoas do Talhado que moram no sítio e na cidade e algumas que não eram da citada

comunidade mas residem na cidade, que são ligadas à Irmandade do Rosário ou à escola onde estudam filhos de pessoas deste lugar. Sempre fui bem recebido pelas pessoas do Talhado, entretanto, os mais velhos nem sempre se dispõem a dar entrevista, pois alegam já terem sido muito enganadas por pessoas de fora que fazem promessas e não as cumprem. Desde a filmagem de “Aruanda” (1960) até os dias de hoje, sempre aparecem pesquisadores e curiosos procurando informações. Tal fato, entre outros aspectos, de certa forma, dificultou o trabalho de coleta de dados, principalmente no que se refere ao aspecto da origem da comunidade, já que os mais novos dizem que sobre tal assunto “não sabem nada”.

No dia 23 de Novembro de 1997, fui convidado para uma festa de aniversário do filho de D. Rita que se realizaria no sítio do Talhado embora a mesma more na cidade. Era um domingo e logo cedo saímos na camioneta, além de outros carros como jeeps e motos. Esta era uma oportunidade muito boa de encontro com os moradores do Talhado onde poderia encontrar muitos deles ao mesmo tempo e numa ocasião especial. Não faltaram bebidas, carnes de galinha e de porco, dança ao som de sanfoneiros do próprio sítio e muita alegria. Particpei ativamente da festa e conversei com muita gente, conheci muitas outras que alargaram meus contatos. Passamos todo o dia no sítio voltando à tardinha por volta das 17 horas.

A feira de Santa Luzia constituiu outro espaço de observação e de coleta de dados para a pesquisa. Realizada aos sábados, nela pode-se encontrar diversas pessoas vindas do Talhado em conversas e passeios na cidade. Este foi um momento em que também realizei algumas entrevistas e observações com os negros do Talhado entre uma compra e outra no armazém ou na barbearia, ambos localizados numa rua estreita que dá acesso ao mercado central, sendo este um local de concentração destes negros onde as conversas acontecem com

freqüência se constituindo numa oportunidade importante para observação livre e entrevistas.

Entrevistamos um total de 38 pessoas, sendo 10 negros residentes no sítio do Talhado, 15 residentes atualmente na cidade, 07 pessoas negras também moradoras da cidade incluindo 03 negros membros da Irmandade do Rosário, além de outras 6 pessoas brancas moradoras da cidade de Santa Luzia².

Os principais informantes em nossa coleta de dados foram D. Rita Preta - administradora do galpão, Pedro o presidente da cooperativa, o padre João da matriz de Santa Luzia e o Sr. Paulino presidente da Irmandade do Rosário.

A população pesquisada é formada basicamente de analfabetos e semi-analfabetos. No geral essas pessoas sabem apenas assinar o nome, tendo aprendido através do MOBREAL³ que realizou aulas na década de 70 na comunidade.

O nível de renda da população é baixo, variando de 1 a 2 salários mínimos, sendo geralmente proveniente da aposentadoria dos mais velhos. Entretanto, a maioria tem residência própria, o que diminui consideravelmente as despesas do orçamento doméstico.

Os informantes de cor branca moradores da cidade foram contactados com o objetivo de detectarmos suas concepções e representações em relação aos negros do Talhado. Nos seus depoimentos tentamos resgatar os marcos utilizados para traçar as fronteiras interétnicas. É interessante registrar que esta intenção foi também direcionada aos informantes negros da cidade, os “morenos”, como são chamados em contraposição aos “negros do Talhado”.

² Ver quadros em anexo.

³ Movimento Brasileiro de Alfabetização - Programa desenvolvido pelo governo federal na década 70 que intencionava a alfabetização em massa da população carente do país.

Sendo esses dados de fundamental importância para trabalharmos analiticamente a concepção de alteridade, e conseguirmos visualizar empiricamente e simbolicamente estereótipos que são utilizados pelos brancos e “morenos” para delimitar diferenças étnicas e/ou territoriais com relação ao Talhado.

Outros dados foram utilizados tais como: mapas, vídeo, fotografias e dados estatísticos do IBGE.

1.2 - Suporte teórico sobre a questão étnica e racial

No Brasil o negro tem sido tema de diversos estudos nas Ciências Sociais. As principais vertentes temáticas de estudos que abordam o Negro no Brasil, segundo Borges Pereira (1981) in Bandeira (1988), são quatro: a primeira, explorada por Nina Rodrigues, aborda o negro como “expressão de raça”. Vertente esta que é tributária teórica do estuário evolucionista e seus desdobramentos racistas. A segunda aborda o negro como “expressão de cultura”, balizando-se pela teoria da aculturação e seus desdobramentos culturalistas. A cultura, nesse caso, é concebida como uma realidade supra-social, um sistema independente e autônomo que age sobre a realidade histórica, econômica e social, sem por ela ser afetada. A terceira vertente trata da análise e interpretação da assimetria das relações raciais, tendo como foco de reflexão “o negro como expressão social”. Esta vertente desenvolveu uma postura crítica incisiva das relações raciais na sociedade brasileira, através de estudos patrocinados pela UNESCO, deslocando a problemática da Bahia para São Paulo. Por último, a vertente que é colocada como a fase atual, tem se caracterizado pela utilização de orientações teóricas e metodológicas da antropologia social, privilegiando a “especificidade da produção cultural negra”, com ênfase na esfera religiosa em suas articulações com as questões de resistência e identidade.

Este trabalho se insere na última perspectiva adotada nos estudos sobre o negro, tendo em vista que buscamos compreender a questão da resistência e identidade da comunidade do Talhado, embora não vá abordá-las a partir da

esfera religiosa, mas a partir de organizações ligadas à produção econômica da comunidade.

Optamos, entretanto, por utilizar o conceito de identidade na perspectiva exposta por Maria Lúcia Montes (1996). Esta autora compreende a identidade como “um recorte num jogo de identificações, que vai permitir a um determinado grupo reconhecer-se e ser reconhecido pelas características que o identificam e que o distinguem dos demais. Sendo nesse jogo de espelhos que a sociedade permanentemente inventa e reinventa novas identidades e que a questão racial, que se transformou em questão étnica, hoje é essencialmente uma questão política, uma questão de afirmação de direitos daqueles sobre os quais, numa sociedade como esta, 400 anos de patrimonialismo e pelo menos 300 anos de escravidão deixaram marcas profundas”.

Para chegar ao conceito de identidade acima citado, a autora inicia colocando a análise da “*idéia de pessoa*” e *máscara*, e afirma que “o que ocorre é que, quando perguntamos em outros tipos de sociedade o que se vê por trás da máscara, descobrimos que não é o *indivíduo*, não é uma pessoa singular que a reveste, mas, ao contrário, é a *própria máscara*⁴ que é o essencial”. Portanto, “não há como pensarmos essa pessoa, essa singularidade, fora de um certo estilo de construção social da realidade por determinado grupo humano, que autoriza e legitima um conjunto de funções exatamente para essa pessoa individualizada, singularizada. E mesmo essa construção, característica das civilizações de tradição ocidental, é o resultado de um longo processo histórico”.(p. 50)

O trabalho de desconstrução da noção de identidade individual revela-se através de um longo processo histórico que começa em Roma segundo

⁴ Grifos da autora.

Mauss, quando é dado um salto fundamental para reconhecimento da noção de *pessoa jurídica*, que consiste na idéia de que alguém é autorizado a utilizar uma máscara, e uma máscara própria: é a minha própria máscara que vou apresentar à sociedade, e não outra. Assim a pessoa jurídica identifica os romanos como sendo todos pertencentes à Roma, o que significa que não pertencem a um clã ou a uma família, mas, acima disso tudo, pertencem à Roma.

Outro momento se dá com o Cristianismo. Ou seja, uma evolução que vai produzir no interior da noção de pessoa jurídica a idéia de que ela abriga uma espécie de conteúdo substantivo - alguém que é responsável pelos seus atos, sentimentos, juízos, emoções, etc., e é responsável, portanto, pela continuidade da sua própria existência, como pessoa e consciência moral.

Por fim, esse processo de interiorização, que vai da máscara para a pessoa e da pessoa para a interioridade de uma consciência moral, será completado pela modernidade, com a idéia, própria da Psicologia, de uma configuração psíquica do indivíduo que é sujeito de desejos, conflitos, etc., responsável pelos seus próprios atos e, portanto, responsável pela manutenção de uma certa permanência de si mesmo ao longo do tempo, enquanto sua identidade. (p.51)

O que a autora chama da *visão reificadora* da identidade é a idéia que parte do pressuposto de que a identidade é algo que remete à permanência, àquilo que resiste e fica, sempre igual a si mesmo ao longo do tempo, perdendo-se de vista a enorme variedade e diversidade de maneiras de construir a identidade dos indivíduos nos diferentes grupos e sociedades. É essa visão reificadora (evolucionista) que está na base da idéia psicologizante da identidade. É também ela que sustenta uma visão da identidade dos grupos

humanos que associa identidade e raça de um modo fixo, congelado, fazendo com que a raça seja o suporte da diferença e ao mesmo tempo da continuidade da evolução.

Resumindo, ela diz que “a questão da identidade, é um processo de *construção* que não é compreensível fora da dinâmica que rege a vida de um grupo social em relação com outros grupos distintos”. E ainda, “a identidade não existe senão contextualizada, como um processo de construção, e pressupõe o reconhecimento da alteridade para a sua afirmação.(p.56-57)

Vemos assim, que a identidade se afirma enquanto resultado de um processo, situada em um dado contexto, e em função de um sistema de relações sociais, fundado num jogo determinado de interesses. É um conceito relacional e contrastivo, com uma dimensão política sem a qual é impossível entendê-la. E por mais que se diga que a identidade é uma construção, ela não é aleatória: está fundada em determinados elementos estruturais que não podem ser negados.

Neste sentido, nesse processo de migração, segundo a autora, ninguém leva a cultura inteira para a diáspora. Ninguém leva todos os elementos que definem o seu cotidiano e sua experiência de vida, seu sentido de pertencimento, seus laços e seus sinais de identificação como membro de um grupo ou uma determinada sociedade. É impossível a pessoa fazer a mala botar tudo isso nas costas e levar embora; ninguém leva a cultura inteira. O que se leva são aqueles elementos que, na bagagem cultural, no estoque de vivências, práticas, costumes e valores partilhados em comum, podem ser re-significados no novo contexto, sendo aí escolhidos e rearranjados em função desse sistema de contrastes sem o qual não é possível entender a identidade.(p.60)

Certamente a identidade negra dos escravos vindos da África para o Brasil aqui foi reconstruída. Neste processo de reelaboração houve perdas e acréscimos de muitos elementos cultivados pelos brancos e índios que foram incorporados pelos negros à sua cultura; como por exemplo, o sincretismo religioso, quando os africanos para manterem seus cultos foram obrigados a unirem à divindades do Candomblé, outros santos católicos, como também na gastronomia onde pode-se encontrar elementos da cultura indígena e portuguesa.

No Talhado, o grupo certamente também sofreu esta influência, o hábito de dormir em redes, pode ser identificado como adquirido dos índios; enquanto a cerâmica pode ser considerada como a maior influência vinda da África; a devoção aos santos católicos que é bastante forte entre os membros da comunidade é uma herança portuguesa que pode significar uma tentativa de aproximação e boa convivência com os brancos.

Não concebemos o grupo como estático, rígido ou homogêneo, mas sujeito a novas experiências. Nossa idéia é compreender a identidade a partir das transformações ocorridas na comunidade, ou seja, perceber a maneira como ela é construída e manipulada atualmente pelos seus membros.

Como nossa pesquisa pretende seguir esta perspectiva, tentamos definir *Etnia*, que segundo o Dicionário de Sociologia (1995), compreende o elemento de composição que indica a idéia de povo, gente, nação. Termo criado para evitar a palavra raça e que designa uma mistura de raças caracterizada pela mesma cultura. Enquanto, o termo *étnico* mais especificamente, é relativo ao povo ou raça, que designa habitante de um país ou de uma região.

De acordo com o dicionário antropológico organizado por André Akoun, *etnia* “qualifica a maior unidade tradicional de consciência de espécie,

no ponto de encontro do biológico, do social e do cultural: comunidade lingüística e religiosa, relativa unidade territorial, tradição mítico-histórica (...), tipo comum de organização do espaço”.

Segundo Maristela Oliveira de Andrade, neste conceito além da unidade do grupo em relação a indicadores culturais, o elemento biológico aparece vinculado a noção de etnia, como uma condição preponderante para fixar a unidade do grupo. Isto porque o grupo deve se definir também através de características biológicas mais ou menos comuns, o que contribui para estabelecer uma identificação exterior do grupo, segundo características físicas. Não se trata de confundir o conceito de etnia com o de raça, já que este último define um grupo populacional exclusivamente a partir de características biológicas comuns, enquanto no primeiro o fundamento biológico apenas reforça uma diferenciação em termos culturais.(1997 : 102-103)

O casamento endogâmico praticado exaustivamente na comunidade do Talhado assegurou a identidade do grupo bem como permitiu um aprofundamento da solidariedade devido às relações consangüíneas. Entretanto, a mestiçagem do grupo desde a sua origem torna impossível identificar fortes semelhanças físicas entre as pessoas do Talhado.

O texto do dicionário antropológico adverte para as dificuldades de uso do conceito, já que a homogeneidade atribuída a certas especificidades culturais, e mesmo biológicas, é na prática cheia de imprecisões. Assim, mais importante que uma unidade real do grupo é a sua consciência ou sentimento de pertencer ao grupo. (idem)

Dentro deste contexto encontramos os trabalhos que abordam grupos como o Talhado, tendo em vista as suas características de comunidade de negros e/ou agrupamento de iguais, caracterizando-se também como grupo

étnico, entendido aqui, segundo Weber (1991 : 270), como aqueles grupos humanos que, em virtude de semelhanças no *habitus* externo ou nos costumes, ou em ambos, ou em virtude de lembranças de colonização e migração, nutrem uma crença subjetiva na procedência comum, de tal modo que esta se torna importante para a propagação de relações comunitárias, sendo indiferentes se existe ou não uma comunidade de sangue efetiva. Neste sentido, Weber propõe a não-substancialidade das noções de etnia, de povo e de nação. Para ele, a comunidade étnica não constitui, em si mesma, uma comunidade, mas apenas um elemento que facilita as relações comunitárias. Sua idéia é conceber etnia a partir da forma como efetivamente elaboram, os atores sociais, e não de maneira apriorística.

Barth (1969), por sua vez, define grupo étnico como uma “forma de organização social” cuja característica principal é a de auto-atribuição e atribuição por outros, como membros de um determinado grupo, com fins interacionais. Nesta perspectiva, Barth nos coloca a proposta de que a etnicidade não é um fato empiricamente testável, mas uma série de símbolos, atitudes e valores. Ainda segundo Barth, os conceitos de diversidade cultural e contrastividade nascem a partir dos contatos sociais e estão baseados no não isolamento das sociedades, ocorrendo, portanto, a troca mútua de experiências que fatalmente leva à diversidade e conseqüentemente, à particularidade de cada grupo. O ponto de vista deste autor é interessante, à medida que podemos associar seu raciocínio às relações migratórias dos membros da comunidade do Talhado em suas idas e vindas, demonstrando, em um constante contato com os “outros”, uma troca dinâmica de experiências que podem causar inovações e mudanças em suas vidas.

Ao analisar a questão das fronteiras sociais Barth não considera como procedente a visão simplista de que o isolamento geográfico e social foram fatores cruciais na sustentação da diversidade cultural. E segue

“Uma investigação empírica do caráter das fronteiras étnicas, (...) produzem duas descobertas que são dificilmente inesperadas, mas que demonstram a inadequação desta visão. Primeiro, é fato que as fronteiras persistem apesar do fluxo de pessoas através deles. Em outras palavras, distinções étnicas categóricas não dependem da ausência de mobilidade, contato e informação, mas geram processos de exclusão e incorporação através do qual categorias isoladas se mantêm, apesar de variarem a participação e pertencimento no curso de histórias individuais. Segundo, percebe-se que muitas vezes relações sociais estáveis, continuadas e vitais são mantidas através dessas fronteiras, e são freqüentemente baseadas precisamente nos estatus étnicos dicotômicos. Em outras palavras, distinções étnicas não dependem da ausência de interação social e aceitação, mas ao contrário, são muitas vezes a base na qual os sistemas sociais compreendidos se constróem”. (p. 01)

Portanto, as diferenças culturais podem persistir apesar do contato e interdependência inter-étnicos. Neste sentido, podemos associar o ponto de vista do autor às relações migratórias dos membros da comunidade do Talhado em suas idas e vindas, demonstrando, em um constante contato com os “outros”, uma troca dinâmica de experiências que podem causar inovações e mudanças em suas vidas.

Entretanto, é importante ver que a idéia de dispersão do grupo do Talhado através da migração não provocou a assimilação do grupo à outras comunidades, mas reforçou a sua identidade⁵.

Manuela Carneiro da Cunha (1986), ao abordar a questão da identidade a partir de Weber, mostra-nos que a etnicidade pode ser melhor entendida como uma forma de organização política:

“As comunidades étnicas podiam ser formas de organizações eficientes para resistência ou conquista de espaços, em suma que eram formas de organização política. Descobriu-se que a etnicidade podia ser uma linguagem... Foi o momento de por em evidência o caráter manipulativo da etnicidade”. (p. 99)

A partir deste ponto de vista, entendemos que, segundo Carneiro da Cunha, não se pode definir grupo étnico a partir de sua cultura, embora a cultura entre de modo essencial na etnicidade, e ainda, a cultura não é algo dado, posto, mas algo constantemente reinventado, recomposto, investido de novos significados. Assim, dentro do dinamismo em que a cultura deve ser concebida, a etnicidade apresenta-se como uma linguagem que permite a comunicação. Portanto:

“A etnicidade, como qualquer forma de reivindicação cultural, é uma forma importante de protestos eminentemente políticos”. (p. 108)

A etnia não existe por si só como algo natural, mas faz parte do cenário político. Como afirma Lima (1992 : 28), “o que existem são projetos étnicos

⁵Sobre o assunto, ver: BACELAR, Jeferson. ETNICIDADE - Ser negro em Salvador, Penba. Ianamá, Salvador, Bahia. 1989. p. 40.

que se marcam, que adotam esse símbolo. O grupo étnico pois, é uma comunidade; é uma coletividade, um potencial de ação”.

O grau de parentesco, a posse da terra, a produção da cerâmica, e a situação de discriminação, dentro do jogo das tradições e memórias, entre negros e brancos de Santa Luzia, aparecem como os componentes visíveis de identificação do grupo do Talhado. Entretanto, tentaremos buscar as singularidades que aparecem nas práticas discursivas destes membros e contribuem no traçado do potencial político de ação focado por Manuela Carneiro da Cunha, visando detectar o nível de resistência frente às mudanças introduzidas em seu espaço. Daí concordamos com LARAIA (1993 : 103) quando afirma que:

“Cada mudança, por menor que seja, representa o desenlace de numerosos conflitos. Isto porque em cada momento as sociedades humanas são palco de embate entre as tendências conservadoras e as inovadoras”.

Portanto, a nossa intenção é problematizar de que maneira se dá a identidade dos “negros do Talhado”, tendo como referência de estudo a questão étnica. Ao invés de enfatizarmos as perdas em relação aos hábitos e costumes vivenciados pelo grupo, procuramos sinalizar um processo de reconstrução da identidade. Neste sentido, tentaremos destacar que a heterogeneidade e a diversidade funcionam como uma força social e política, na construção de sua identidade e de práticas construtivas que levam os membros do grupo do Talhado a uma possível re-organização de suas vidas.

1.3 - Estudos sociológicos e antropológicos sobre comunidades rurais de negros

Sabemos que o estudo sobre o negro em condições de vida rural coloca de imediato, como foco virtual de análise, o modo de vida camponês e a diferenciação étnica. Entretanto, o privilegiamento das relações interétnicas remete à questão da identidade étnica no cenário das relações entre campesinato e capitalismo.

Segundo BANDEIRA (1981), os estudos pioneiros de pequenas comunidades rurais de negros, no interior de Pernambuco, Bahia e Minas Gerais, elaborados por Harris, Hutchinson, Zimmerman e Wagley (1952), abriram passagem para o tema das relações étnicas no meio rural a partir das relações raciais entre negros e brancos. A existência de comunidades negras em situação de vida rural não chega a ser uma raridade no Brasil, especialmente no Nordeste e Centro-Oeste.

Segundo MOURA (1988 : 254), ao tratar do escravo negro e o sertão, coloca que nem sempre as informações sobre as comunidades rurais negras nos vêm através de trabalhos sistemáticos. Jornalistas também descobrem de vez em quando, como elemento de notícia, restos de antigos quilombos que existiam no sertão.

Citando reportagens que tratam sobre o tema, entre algumas comunidades negras no estado da Paraíba citadas por esse autor, encontra-se o núcleo da Serra do Talhado que como as demais comunidades negras se forma, provavelmente, com a fuga de antigos escravos da monocultura da cana, no

brejo e à faina da lavoura de algodão da zona sertaneja dos Cariris. Na interpretação de um jornalista em reportagem, d'*O Estado de São Paulo*, o Talhado não pode, assim, confirmar-se a caracteres especialíssimos. Porque ele não é mais do que uma grande e longínqua *favela* no seu sentido mais positivo na concepção mais original e física. Uma grande favela rural, onde a morfologia, os costumes, os acidentes e o folclore negros se entremostam com variantes, apenas, das favelas cariocas... Apesar dos laivos visivelmente racistas do correspondente de *O estado de S. Paulo* podemos ver, pela parte informativa do seu trabalho, que, de fato, os negros da Serra do Talhado são restos de um antigo quilombo.

É oportuno afirmar que a hipótese do jornalista é rejeitada pelo povo do Talhado, como também nosso estudo não se propõe a verificar se a comunidade se trata de um quilombo ou não, apenas apresentamos algumas semelhanças.

Para CHIAVENATO (1987 : 158), os quilombos tanto podiam ser cinco ou seis casebres no meio da floresta, onde se escondiam alguns negros, plantando roças ou vivendo de frutos do mato, como organizações poderosas como Palmares, que chegou a ter 20 mil habitantes e uma eficiente força militar para defender-se dos ataques dos exércitos que tentaram destruí-lo. Os negros fugiam, reuniam-se e criavam uma comunidade no mato: surgiam roçados, casebres, organização política e social baseada na propriedade coletiva e uma força guerreira. Sempre perseguidos, mudavam freqüentemente de local. Essa era a base dos quilombos: a fuga da escravidão e a tentativa de estabelecer uma comunidade negra no meio do mato, autônoma e livre.

Considerando as dificuldades e opressão por parte da sociedade dominante, o que observamos é que a tentativa de formar uma comunidade à parte, significava uma busca de liberdade para os negros no exercício de suas atividades sem a interferência dos brancos.

Clóvis Moura (1993 : 49/50), no que diz respeito à economia dos quilombos enquanto trabalho cooperativo e comunitário mostra que:

“Além de um setor extrato-coletor, devemos destacar outro, o artesanal, em que eram produzidos cestos, pilões, tecidos grossos, potes de argila e vasilhas de modo geral para diversos usos...”

Dentro das semelhanças encontradas entre a organização do Talhado e os quilombos, vemos que o setor artesanal se destaca na comunidade, dada à importância que a cerâmica assume para o grupo.

Segundo Lima (1992 : 12/13) com o término da escravidão, os negros começaram a se reunir em grupos e a vivenciar a experiência de um sistema de posse da terra sob o signo da condição social de liberto.

Para Almeida (op.cit, 13) a ocupação das terras pelos negros adquire uma denominação específica, atrelados ao sistema de posse comunal que adotaram. Evidenciando a heterogeneidade das situações, tais como: terras de preto, terras de santo e terras de irmandade. As terras de preto “compreendem aqueles domínios doados, entregues ou adquiridos, com ou sem formalização da justiça, pelas famílias de ex-escravos a partir da desagregação das grandes propriedades monocultoras. São também assim qualificadas as extensões correspondentes aos quilombos, que permaneceram em isolamento relativo”. As terras de santo compreendem “a desagregação de extensos domínios territoriais pertencentes à igreja”, enquanto que as terras de irmandade

“constituem uma variação das formas de apossamento em antigos domínios da igreja”.

E continua a autora: “com o advento da lei de terras, no ano 1850, ocorre a proibição do acesso à terra por via que não a da compra e se estabelece pena para os que se apossassem da terra fora dessa disposição legal”. Lei direcionada aos brancos-brasileiros e estrangeiros para o acesso à terra, enquanto os negros passam a viver na iminência da perda de seus territórios.

Vemos que os trabalhos realizados a partir de 1970 têm como ênfase analítica a organização social em termos mais gerais, notadamente sobre os elementos que conformam a especificidade da reprodução sócio-cultural.

Desta forma, temos que “na constituição de espacialidades negras, a construção social revela a especificidade do grupo em relação à sociedade envolvente e propicia a experiência da alteridade. Assim é que o controle desses espaços por negros emerge como singularidade no contexto das relações sociais. Mediado por uma experiência marcadamente marginalizada desde a época da escravidão africana, o negro busca a superação das marcas do racismo através do agrupamento ‘entre iguais’”. (LIMA : 15)

Portanto, a territorialidade garante ao mesmo tempo um espaço de “ressurreição étnica”, de superação da solidão criada pela invisibilidade. Permite a socialização negra pela livre transmissão dos bens culturais. Sendo também um canal de transmissão e mecanismo de constituição de comunidades negras que transformam drasticamente as relações sociais, interna e externamente em termos da expressão concreta de um meio social negro. Internamente, a densidade de cor recupera o respeito, a consideração e a dignidade e, externamente, recupera a visibilidade enquanto zona de

homogeneidade racial relativamente resistente à força hegemônica que produz a invisibilidade dos outros segmentos étnicos ao nível social. Sendo assim, a territorialidade funciona como fator de defesa e força, propiciando a coesão do grupo.

No estado da Paraíba, além da comunidade do Talhado, temos conhecimento de que existem outras comunidades rurais de negros, tais como, a comunidade de “Pedra D’água” no município de Ingá; a comunidade do “Jacaré” e a de “Caiana dos crioulos” ambas em Alagoa Grande; “o Navio” na cidade de Coremas (que é um sítio de rezeiros em terras do DNOCS).

Nosso estudo conta com algumas referências que em muito contribuirão na compreensão da comunidade ao longo de sua trajetória sócio-cultural, tais como: o filme “*Aruanda*”⁶, primeiro documentário cinematográfico realizado por Linduarte Noronha, em 1960, quando a comunidade ainda se encontrava em situação de convívio isolado. A proposta era mostrar o Talhado como “uma comunidade formada por pequenas propriedades, um estado social fora à parte do país, que existe bibliograficamente e inexiste no âmbito das instituições”, enfim, uma comunidade marcada pelo analfabetismo, secas, fome e isolamento, fatores que a obrigavam a uma vida primitiva.

Por outro lado, além de folhetos, revistas, fotografias e vídeo; temos o estudo etnográfico da professora Dr^a Josefa Salete B. Cavalcanti realizado sobre o Talhado na década de 70, que traça um perfil da comunidade que nos permite uma visão geral de suas condições de vida; suas formas de organização social e de parentesco, as estruturas de produção, onde há um detalhamento do processo de confecção da cerâmica, e por fim, o mapeamento histórico, social e geográfico do grupo.

⁶ Este título significa “morada dos orixás”.

Buscamos também, a dissertação sobre outra comunidade rural de negros na Paraíba - Pedra D'água - localizada em Ingá, realizada pela professora Elizabeth C. A. Lima em 1992⁷. Este trabalho destaca os fatores caracterizadores da identidade étnica da comunidade, tendo como categorias analíticas as concepções de territorialidade, tradição cultural historicamente compartilhada, relações de parentesco enquanto elemento central na organização do grupo e a situação de alteridade, considerando o seu potencial político de ação, as suas estratégias de sobrevivência e o sentido das redefinições às pressões internas, bem como da superação dos conflitos advindos do contato interétnico.⁸

Entretanto, a questão da identificação do grupo do Talhado não é tão simples, pois não remete apenas à questão racial, ela está na ancestralidade comum, nos casamentos endogâmicos e na experiência histórica de vida em isolamento. Recentemente são constatadas transformações no âmbito da territorialização do grupo devido à dispersão provocada pelas migrações. E sobretudo na territorialização e desterritorialização ou reterritorialização em espaço urbano com a manutenção de vínculos com o território de origem. Esses processos geram modificações na identidade étnica que também sofre um processo de desconstrução e reconstrução.

Para isso, em nossa análise a seguir, partiremos do exame dos espaços de caracterização da comunidade rural e na complexidade atual de sua reterritorialização em dois espaços urbanos.

⁷ Única dissertação sobre comunidades negras existem neste Mestrado, fato lamentável, tendo em vista a existência de um grande número dessas comunidades em nosso Estado.

⁸ É interessante registrar que as duas pesquisadoras citadas são de cor branca, o que de certa forma, demonstra a predominância de pessoas de cor branca nos meios universitários e o pouco compromisso com a causa dos negros em nossa sociedade.

CAPÍTULO - 2

O TALHADO - ESPAÇO E HISTÓRIA

2. O TALHADO - ESPAÇO E HISTÓRIA

2.1 - Ambiente rural

2.1.1 - A memória social sobre a origem da comunidade

Existem várias versões sobre a origem da comunidade do Talhado. Tentaremos discorrer sobre algumas dessas versões na tentativa de entendermos melhor como se deu a constituição desse grupo, sem no entanto, apontarmos a verdadeira origem, tendo em vista a falta de documentos comprobatórios para tais fins.

Segundo afirma Clésio S. Ferreira em reportagem intitulada “A cultura da serra do Talhado” (Revista Cultura, jul./set., 1981), os relatos de moradores são a única fonte de identificação da origem da comunidade, cuja importância histórica foi descortinada com o filme “Aruanda”, chegando a identificação de José Carneiro Bento como o ancestral comum da comunidade. Com base em depoimentos dos mais idosos membros do grupo, conclui-se que fora ele um escravo alforriado que ali aportou em meados do século passado.

Apontando relatos mais remotos, a mesma reportagem informa que os moradores do Talhado dizem pertencer a duas partes: “Tem a parte do caboco e tem a parte do negro do Piauí. Do Piauí veio Joaquim Carneiro, Mané Bonifácio, um chamado Clementino”. No estado de origem vivia de “Trabalhar em fazenda e matar gente”. Na Paraíba, “carregou Cândida Gomes, filha de Cota de Caiçara, cabocla brava, alva de olhos azuis, que foi pegada no rio São Gonçalo, a casco de cavalo e a dente de cachorro, no olho de uma caibeira”.

Uma segunda versão sobre a origem da comunidade aponta para uma ascendência indígena dos moradores do Talhado, reforçada pela atribuição de algumas características indígenas, nos costumes, no linguajar “cantado”, e na atitude “cismada”. A hipótese é, segundo esta reportagem, a preferida pelo então fundador e diretor do Museu Municipal Mobraal de Santa Luzia, Jeová Batista. O que parece ser uma tentativa de fugir ao estigma de negro e de escravidão.

Entretanto, vemos que atualmente esta hipótese ainda aparece em outras falas, sempre de pessoas de fora da comunidade como a do presidente da Irmandade do Rosário que afirma:

“O povo do Talhado é um povo que não se une com ninguém, só com eles mesmos. Um povo que parece que é índio. Sei lá como é aquele povo!?!...” (PAULINO, 79)

De acordo com CAVALCANTI, Zé Bento era agricultor e carpinteiro, mudando-se da Pitombeira, município de Várzea, para o Talhado, onde a madeira era mais abundante. Chegando à serra, a mulher de Zé Bento encontrou bom barro e a possibilidade de desenvolver o fabrico da cerâmica, arte transmitida de geração em geração pelas mães a suas filhas.

Poucos são os moradores do Talhado que se dispõem a falar sobre a origem do seu povo, afirmam que já foram muito enganados por pessoas que os procuram com promessas que não são cumpridas e dizem que quem sabia contar a história eram os mais velhos e que já faleceram. Um dos entrevistados justifica esse fato da seguinte forma:

“Os mais velhos não dão entrevista de jeito nenhum nem querem tirar foto, nada. Porque enganaram muito, prometeram muita coisa e não fizeram nada, aí muitos até ficaram ignorantes, sai com ignorância, por causa de gente ruim, promete que vai trazer isso e aquilo e desaparece e nunca mais volta nem traz nada, quando chega uma pessoa assim para falar, para conversar sobre a história do Talhado a gente diz que não sabe nada...” (DVALCI, 41)

Outro completa acrescentando que:

“Essas histórias do Talhado quem contava era Severino de Antonia... esse povo já morreu, eu não sei contar essas histórias velhas não, também já está escrito, já pegaram essa história todinha... já saiu em jornal, em revista...” (SEBASTIÃO BRAZ, 71)

Os que se dispõem a comentar o assunto corroboram com a versão mais comum encontrada, ou seja, a que afirma ser Zé Bento carpinteiro, oriundo da Pitombeira, o primeiro habitante do Talhado. Vejamos:

“O primeiro morador do Talhado foi o meu bisavô, por parte de pai, Zé Bento Carneiro era pai da mãe do meu pai, Josefa Carneiro. Ele era comedor de madeira, trabalhava com madeira o lugar dele era a Pitombeira, aí deu a Pitombeira pelo o Saco, vendeu e foi embora, subiu a serra, foi morar e lá arrumou sítio e deixou pra nós. O pai do meu pai nasceu e morava na Pitombeira...” (ELVIRA, 94)

“Eu tenho uma orientação que esse nosso terreno do Talhado, não era lá não. Isso era lá na Pitombeira. Lá habitava o finado Zé Bento, morava lá na Pitombeira, nesse tempo ele vivia da caça do mato, de abelha, e trabalhava nesse serviço de madeira, aí o finado Zé Bento foi, pegou essa terra dele lá na Pitombeira e foi pro Talhado e lá assentou esse povo e ficou matando mocó, preá, trabalhando em madeira, essa outra parte

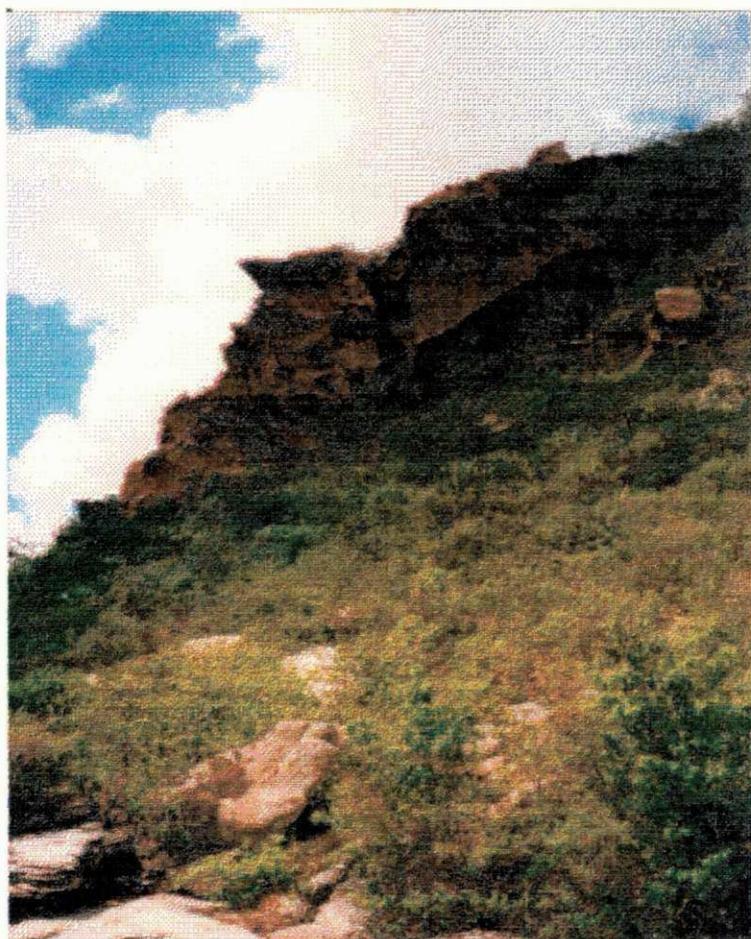
trabalhava em louça e nisso o povo tá todinho. Essa parte do povo da Pitombeira e Talhado é uma família só, tudo misturado, mas a nossa parte de terra do finado Zé Bento era aqui junto de Várzea pra cá, na Pitombeira".(PAULINO DO TALHADO, 78)

É interessante ver a importância especial que tem a terra para os moradores do Talhado, esta aparece como herança fundamental que não deve ser esquecida pelos membros do grupo, uma vez que este é um aspecto primordial que garantiu a sua sobrevivência.

A madeira, por sua vez, era a principal atividade do primeiro habitante do Talhado, o que leva a crer, por parte de muitas pessoas, que o nome da comunidade seja devido ao trabalho de talhar a madeira. Entretanto, o ofício do primeiro morador não fez com que esta atividade se tornasse tradicional entre os moradores da comunidade, como é o caso da cerâmica.

2.1.2 - A comunidade no espaço geográfico (população)

A Serra do Talhado está a aproximadamente 700 metros de altitude e fica a 26 quilômetros ao sul da sede do município de Santa Luzia⁹, tendo como acesso principal uma estrada de terra. Os sítios que formam a comunidade do Talhado são os seguintes: Olho D'água do Talhado, Riacho Grande (os mais populosos), Macambira, Queimada, Balanço, Oiticiquinha, Serrinha e Pedra Redonda¹⁰.



Pedra do Sítio Olho D'água do Talhado

⁹ Ver mapa - 1 em anexo.

¹⁰ Ver mapa - 2 em anexo.

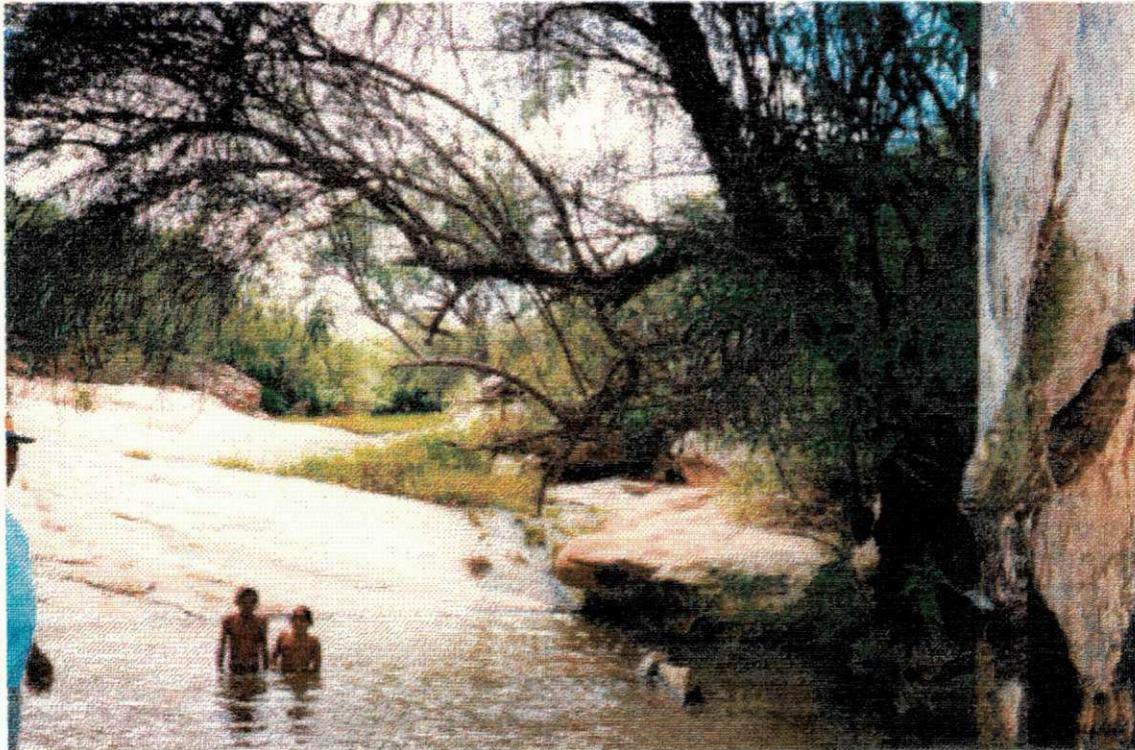
Segundo CAVALCANTI (1975), a denominação geral (Talhado) é utilizada por indivíduos estranhos ao grupo e por aqueles que o compõem, quando falando com pessoas de fora; internamente, entretanto, permanece a divisão nominal dos sítios. Localmente esta denominação deve-se à existência de um penhasco - grande pedra talhada - no alto do olho d'água. Enquanto, etimologicamente, a palavra *talhado*, significa “cortado, adequado, ajustado, coagulado; s. m. (bras.) precipício, despenhadeiro; trecho de um rio, apertado entre margens barrancosas e talhadas a pique”.



Paisagem vista do alto da Serra do Talhado

Os dados sobre a população do Talhado, segundo a dissertação de Cavalcanti mostram que em Julho de 1973, a população do Talhado era de 459 habitantes assim distribuídos: 76 homens, 83 mulheres, 143 crianças do sexo masculino e 156 do sexo feminino, enquanto que em 1981 o sítio contava com

cerca de 800 pessoas. Existem na comunidade 2 escolas: uma mais antiga e desativada que funcionava num prédio construído em 1968 pelo Governo do Estado e outra construída a cerca de 10 anos pela prefeitura, (atualmente a única) funcionando com cerca de 70 alunos. Existe também um posto médico que praticamente não funciona e localiza-se ao lado da escola, vizinho à casa do sr. Sebastião Braz uma das lideranças da comunidade. Atualmente, ou seja, de acordo com o Censo Rural de 1996 realizado pelo IBGE, a população urbana do município de Santa Luzia é de 11.705 habitantes, enquanto a população rural é composta por 1.568. No Talhado, de acordo com um levantamento feito pela Secretaria de Saúde do município em Agosto de 1998, existem 151 pessoas, sendo 77 do sexo masculino e 74 do sexo feminino, distribuídas em 40 famílias e a população do Talhado residente na cidade está estimada em mais de mil pessoas.



Olho D'água do Talhado

2.1.3 - Organização social e relações de parentesco

Para abordar a organização social do Talhado buscou-se subsídios no estudo de Cavalcanti, onde pudemos detectar que esta era uma comunidade em situação de semi-isolamento, com organização política própria, onde predominavam os princípios de parentesco e descendência, e relação de patronato. A organização do Talhado estava relacionada com as suas origens. A regra de residência predominante era a uxorilocal, isto é, os homens ao se casarem deixam a casa dos pais e passam a morar com a família de suas mulheres. Normalmente estes casamentos eram realizados entre primos, ou seja, entre pessoas pertencentes ao mesmo grupo, facilitando a coesão do grupo e a permanência no seu território. A partir destes dados podemos perceber e/ou caracterizar no grupo um elemento da identidade étnica, tendo em vista, que o que faz com que os habitantes do grupo se considerem pertencendo ao Talhado, seja o grau de parentesco, a posse da terra e a confecção da cerâmica, e sobretudo a situação de alteridade em relação aos brancos e negros da cidade.

Os habitantes da comunidade se consideram pertencentes a uma única família de modo que, quando se referem à outra comunidade, sempre tomam seu próprio grupo como “minha família”, “nossa família”. É interessante observar, que as relações, na comunidade, além de girarem quase sempre em torno da família se contrapondo aos demais grupos, politicamente estas relações estavam centradas na figura de um chefe que era proprietário de uma “bodega” e que, além de desempenhar o papel de apaziguador de conflitos entre os membros do grupo, era também ele quem emprestava dinheiro em ocasiões como doenças, enterros, festas de casamentos e apadrinhava muitos filhos de pessoas da comunidade, enfim, uma pessoa considerada de

conhecimento, “que entendia dos negócios”, um amigo, sendo estes critérios válidos e usados pela comunidade na escolha de suas lideranças.

Vale assinalar que este chefe continua a ser uma pessoa importante para a comunidade, ele permanece como uma referência para quem se dirige à serra buscando algum contato ou informação, além de ainda ser chamado de “líder do povo do Talhado” por muitos moradores da cidade e ser sócio-fundador da associação, ele participa ativamente nas atividades desta associação, que algumas vezes realiza reuniões em sua própria casa, alegando-se a localização privilegiada em relação a proximidade da escola e a distância das outras casas.

Ainda hoje encontramos na comunidade a prática de casamentos entre primos e as explicações são muitas a esse respeito, ou seja:

“Casamento aqui é um milagre, quando acontece um, sempre se casa com família. Acho que é por causa da discriminação, nem os rapazes de fora querem as moças, nem as moças daqui querem casar com os rapazes de fora, é muito difícil uma moça daqui casar com rapaz de fora”. (GILVANEIDE, 30)

“Sempre se casa família com família, é difícil casar com um estranho, acho que é o sangue que se combina. Os de fora parece que não querem. É sempre assim, tudo família”. (BÁ DE VENTURA, 43)

Quando perguntados se existem casos de pessoas da comunidade casadas com pessoas de fora, eles afirmam que:

“Sempre existe, tem uma, minha irmã, a mais nova, casada com um cara aqui da rua. A maioria da gente do Talhado casa com primo, prima, é mais os que ainda estão lá no sítio”. (CÉU, 28)

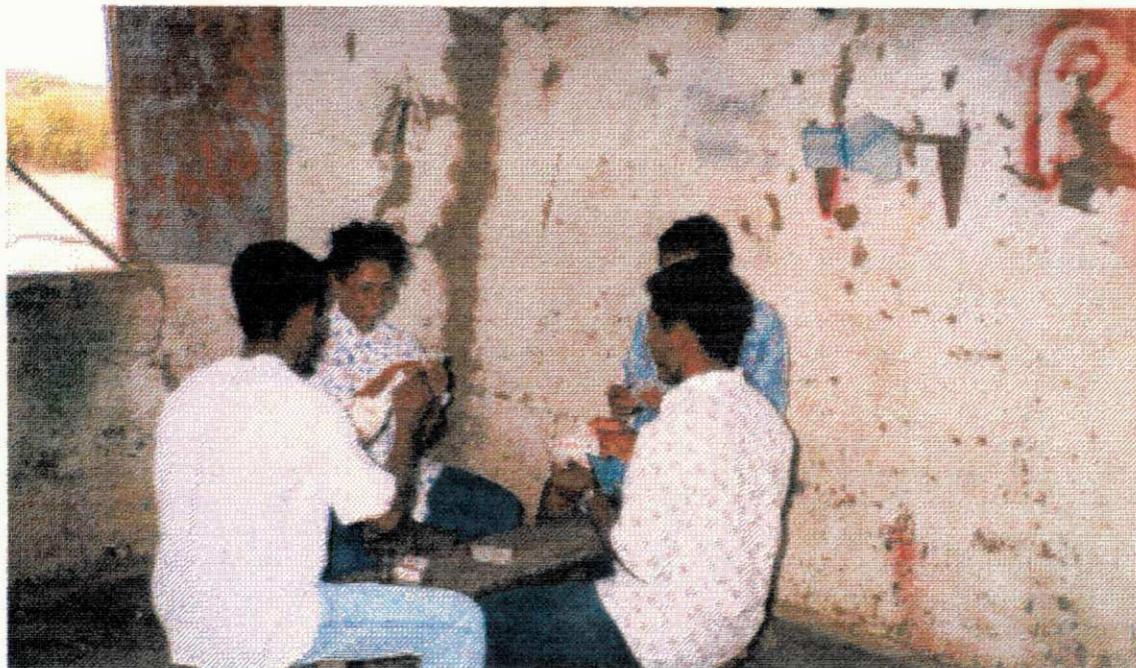
“Meu marido morava no Talhado, mas a mãe dele, eles são de João Pessoa, o pai dele ainda é família da gente, mas não quer ser. Ele quer ser mais do que os outros”. (CÉU, 28)

Notamos que além da discriminação apontada como fator que dificulta os casamentos com pessoas de fora, talvez por essas pessoas receiarem ser confundidas como pessoas do Talhado, casar entre família parece ser mais cômodo e comum entre os que se encontram na zona rural, enquanto que os que moram atualmente na cidade já encontram mais facilidade neste aspecto.

Em paralelo a esta situação encontramos também entre os próprios membros da comunidade, pessoas que se recusam em determinadas ocasiões como quando estão diante de pessoas de fora, em serem consideradas do Talhado. É o caso dos filhos do conhecido chefe da comunidade, talvez por terem uma condição financeira melhor do que o restante dos membros da comunidade e terem morado fora, daí sentirem na pele o peso da discriminação, eles se negam a falar sobre sua origem talhadina embora mantenham os vínculos com os colegas do grupo e seus familiares, tratando-se assim, de um caso típico de manipulação de identidade.

Vemos que, no Talhado, a posse da terra pelos membros da comunidade se dá pelo sistema de herança por partilha e se constitui um bem de necessidade simbólica para a sobrevivência do grupo. Segundo Cavalcanti, a terra pertencente ao ancestral foi sendo pouco a pouco repartida através do processo de segmentação. Tal repartição foi efetuada de acordo com as normas do grupo; a oficialização só ocorreu em 1928, com a realização do inventário, tendo os mesmos, portanto, a escritura de suas terras. Percebemos então, que atualmente existe, por parte de alguns, uma preocupação em manter a propriedade da terra no Talhado, embora outros tenham vendido a parentes,

neste caso a terra continua pertencendo a membros da mesma comunidade, assegurando que não entrem pessoas estranhas ao grupo no território.



Jogo de cartas entre pessoas da comunidade

2.1.4 - O cotidiano e a organização da sobrevivência

A vida simples do povo do Talhado na zona rural é marcada pelas dificuldades de conseguir trabalho, água, precariedades da escola e dos transportes. Uma luta pela sobrevivência que atravessa a existência desse povo que luta por uma vida melhor e tem seus sonhos barrados pela realidade de uma constante espera. Como eles mesmos expressam:

“É difícil trabalho, difícil demais. O que falta no Talhado é a água, a energia chegou, é difícil pegar água porque é longe. Lá no sítio se eles tentassem

botar um motor... porque um motor na seca dá para botar água dentro da casa diretamente, o cara se esforça muito carregando água”. (NILTON, 18)

Uma mostra das dificuldades enfrentadas pelo povo do Talhado é que só em 06 de Abril do ano passado - 1997, foi inaugurada pelo governador José Maranhão a energia elétrica da comunidade através do Programa de Eletrificação Rural, embora a energia não tenha chegado a todas as casas existia a promessa da continuidade do programa em janeiro de 1998, o que ainda não aconteceu. Apenas três residências possuem televisores e o único telefone público existente fica localizado no Pinga, um dos sítios que fica vizinho à comunidade.

“Quando adocece um, tem uns meninos aí que fretam um carro, aqui tinha uns oito carros ou mais, mas aí eles foram vendendo, vendendo, só resta aqui hoje mesmo, aqui em cima (na serra) dois carros”.(DVALCI, 41)

A situação também se mostra difícil para os que sempre viveram melhor economicamente como diz o sr. Sebastião Braz, ex-proprietário de uma “bodega” e líder da comunidade muito conhecido na região. A sua mercearia não existe mais, entretanto, na casa da filha funciona um ponto de venda de cachaça que não deixa de ser um local onde se reúnem os homens da comunidade para beberem, como faziam no tempo da mercearia lá existente. O sr. Sebastião Braz nos mostra como vive atualmente:

“Eu sou aposentado, eu e a mulher e vivo de criar, quando me aperto vendo uma vaca, um bode, um porco, assim vou vivendo. O Talhado toda vida teve essas dificuldades, mas agora está pior do que outros

tempos, o pior é a falta d'água". (SEBASTIÃO BRAZ, 71)

Atualmente a maioria dos moradores do Talhado vive da aposentadoria dos mais velhos e de favores de parentes, políticos e amigos. Portanto, é no âmbito da unidade familiar que se dá o cotidiano dessa gente. Para os que estão na zona rural o dia a dia é marcado pela busca de água, o trabalho no roçado e as conversas à noite, muitas vezes ao “pé do rádio”, já que a televisão ainda é um bem de poucos moradores do lugar.

Como base da estrutura econômica local, vemos que tradicionalmente ao homem cabe a agricultura, às mulheres, a cerâmica. Enquanto o milho, o feijão e o algodão, eram os produtos agrícolas cultivados na comunidade. Atualmente, o milho quase não se cultiva mais, o feijão destina-se ao consumo e o algodão é vendido fora.

“O que a gente planta não dá para vender não porque nós plantamos pouco, porque nós não temos condições de tratar, nem tem também o que plantar. Nós compramos pouco, mas dá sempre para comer uns dias, tem muita terra mas não tem com que trabalhar, botamos um roçadinho e ficamos esperando que Deus mande um inverno”. (RITA, 55)

Como vemos, a esperança num inverno é primordial, a falta de sementes e de incentivos por parte do governo é fundamental para o desenvolvimento da agricultura, ficando a produção apenas para o consumo da família.

“A agricultura acabou-se, empréstimo no banco não tem, ninguém pode fazer, se fizer não paga porque não tem com que. A agricultura caiu, é por isso que o povo está indo embora para a rua”. (SEBASTIÃO BRAZ, 71)

Quem fez empréstimo em banco teve dificuldades para pagar as dívidas e vive basicamente da aposentadoria que ajuda a sobreviver no sítio sem ter

água suficiente para plantar. As queixas são inúmeras mas apesar dessa situação para alguns que ainda insistem em ficar na zona rural ir para a cidade só em último caso.

“O Talhado é melhor do que a cidade porque aqui o sítio é da gente aí a gente não vive tão bem porque é pobre. Tem a falta d'água, é muito difícil, mas a gente vai pegar assim mesmo e traz porque nós somos 'carrego' mesmo... a gente merecia que Deus desse uma ajuda a nós, pelo menos enquanto muita gente aqui possuía carro, mas hoje só tem dois. Quando vai já é com a família. Ainda que a gente tenha o dinheiro não tem carro para carregar a feira, aí a gente sofre mesmo. (RITA, 55)

A referência à dificuldade com transporte do Talhado para a cidade em caso de doença e no transporte de mercadorias ou simplesmente no caso de se deslocar para o alto da serra, constitui uma preocupação básica entre os moradores do grupo, pois com a saída de muitas famílias para a cidade, entre elas algumas que eram proprietárias de automóveis, a dificuldade de locomoção aumentou. E continua:

“Porque eu vou para Santa Luzia?! eu estou assumindo o sítio que minha sogra deixou para mim, então a gente vai assumindo o sítio que possa que não possa, porque deixar cair é pior, porque se a gente for embora para a rua era mais fácil a água, era mais fácil um dia de serviço quando arrumasse. Então aqui é desse jeito, se tiver come e se não tiver não come. Porque não tenho um meio de nada, só tinha a louça, hoje parou; é muito pouca gente que faz”. (RITA, 55)

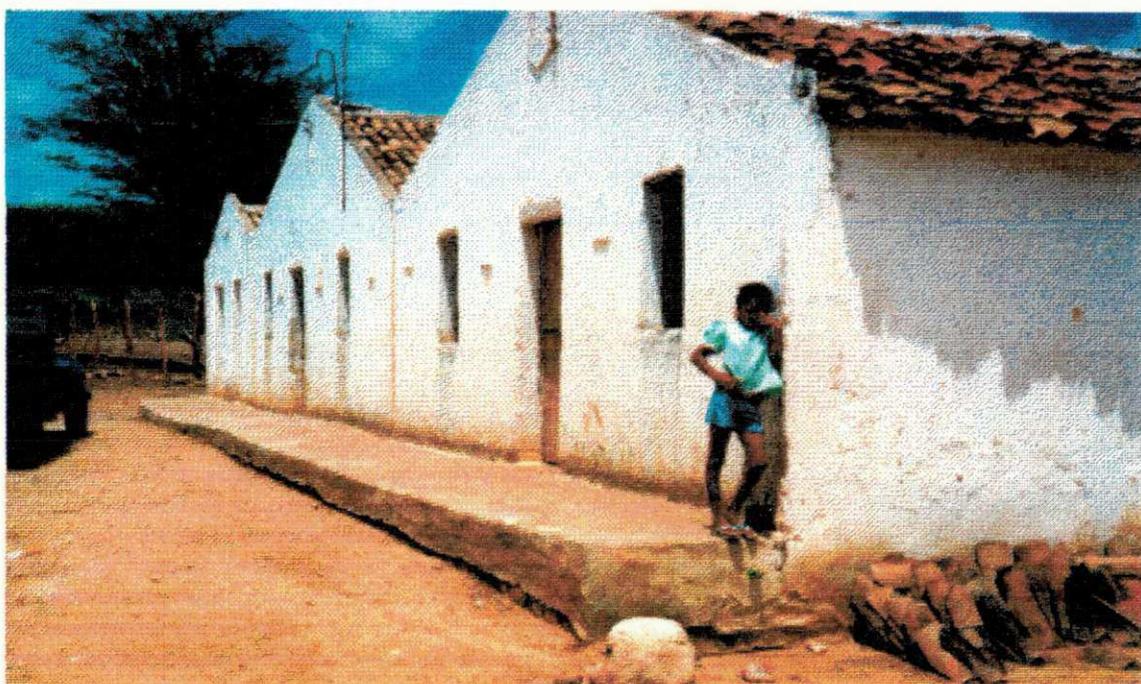
Enquanto uns resistem às dificuldades no campo, outros perderam a esperança de melhora já que as ações dos políticos junto à comunidade são mínimas. Muitos foram prejudicados com os empréstimos no banco devido aos juros altos e a falta de condições de assumir tais empréstimos, não permite que os mesmos se transformem em benefício para a comunidade.

“Lá não tem jeito não, só se fosse o negócio da agricultura; eu mesmo fiz muito negócio no banco com juro barato, aí é muita coisa, só faz negócio no banco para criar, quem tem muita terra. A pessoa que possui 20, 30 hectares de terra pode criar?! Faz negócio no banco e não pode pagar, pagar com que?! (MANOEL, 59)

Atualmente dois carros-pipa levam água para a comunidade; o poço e um catavento existentes no Talhado que deveriam ajudar na falta d'água, no momento estão desativados devido a defeitos no catavento. Tendo em vista ao agravamento recente da seca na região, as pessoas alistadas na frente de emergência, receberam cestas básicas doadas pelo governo do Estado e trabalham no melhoramento da estrada recebendo R\$ 80.00 mensais.



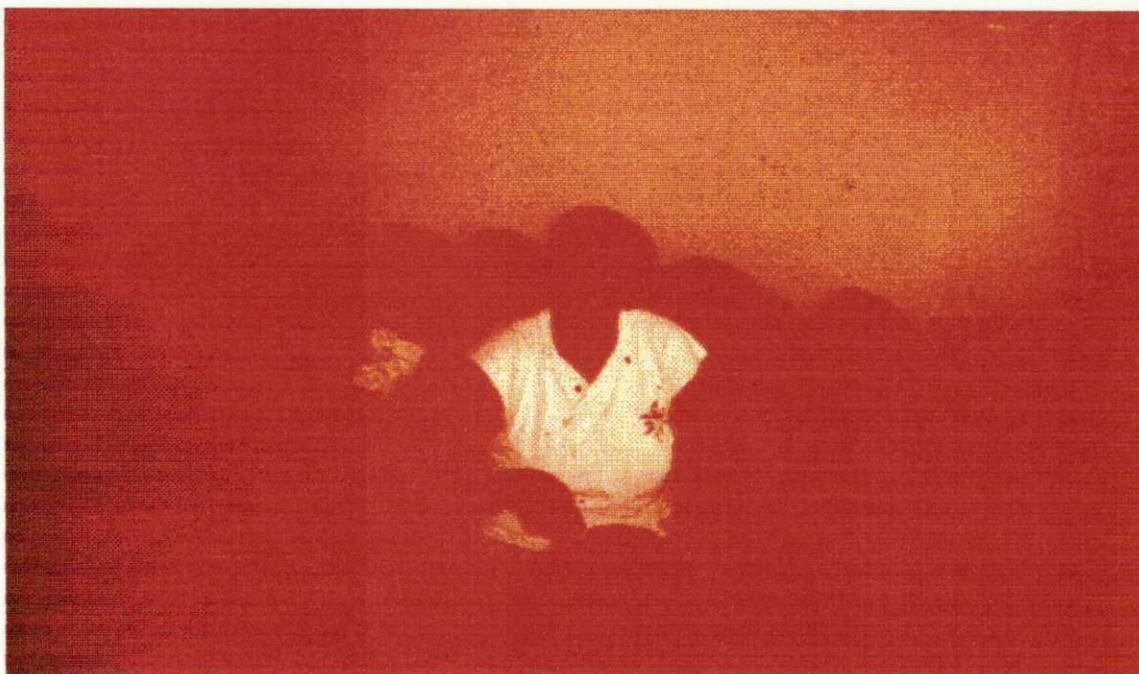
Aspectos da construção das casas no Talhado



Casas de tijolos também encontradas no Talhado em menor quantidade

2.1.5 - A cerâmica

Uma das principais características do povo talhadino é a atividade da cerâmica praticada tradicionalmente pelas mulheres que ajudavam no orçamento familiar, quando a agricultura, que é a atividade de subsistência do grupo, realizada em sua grande maioria pelos homens, não dava para cobrir as despesas da família. Constituía-se assim, numa forma de ajuda por parte das mulheres aos maridos.



Louceira no trabalho da confecção da cerâmica

O processo de sua confecção se dava de segunda à sexta no Talhado, quando estes desciam a serra para a comercialização das peças de cerâmica na feira do sábado em Santa Luzia. O meio de transporte das louças utilizado pelos moradores do Talhado para a feira da cidade era o jumento, passando depois a ser usado o jipe ou camioneta.

Atualmente, no Talhado quase não se faz mais cerâmica para venda, quem ainda a produz, o faz para uso próprio. A cerâmica pode se constituir na prática de um saber partilhado entre as mulheres que teve e tem sua aprendizagem realizada pela observação dos trabalhos junto à louceira, como afirma Cavalcanti:

“Desde criança, as meninas observam o processo de confecção, ajudando às suas mães em trabalhos de natureza mais simples, como peneirar a areia”. (p. 43)

Na zona rural quase nenhuma mulher fabrica a cerâmica, elas explicam que não têm mais condições porque o ganho é pouco, como afirma esta:

“Sei fazer, mas não estou fazendo porque não tem condição mais não, estou doente do espinhaço de fazer louça e de limpar mato, então eu queimo mato, coivara, faço tudo, agora a gente fica pensando: fazer um negócio sem resultado! porque quando era o fim do ano, não arruma nada, ai volta a sofrer, não compra roupa, não compra nada, ai fica meio difícil pra nós aqui”. (RITA, 55)

A pequena quantidade de cerâmica que ainda é produzida no Talhado muitas vezes é vendida lá mesmo, como diz um informante: “não tem condições de trazer para Santa Luzia, a vendagem é pouca” e aponta o aparecimento dos utensílios de alumínio como fator de queda no comércio do produto.

Sendo uma das poucas pessoas que ainda produz cerâmica no sítio do Talhado, um homem, tem atualmente a cerâmica como sua atividade exclusiva e nos conta as razões que o levaram a se transformar em ceramista:

“- (risos) Trabalho que não existia e a obrigação. Foi o seguinte: Minha mulher estava gestante aí teve uma encomenda, foi na vez que ela ganhou o menino, aí não tinha quem comprar... eu tentei fazer, levantei dois meio tortos pra lá e pra cá - pote, né? Outras coisas eu não fazia não, aí fiz os dois, ela me ensinando, me dando o jeito somente, porque ela não podia, aí fui levantei, acabei os dois, no outro dia eu pisei o barro, molhei, continuei e levantei três, eram vinte e cinco para eu fazer, eu sei que fiz quinze, aí fui na casa de minha sogra, ela fazia também, antigamente, aí tinha dez aí completei os vinte aí eu fui levar e aí comecei. Na queimação só saiu vinte, aí eu fui levar e aí comecei. Ela faz também, mas agora parou porque está adoentada vai fazer uns exames, vai se operar, temos sete filhos. Isso que eu faço todo mundo diz, isso é serviço para homem!... isso é negócio pra mulher, e tal, não sei o que... Dizem que aqui no Rio Grande do Norte, tem uma fábrica que lá faz na forma (tá vendo isso aqui nos dedos, é o barro com areia e terra que faz isso a gente faz na mão), dizem que pra lá são só os homens quem faz, mas é na fôrma... É um trabalho comum, mas aí o povo acha que é um trabalho feio para um homem, eu só faço porque não tem trabalho, se não... eu não fazia não. Se tivesse um emprego para mim já tinha saído fora, porque não tem vendagem, antigamente tinha, quando eu comecei... essas peças que eu disse a você eu vendi num jipão que trouxe, aquele de quatro portas, eu vendi dezoito e trouxe a carroça cheia de mercadoria e o bolso cheio de dinheiro, e hoje faço uma carrada para apurar 100 reais e não faço uma feira. Faço desde 1985, vai fazer treze anos que eu faço essa mercadoria, que eu aprendi a fazer por necessidade, que eu não tinha

outro rumo para viver, aí eu digo, minha mulher não vai passar necessidade, de resguardo, aí comendo com o que eu vendi e foi uma feira que passei mais de mês comendo. O resguardo ela passou bem, tranqüila, e hoje não está dando, ela está doente vai se operar de vesícula e eu tenho que me virar. Tenho dois filhos de maior, uma casada que está no Ceará, os mais velhos estão no Ceará e os outros estão comigo em casa".
(BÁ DE VENTURA, 43)

A explicação dada por este informante demonstra o quanto é estranho para as pessoas do Talhado, um homem trabalhando em tal atividade, pois ele só a exerce por falta de outro trabalho e devido à necessidade premente, caso contrário, estaria em outro serviço.

Como acontece com as rendeiras em outras comunidades do Nordeste, um homem só trabalha em atividades naturalizadas como femininas em caso excepcional, tendo que enfrentar o preconceito da maioria das pessoas.

2.1.6 - Formas de organização política e econômica - a cooperativa

A ação política do grupo do Talhado resumia-se à relação clientelista com os políticos durante os períodos de eleição. Essa ação política sofre uma mudança importante com a criação da cooperativa.

A distinção e confusão existentes entre as atividades políticas e profissionais dos candidatos são percebidas e criticadas no depoimento abaixo, mostrando que além dos problemas sociais e econômicos enfrentados na cidade, o povo se vê na obrigação de trocar seu voto por favores, se deparando com a falta de responsabilidade política dessas pessoas que se dizem representantes dos mais carentes.

“Aqui tem dois médicos que são queridos, primeiramente o deputado Antonio Ivo, segundo, Ademir Moraes, eles como médicos são uns bons médicos. Como políticos não valem nada, entendeu? Porque eles dão colher de chá demais aos outros, porque eles como políticos ou como médicos, eles chegassem e dissessem: Eu sou médico, eu não faço questão de operar por dinheiro, agora eu como político também se você quiser votar em mim vote, que eu também não vou dá dinheiro a ninguém não, mais ele chega e são o seguinte: um que puxa o voto do outro, entendeu? aí foi a desgraça do Talhado, aqui tudinho só foi nessa, se ele tivesse dito: não eu não dou, o pessoal do Talhado tava todinho aqui entendeu? Estavam tudo aqui, mais ele como médico, político, eles como médicos são bons, agora como políticos não valem nada, agora tanto faz um como o outro, eu não voto mais em ninguém. Porque lá em casa tem um bocado de voto, eu vou dizer: não, meu filho, vote não! Vote não que eles não merecem, os caras votam,

porque tudo que tem política no meio só vai de água a baixo, entendeu?" (MANOEL, 59)

Percebemos ainda que são muitas as conseqüências causadas pelas atividades dos políticos que, na tentativa de se elegerem, se aproveitam da situação de pobreza, sofrimento e falta de informação para os enganarem, entretanto a situação pode mudar, mesmo que seja através da revolta ou do desespero como vemos na fala de seu Manoel quando o mesmo aconselha o filho, para como ele, não votar mais em ninguém.

O presidente da associação que funciona na zona rural, pelo fato de ser agente de saúde e residir na cidade, também é cobrado pela representante do galpão que vê nele uma liderança que pode fazer alguma coisa pelo povo do Talhado em geral, sem distinção entre os que se encontram no campo ou na cidade. Para ela o prefeito já ajudou muito, dava colchão, feira etc., mas o presidente da associação, no seu entender deve ajudar mais, pois ele trabalha na área da saúde e vive em contato com os políticos.

A cooperativa que foi organizada pelo povo do Talhado juntamente com técnicos da Emater, constitui-se numa forma organizada de reivindicar melhorias para a população da comunidade.

Registrada como cooperativa e denominada de Associação do Núcleo de Integração Rural do Talhado - ANIRT, esta foi fundada em 30 de Janeiro de 1994, tendo estatuto próprio e toda a documentação legal para o funcionamento de suas atividades.¹¹

O presidente da entidade reeleito este ano, é Pedro Severino de Andrade, 41 anos, viúvo, com 1º grau completo é Agente de Saúde de Santa

¹¹ Ver Ata da fundação e Estatuto em anexo.

Luzia e membro do grupo que agora reside na cidade. Segundo ele, muitas são as conquistas já realizadas através dessa cooperativa, um exemplo é a chegada da energia elétrica e projetos de irrigação com a construção de uma barragem.¹²

Pedro nos fala sobre os objetivos e a fundação da associação e de sua escolha para ser o presidente:

“A gente tem que lutar pelo Talhado, por coisa melhor, agora só que a dificuldade é muito grande, os homens não se interessam rapaz, a gente só se interessa e os políticos não, o interesse da gente sem condição financeira não vai levar nada a frente, né?”

Sobre a fundação da associação e número de associados:

“A associação foi fundada em 30 de janeiro de 94, aí de lá pra cá tem sempre trabalhado, mas sempre a dificuldade é imensa, isto é, a gente nunca encontra uma facilidade pra nada, uma ajuda de nada. Tem uns 30 associados, aqui são 40 famílias com 140 pessoas morando aqui ainda. A gente se reúne, o pessoal sempre eles entendem a associação, só que a gente tem dificuldade por parte do poder público, acho que eles não têm interesse de ajudar, né?!”

Sobre sua escolha para presidente da associação e as atividades desenvolvidas pela mesma:

“É porque já trabalhava de agente comunitário aqui, né! Aí eu convoquei uma reunião, que é nessa associação. Ela foi a fundada em 94, aí ela começou a funcionar mesmo em 96. Entrou um presidente e ele nunca se interessou por nada, nunca registrou, porque tinha que registrar o estatuto, tinha um bocado de

¹² Ver em anexo a relação das pessoas contempladas com a energia elétrica e mapa das residências, confeccionado pelo presidente da cooperativa numa representação livre da ordem de moradias no Talhado.

burocracia que a gente tem que fazer, aí, ficou parado durante 2 anos. Aí em 96 a gente começou a funcionar, aí foi quando arrumaram essa energia pra cá, e tem a promessa de adquirir mais energia. Tinha um projeto de uma barragem muito grande aqui no Talhado. Se acontece dela ser feita, depois dela enchendo, 5 anos de seca garantido ela não seca. Tudo isso a gente tá tentando arrumar por meio da associação e agora os moradores sempre participam tem muitas pessoas nas reuniões e participam na mensalidade paga todo mês 1 real. Sempre a gente aqui quando tem uma festinha, dia das mães, dia das crianças, natal, todo mês a gente tá tendo missa, antes não tinha, agora a gente organiza aqui, todo mês tá tendo missa, as festinhas e um forró, que o pessoal gosta de brincar e estamos tocando a vida pra vida, se Deus quiser a gente chega lá, né!?” (PEDRO, 41)

Sebastião Braz que sempre foi considerado uma liderança local é também fundador da associação, que às vezes realiza reuniões em sua casa. Sobre a sua participação na associação ele afirma que:

“Essa associação é lá em casa, a bem dessa associação que nós criamos, veio esse projeto Cooperar¹³ e nós temos a energia...” (SEBASTIÃO BRAZ, 71)

Além desses citados, muitos outros membros da comunidade que moram no sítio, depositam suas esperanças na organização dessa associação, principalmente pela promessa da realização da segunda etapa de expansão da energia elétrica que beneficiou primeiramente apenas alguns moradores.

¹³ O projeto Cooperar, segundo cartilha da organização do projeto, é uma ação do Governo da Paraíba, dentro do Programa de Combate à Pobreza Rural, desenvolvida com recursos do Banco Mundial e contrapartida do Tesouro Estadual, com o objetivo de dar todo apoio aos projetos comunitários, localizados nas áreas rurais do Estado.

**QUADRO EXPLICATIVO DE REIVINDICAÇÕES
E CONQUISTAS DA ASSOCIAÇÃO**

01	Construção de uma barragem	- não atendida (projeto elaborado)
02	Eletrificação	- atendida em parte.
03	Telefone público	- não atendida.
04	Motor-bomba	- não atendida (falta energia elétrica no local).
05	Sementes	- atendida, mas foram perdidas com a estiagem.
06	Missas	- atendida.
07	Carro-pipa	- atendida.
08	Recuperação da escola do Estado	- não atendida.
09	Máquina de escrever	- não atendida.

Apesar de ainda serem poucas as conquistas da associação, ao nosso ver, esta tem o papel de fortalecer o grupo perante à cidade e as instituições públicas e, dessa forma, ajudar a reafirmar a sua identidade.

2.1.7 - O lazer: as festas, jogos e brincadeiras

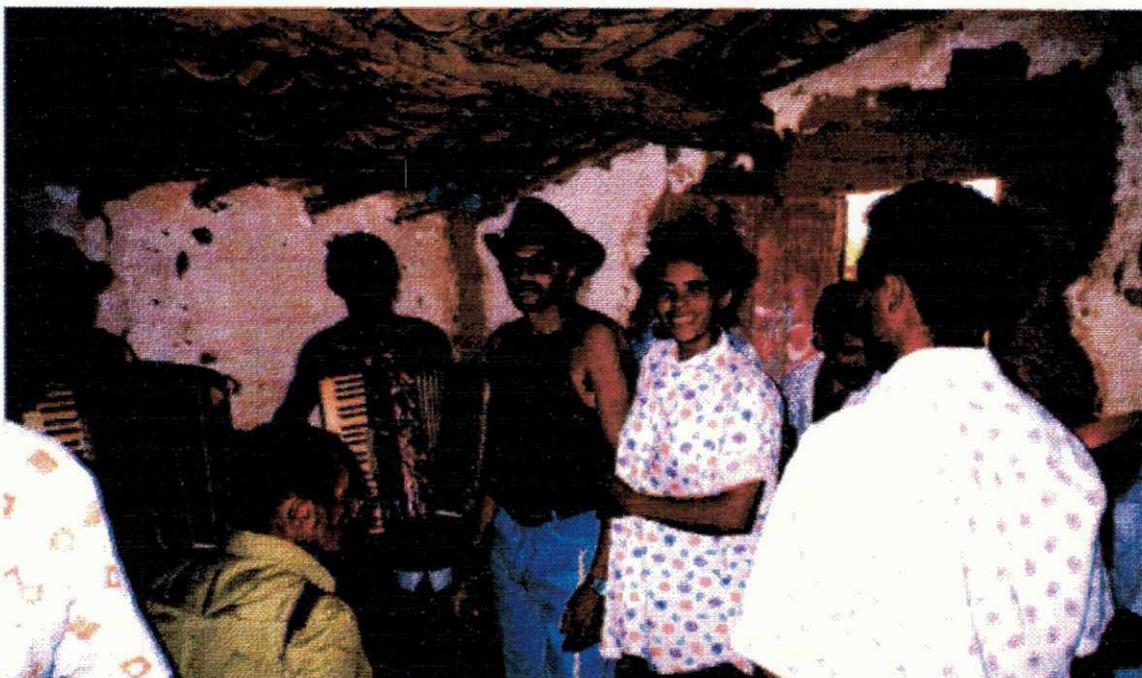
Tido como “*um lugar sofrido*”, o Talhado também é lembrado como um lugar de festas, alegria e “*tempo bom*”. As festas no meio rural ainda são lembradas como as melhores e não é difícil eles preferirem realizá-las no sítio, mesmo os que se encontram morando na cidade.

“Quando eu morava no Talhado e era nova, a gente dançava muito. Eu tenho um tio que é Ciço Bento, era 31 noites do mês de maio que a gente dançava, mas ninguém nunca viu esse desespero que tem hoje, um escândalo muito grande de hoje... A gente não chamava nome feio na vista da mãe. A gente tinha respeito... Tinha festa direto, a minha vó, ela rezava o mês de maio e a gente dançava 31 noites, nunca houve uma briga. Rezava a novena e depois saía da casa da minha vó e ia para a casa do meu tio que era quem tocava”. (RITA PRETA, 67)

As brincadeiras se resumem, atualmente basicamente nos encontros por ocasiões de festas de casamentos e aniversários, quando todos se reúnem, incluindo os da cidade e da zona rural, festas que geralmente acontecem na serra. Dando a impressão de que esta é uma estratégia de resistência e consolidação da solidariedade dos laços na comunidade.

A dança de um modo geral, se constitui em um forte elemento de expressão da cultura negra. O pessoal do Talhado pode ser considerado como um povo festeiro, embora a dança preferida por eles não seja de origem africana, mas sertaneja, já que trata-se de forró que é bastante comum

encontrarmos festas ao som da sanfona, triângulo e zabumba bem ao gosto do nordestino em qualquer ocasião que mereça uma comemoração.

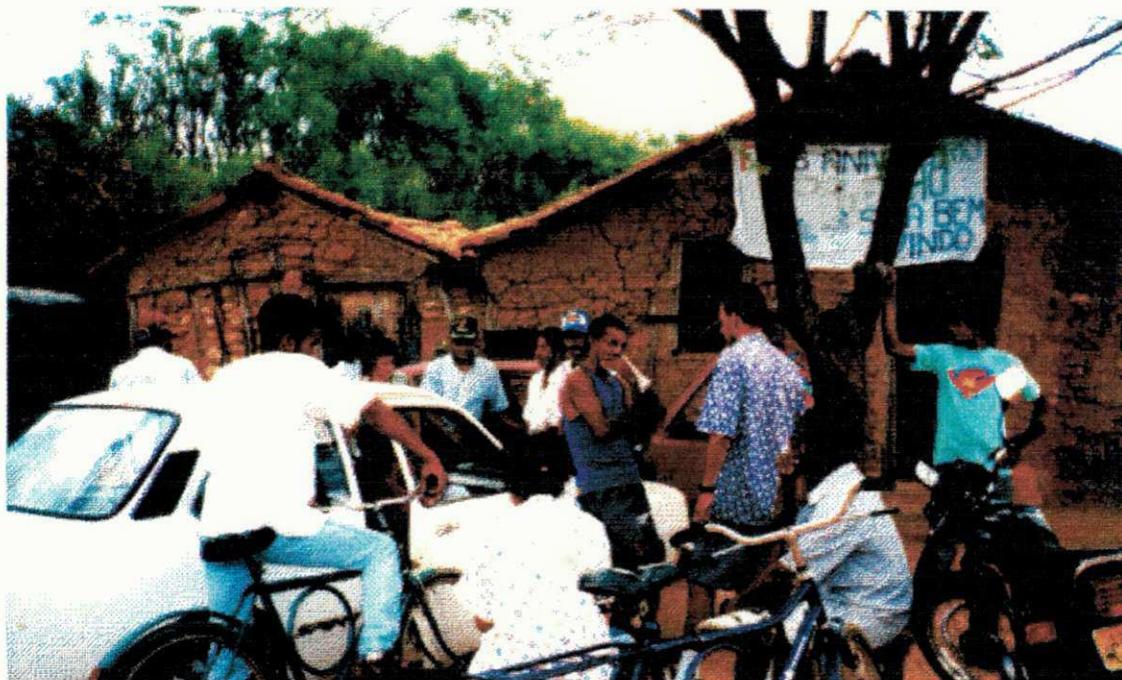


O tradicional forró na serra com os sanfoneiros do Talhado

O jogo de futebol no sítio, as tradicionais “peladas”, é outro aspecto do lazer do povo do Talhado bastante lembrado. Sempre aos domingos eles se reuniam para jogar, entretanto hoje, já quase não tem mais a prática desse esporte devido ao grande número de pessoas que estão deixando a comunidade, ficando portanto apenas lembrança. Lembrança válida também para a caça e a pesca, atividades cada vez mais raras entre eles.

Apesar de participarem das festas promovidas pela prefeitura de Santa Luzia, os moradores do Talhado que moram na cidade também se divertem indo ao próprio sítio do Talhado, quando muitos preferem realizar suas

comemorações na zona rural, em suas antigas residências que encontram-se fechadas.



Concentração de pessoas da comunidade por ocasião de uma festa

Por ocasião de uma festa de aniversário realizada no sítio, na qual estivemos presentes, vimos que a animação do povo talhadino continua fazendo parte das festas, cujo ritmo é marcado pela sanfona. Um dos informantes nos faz uma apresentação dos convidados com bastante emoção e prazer (quase todos da comunidade e principalmente muitos que estão morando na cidade), pois a festa é uma ocasião de reunir amigos e reforçar a solidariedade entre os membros da comunidade, assim como de renovar as esperanças por um futuro melhor, até mesmo de ventilar uma possível volta dos companheiros que estão fora.

“Tem muita gente aqui que mora tudo na cidade, mas gosta daqui. Porque estão fazendo essa brincadeira aqui? porque gostam do lugar. Mas eu acho que vão

voltar a morar aqui de novo. Quando se faz uma brincadeira dessa, junta o pessoal todo. São muitos os convidados. Eu estou como minha esposa aqui conhecida por Raimunda (tem até aquele tipo de música que eu não vou explicar), né!? Aí tem Boim grande meu amigo, tem “Padaria” que é meu compadre, além de ser compadre, é meu filho. Tem o Francisco, tem o Valdemar, tem o Valci, que é puxador de fole, tem o Titico sanfoneiro, tem Babá que é conhecido por Bá, tem o Inácio Josca. É um prazer mostrar esse pessoal e essa brincadeira; acho que vai até, não sei não, vai à vontade deles aí, até onde eles quiserem”.(MANOEL, 59)

Uma característica do povo do Talhado, pode-se dizer até que se constitui numa tradição, é tocar sanfona. Muitos dos homens do local aprenderam com os pais que continuam a passar a arte para os seus filhos. Entre eles se destaca o Titico, sendo vencedor de festivais e conhecido no Estado como “sanfoneiro de primeira”, o mesmo é uma referência quando se trata do assunto. Agora, morando na cidade, ele nos conta como aprendeu a tocar, como é a sua vida e a relação com o Talhado:

“A gente nasceu lá, meu pai era sanfoneiro também. Eu vendo ele tocar achei bonito. Esse negócio é bonito, eu vou vê como é que é! Comecei por ali, fazer um barulhosinho e tal até que fui aperfeiçoando a arte e hoje ainda estou exercendo esse cargo de sanfoneiro. Tem muitas pessoas lá no Talhado, inclusive as pessoas lá, são muito ativas, apesar que são de uma terra de ser difícil as coisas. As coisas lá são difíceis mas o pessoal é inteligente. Eu acho que a coisa vem da veia, porque lá todo mundo é família e vem passando”.(TITICO, 47)

E continua:

“Faz 12 anos que moro aqui na cidade. Tenho 3 filhas aí então o instrumento é muito pesado para elas, então eu não deixo pegarem na sanfona, elas têm vontade mas eu não deixo, se fosse um filho homem era mais fácil”.(TITICO, 47)

É interessante observar sua queixa em relação em não ter um filho-homem para continuar a sua arte de sanfoneiro, pois no seu entender ele não deve permitir que as filhas aprendam a tocar, e ainda mesmo que a explicação para tal fato seja outra, nota-se que o motivo seja simplesmente o preconceito sexual, pelo fato de nunca se ver pelas redondezas mulheres tocando sanfona nas festas e até mesmo a empregando como meio de ajuda no orçamento familiar como os homens o fazem.

O sanfoneiro ao lembrar os forrós na casa de seu pai Isaías e de Sebastião Braz como *“os mais falados”* ou melhores do Talhado, afirma também que no Talhado existem outros sanfoneiros, mas que ele é o único que vive só de tocar, tendo um grupo de forró que toca em festas quando convidado, sendo a época da festa de São João o foco das apresentações e portanto, a época de se ganhar *“um dinheirinho”* a mais.

2.2 - Ambiente urbano

2.2.1 - Migrações

Nos últimos 20 anos a população do Talhado tem buscado através da migração para a cidade, uma melhor condição de vida, tendo em vista a seca que assola a região e as dificuldades comuns ao meio rural. Neste sentido, vemos que à medida que os contatos aumentaram entre os negros do Talhado e os brancos da cidade os problemas étnicos e raciais tendem a aumentar. A migração permitiu os contatos e esses tendem a ser problemáticos principalmente pela relação com o “outro” e o reconhecimento das fronteiras entre uns e outros.

A migração, constitui um fenômeno que nos interessa enquanto um dos fatores de mudança e re-organização da comunidade, sendo tratada por Cavalcanti em seu estudo, como uma migração temporária que continua existindo. Na época de sua pesquisa aconteciam as migrações para outros Estados do país, principalmente Rio de Janeiro, quando os homens deixavam suas mulheres com os filhos tomando conta da terra, e partiam em busca de trabalho, para em seguida voltarem. Todavia, o movimento migratório observado nos dias atuais em direção à cidade de Santa Luzia, se dá não apenas com a saída dos homens, mas toda a família que fixa residência na periferia da cidade.

Os membros do Talhado que hoje residem na cidade atribuem a sua “descida” às freqüentes secas que assolam a região, estando atualmente suas atividades suspensas no Talhado. Tão logo as coisas melhorem por lá, retornam e retomam o trabalho de lavoura, já que a terra continua lhes pertencendo.

Muitos dos membros do grupo que permaneceram no Talhado, não desejam migrar para a cidade, tentando a todo custo manter-se na terra em que sempre viveram. Parece-nos que esse movimento migratório pode ser um fator importante na construção de novas experiências e vivências pelo grupo dada a oportunidade de maiores contatos com outras culturas e acesso à novidades vindas de fora, constituindo-se assim, numa troca de experiências e intercâmbio entre saberes diferentes, o que deve levar a construção de novas táticas e estratégias para o grupo.

É constante o fluxo de pessoas do Talhado em direção a outros lugares como já foi colocado antes. Para alguns já é comum mudar-se de um lugar para outro em busca de vida melhor, embora as lembranças sejam muitas e o Talhado por ser o lugar de origem, apareça como o preferido, mesmo sabendo das impossibilidades de uma volta nesse momento, dadas as dificuldades que encontram para sobreviver naquele espaço.

“Faz 8 anos que moro na cidade. Faz 25 anos que vivo de Santa Luzia para o Rio, mas eu nunca esqueço o Rio de Janeiro, nunca esqueço do Talhado entendeu? Porque eu sou mais o Rio de Janeiro e o Talhado que Santa Luzia que é bom mas não tem trabalho para gente viver”. (TLÃO, 43)

D. Rita nos mostra os aspectos positivos e negativos de morar na cidade:

“Porque aqui sempre trabalha, sempre pega um dinheirinho, as coisas são mais fáceis, lá a gente fazia louça e era preciso fretar um carro pra trazer pra cá, ou trazia nos jumentinhos cansados, e aqui é mais fácil as coisas do que lá. Se eu pudesse, eu voltava pra lá, não perdi a esperança de voltar pra minha casa não, ajeitar a minha casa todinha, que ela tá muito destiorada, mas eu tenho muita vontade de voltar, não esqueço da minha casa nunca, lá é muito sossêgo, não gosto muito daqui não, eu vivo mais não gosto muito daqui não, vivo aqui mas não gosto muito não”.

Sobre os aspectos negativos:

“Porque aqui é uma zoada de carro, meus filhos pegam à andar pela rua aí eu fico sem dormir, fico sem sossêgo, às vezes sento na calçada pra esperar que eles cheguem pra dormir e lá não, é um sossêgo”.
(RITA PRETA, 67)

Há quem não veja vantagem na ida do povo do Talhado para a cidade.

O presidente da associação apesar de morar na cidade assim fala:

“Eu acho uma coisa meia à-toa, uma besteira muito grande deles; na cidade lá não oferece coisa boa prá ninguém; não oferece vantagem pra ninguém, é, eles saem daqui por falta d'água porque nessa época agora, aqui fica muito seco d'água, aí então por causa do açude, aí eles vão pra lá, quando é no inverno eles retornam de lá prá cá. Agora tudo isso, a culpa não é dos moradores do Talhado, é culpa já dos poderes públicos, que nunca se interessaram de fazer açude que fizesse com que permanecessem aqui no local. Se aqui fosse um açude, que nessa época agora fizessem

um plantio, outro plantio fora do algodão, do milho, do feijão da época. Quer dizer podia tá todos aqui, por falta disso, falta de interesse também é que faz eles irem embora do sítio pra cidade". (PEDRO, 41)

Vantagens para uns desvantagens para outros, o certo é que a maioria das pessoas do Talhado pretendem deixar a sua terra com direção à cidade e os motivos são basicamente a falta de condições de sobreviver num lugar seco de difícil acesso, sem meios de transportes e sem perspectivas de melhores condições de vida. Voltar para o Talhado para quem já está acostumado à cidade é uma possibilidade remota que pode estar nos sonhos de muitos, mas não faz parte dos seus projetos imediatos, tendo em vista a realidade sempre se colocar contrária a realização desse desejo.

"Só volto se melhorar, porque lá não tem condições, eu mesmo gosto muito de lá, é minha terra, onde nasci e me criei". (CÉU, 28)

"Rapaz, eu não tenho vontade de morar no Talhado porque no sítio agora, acho que tá derrubado. Eu trabalho mais em S. Paulo do que em Santa Luzia mesmo. Eu trabalhei lá em S. Paulo e tô pensando em voltar de novo. Essa Paraíba é meia difícil. Estudei só um pouco, só até a 3ª. Quem tem amor pelo sítio, sempre o lugar é aqui, mas o cara quando se cria assim pelo meio do mundo... tem muita gente que não sai daqui pra ir pra rua não, porque acha que aqui não tem meio de vida". (JOEL, 22)

Cavalcanti analisando o êxodo do grupo nos primeiros anos da década de 70, diz:

"A continuidade do grupo só tem tornado possível, pelo tipo de organização que o mesmo possui. As mulheres asseguram a continuidade do grupo, impedem a migração dos homens. Entretanto, não podemos precisar até quando, a

manutenção da organização atual poderá ser mantida, em face das mudanças que começaram a ser introduzidas, afetando a sua visão do mundo. (CAVALCANTI, 1975 : 30)

É importante notar que a preocupação apresentada pela autora com uma possível abertura das relações dos habitantes do Talhado se concretizou, dadas as modificações já introduzidas entre estes no período final de sua pesquisa, resultando em transformações nos comportamentos dos componentes do grupo principalmente a partir de sua migração para a cidade.

A possibilidade de contato com eletrodomésticos como a televisão e com toda a abrangência de informações que esta pode proporcionar, certamente tem mudado o modo de pensar e de ver o mundo pelos talhadinos, todavia ainda há os que resistem, mas o que se nota é que o povo do Talhado está cada vez mais vulnerável a engrossar a periferia de Santa Luzia, num processo de favelização quase inevitável.

Em Santa Luzia como em qualquer cidade, os costumes e os valores se diferenciam, os espaços para analfabetos e pessoas sem profissão definida são cada vez menores, entretanto, os projetos desenvolvidos pela Prefeitura local e as características da vida na cidade, têm atraído este pessoal, fazendo com que a maioria destes se sintam bem e até tenham encontrado mais facilidade para viver, como nos afirma D. Rita Preta, uma das líderes do grupo:

“No Talhado o sofrimento era maior, tinha que pegar lenha na cabeça, água na cabeça, era tudo mais difícil”.

Por outro lado, ela nos informa que o seu marido eventualmente trabalha no sítio do Talhado, apesar de residirem na cidade e que a terra continua pertencendo a família.

É interessante registrar que a vinda da maioria da população do Talhado para a cidade aconteceu, entre outras coisas devido ao assistencialismo e promessas de políticos da região que distribuíam feiras com essas pessoas, que toda semana vinham para cidade em busca desse benefício. Nessas idas e vindas resolveram ficar acreditando que assim seria melhor. Muitos deles que não concordavam com a saída dessas pessoas afirmam que:

“Quem acabou com o Talhado foram os próprios políticos da cidade fazendo uma casinha de taipa na cidade, aí eles não queriam mais trabalhar, eles vinham em casa, chegavam em casa na rua os políticos dava as compras, ele vinha trazer em casa e voltava de novo pro político dá outra feira a eles, quem acabou com o Talhado foram os próprios políticos, se os políticos não tivessem feito isso tava todo mundo na comunidade do Talhado, trabalhando, todo mundo nas suas casas. Desde 1972. De 72 pra cá, foi que começou a safadeza, que ninguém quis mais trabalhar; agora foram os próprios políticos que fizeram a própria safadeza aqui no Talhado e hoje não querem dá, não querem dá”. (MANOEL, 59)

Devido às precárias condições de moradia, saúde, trabalho e educação, existe uma expectativa grande por parte do povo do Talhado em serem ajudados pelos representantes do poder público, mesmo que as frustrações sejam freqüentes, se constituindo num ciclo vicioso que tem seu auge no período de eleições quando a comunidade é visitada em busca de votos.

“A rua inchou, é que lá na rua não cabe ninguém, a rua é pequena, trabalho prá ninguém não tem, e a vida é precária mesmo, ninguém sabe como estão vivendo, onde os outros estão vivendo no sítio estão vivendo tudo bem. Não tem nada de vantagem, mas tem, estão comendo todo dia, aqui um tem uma cabra, outro tem garrote, uma bicicleta e uma coisa assim, e vai tocando pra frente”. (MANOEL, 59)

É comum entre as pessoas que ainda permanecem morando no Talhado um ponto de vista confuso no que se refere às vantagens e desvantagens de deixar o Talhado e ir morar na cidade. Para quem dispõe de melhores condições econômicas não existe entusiasmo em deixar o sítio. No caso do informante acima, a sua sobrevivência é facilitada pela criação de alguns animais, o que na cidade talvez isso não seja possível, no seu entender quem vive na cidade apenas consegue sobreviver. Portanto, a situação tanto para quem continua no Talhado como para quem está na cidade, se equivale. Em nenhum desses locais se vive bem, ir para a cidade significa tentar uma melhor condição de vida.

2.2.2 - Organização da comunidade no espaço urbano

A saída de muitos habitantes do Talhado para Santa Luzia e sua fixação naquela cidade não aconteceu de maneira uniforme. Os espaços por eles ocupados são diferenciados.

É na periferia da cidade de Santa Luzia que os talhadinos vindos do meio rural buscam fixar residência, demonstrando que o fato deles terem migrado para a cidade pode não destruir os laços de cooperação e solidariedade em eles.

No final da rua Arlindo Bento, bairro de São José, está localizado o Galpão e uma parte da população do Talhado, enquanto que no outro lado da cidade, mais precisamente no Monte São Sebastião, encontram-se os outros membros da comunidade que optaram por outras atividades que não estão ligadas à fabricação da cerâmica.

No bairro de São José encontra-se a parcela que conta com o apoio do Governo do Estado e da Prefeitura da cidade, no que diz respeito à produção da cerâmica, confeccionada em sua grande maioria pelas mulheres do grupo. Estes órgãos públicos construíram um galpão denominado “Galpão Artesanal de Santa Luzia”, no qual as louceiras fabricam suas peças, antes confeccionadas na própria casa. Com a existência deste galpão, as louceiras passaram a vender sua produção no próprio lugar de fabricação sem precisar se dirigir à feira; enquanto os compradores residem no próprio município ou em outras localidades circunvizinhas os quais adquirem parte da produção em

grosso, para comercializarem em feiras ou em seus estabelecimentos comerciais.

O segundo grupo que também mora na cidade, mais precisamente no Monte, se encontra, em sua maioria, em atividades diferenciadas das atividades tradicionais do grupo, ou seja, são funcionários da prefeitura, trabalhando como garis; outros são empregados domésticos em residências de moradores da cidade, além de um grande número de desempregados.

O Monte São Sebastião é um morro localizado na cidade de Santa Luzia. No alto desse morro existe uma capela e um cruzeiro com uma cruz e uma bela vista da cidade. Para lá, todos os anos no dia 20 de Janeiro segue a procissão que percorre boa parte da cidade saindo da igreja matriz, em comemoração ao dia do santo que dá nome ao morro. Ao redor da capela estão localizadas pequenas casas que têm aumentado consideravelmente com a chegada da população vinda do Talhado.

O Monte é uma parte da cidade considerada perigosa pelos moradores de Santa Luzia. O pessoal que ali reside é marginalizado, e os que são do Talhado são duplamente marginalizados, por serem considerados beberrões, vagabundos, etc., talvez devido ao grande número de desempregados. Lá as pessoas são arredias, falam pouco, menos ainda dos que também são do Talhado mas moram do outro lado da cidade ou sítio.

A população do Talhado residente atualmente na cidade, com algumas exceções, constroem suas casas de maneira bastante parecida com as casas construídas na zona rural. São pequenas casas de taipa (barro batido), telhas, quintal e sem conforto, geralmente ficam próximas umas das outras formando um núcleo homogêneo.

Um dos motivos pela opção de morar na periferia da cidade é o fato do preço das moradias ser mais barato. De um modo geral, a população do Talhado residente na cidade, ainda conserva a terra no sítio, embora muitos não plantem nada e as casas no meio rural estejam abandonadas.

No Monte, também encontramos mulheres que ainda fabricam a cerâmica em casa e vendem na feira de Santa Luzia, sem nenhum compromisso com o galpão administrado por D. Rita. Elas alegam que não compensa produzir no galpão porque têm que pagar energia e água, enquanto que trabalhando em casa o lucro é todo seu.

As relações de parentesco do povo do Talhado no meio urbano tendem a ser ampliadas na medida em que o contato com a população da cidade for aumentando e os casamentos forem se realizando na mesma proporção. Naturalmente, que esse é um processo lento e a organização social, até então, tem mudado pouco da existente no meio rural.

2.2.3 - O cotidiano e a organização da sobrevivência

Para os residentes na zona urbana, a vida na periferia da cidade é o lugar de convivência comum, que não diverge muito da vida na zona rural. As conversas giram principalmente em torno do galpão, onde se trabalha a cerâmica, e as mulheres e crianças sempre juntas recebem os maridos que volta e meia se dirigem ao local para conversas rápidas que geralmente são sobre as estratégias de sobrevivência do grupo.

Embora as práticas do povo talhadino na cidade tenham sido, na verdade, cópias de velhos hábitos das populações carentes de nossas cidades,

por se tratar de um local mais amplo onde a convivência com outras pessoas de fora da comunidade permite um reaprendizado das formas de luta pela sobrevivência, a vida simples dessa população é marcada pela sensação de proteção e fortalecimento, que se manifesta através da crença em maiores facilidades de sobreviver naquele meio.

“Tem dia que tem e tem dia que não tem um remédio. Tem uma filha minha que mora em São Paulo, ela manda, vem um político também me dá e é assim, e assim vai levando e lá na serra não tem a quem pedir”. (ESTEVÃO, 60)

O assistencialismo de alguns políticos isolados e instituições sociais ou mesmo a boa vontade de algumas pessoas da cidade que buscam ajudar aos mais necessitados, é o fator que marca a luta diária pela sobrevivência na cidade, que também mostra-se difícil e cujas estratégias são diferentes, pois lá a aproximação e a convivência direta com “os outros” facilitam e agilizam essa troca de favores, tendo em vista que eles de alguma forma dão um retorno, seja na hora de votar no candidato que mais contribuiu com doações ou nos simples favores em casas de famílias vizinhas.

Entretanto, a multiplicidade de acontecimentos da vida na cidade, os comentários e/ou fofocas parecem abrir mais o “horizonte” das pessoas na zona urbana. A vida na periferia mesmo que pacata, tende a enriquecer o cotidiano delas, tendo em vista a convivência com as outras pessoas com histórias de vida diferentes das suas, dando a nítida sensação de que estão em maior sintonia com o mundo.

2.2.4 - A cerâmica/o galpão

O fabrico da cerâmica constitui uma atividade tradicional na comunidade que sofreu transformações devido à sua transferência parcial para a cidade.

É num galpão construído na periferia de Santa Luzia que a produção é comercializada tanto para a própria cidade de Santa Luzia como para as cidades vizinhas.

O projeto de construção desse galpão já existia a muito tempo, e foi segundo as louceiras, feito pelo deputado Antonio Ivo que se concretizou em 18 de Maio de 1994, com uma inauguração festiva à base de forró e cachaça, e contou com a presença de dois vereadores Marcos Morais e Armando Morais. O Galpão é composto por dois salões, com 10 metros de comprimento e 6m de largura cada um. Um desses salões serve para o trabalho das ceramistas e o outro para armazenar a produção.

O Sindicato Rural de Santa Luzia tem se mostrado contrário ao funcionamento desse galpão na cidade, acreditando que sua construção teria sido melhor no meio rural onde traria mais benefícios para aquelas pessoas por ser o seu local de origem.

Sobre o trabalho no Galpão dizem que:

“Aqui recebe quem trabalha mais... mas não compensa muito não porque a gente compra o barro, compra a lenha, paga para ir pegar o barro, paga para ir pegar a lenha e paga água e luz. A água e a luz vem muito caras, quando a gente vem tirar o dinheiro de água,

luz, barro e a lenha, a gente fica quase sem nada, a gente faz porque não tem outro serviço pra gente trabalhar e a gente não se acostuma em trabalhar na casa de ninguém, que aqui a gente trabalha à vontade, não tem aborrecimento de ninguém, trabalha na hora que quer e na casa dos outros tá obrigado a trabalhar ou boa ou doente". (CÉU, 28)

As ceramistas ligadas ao Galpão não param a produção. Mesmo dizendo que as vendas não estão boas, elas continuam trabalhando e armazenando tudo à espera de um comprador que mais cedo ou mais tarde aparece.

O pagamento das louceiras no galpão é por produção. Elas marcam as peças que produzem com sinais de identificação para saber que produziu. Não existe um controle organizado por parte da administração do galpão, esta é uma relação que se dá muito mais pela amizade, ou seja, de maneira informal. Geralmente quando vão receber o dinheiro de uma vendagem, já estão devendo por terem feito empréstimos antecipadamente.

É interessante ver que o trabalho no galpão apesar de ser um trabalho constante e cansativo, já que elas trabalham sentadas no chão sem o menor conforto, torna-se mais atrativo do que trabalhar como domésticas em casa dos outros, assim no galpão a liberdade é garantida e pode-se administrar o horário de acordo com as condições de cada uma.

A administradora do Galpão afirma que só veio para a cidade por causa da insistência dos filhos que garantiram que ela ia continuar a trabalhar com a cerâmica até que a prefeitura construiu este galpão e ela passou a tomar conta.

“A administração lá é minha, faz uns 3 ou 4 anos que trabalho lá. Quando eu vim, eu disse que só vinha se eu tivesse um barro para trabalhar, se não fosse para eu trabalhar também não vinha, aí até que eu cheguei e os meninos construíram uma casinha, fui fazer louça nessa casinha, era muito apertado para muita gente trabalhar, aí apareceu um povo e construiu um galpão para eu trabalhar”. (RITA PRETA, 67)

D. Rita Preta afirma também que não sabe quem era “esse povo” que construiu o galpão se eram políticos ou não, entretanto percebemos um certo receio da informante em falar no assunto, talvez em não se comprometer politicamente. Perguntada se eram políticos, ela acrescenta:

“Deixa vê se eu lembro do nome... Dr. Aderaldo. É daqui mesmo. Sei que foi ele e um bocado de gente que construiu esse galpão e me deram para eu trabalhar, não deram para mim. Assim, eu estou lá assumindo para eu trabalhar, aí eu pago água e luz...”

D. Rita Preta, além da liderança que tem no galpão, desempenha um papel importante junto à comunidade talhadina que vive na cidade, é ela quem intermedeia os contatos com pessoas de fora e procura ajudar a todos, organiza os horários de trabalho, as despesas e todos os contatos para comercialização da cerâmica. Sobre este assunto ela diz que:

“Tem semana que são 10, 5, 6 as pessoas que trabalham no galpão. Antigamente eu comprava a louça a elas, mas a gente vende tão barato que eu não

estou mais comprando, elas estão fazendo a louça e estão botando no meu contrato, aí eu vou e faço uma feirinha pra elas. Tem delas que trabalha, e não podem fazer a feirinha delas, aí eu dou de comer a elas. A Céu, a Maria de Zé Mudo, a Zezé, você conhece elas! Eu dou de comer a essas três pessoas. Quando Céu pega num dinheirinho ela faz uma feira, e quando não pega eu tenho que dá de comer, é minha neta. Eu gosto de ajudar, se eu pudesse eu ajudava mais, das vezes que eu não posso, eu peço. Aparece um povo ali no galpão, que só tem promessa, eles não trazem nada pra ninguém, é tanto que quando eles chegam para tirar fotos das meninas, as meninas não querem mais, elas correm, elas já estão fugindo deles, desse povo que vem de J. Pessoa. Veio um povo na Festa do Rosário, que eu fui para o Talhado com eles, eles ficaram de ligar pra mim nunca ligaram". (RITA PRETA, 67)

O número de trabalhadores no galpão é variável e a remuneração recebida pelas ceramistas também é variável, dependendo da quantidade de peças produzidas por cada uma delas, o que não dá para definir exatamente esta quantidade, pois o processo de trabalho parece ser bastante informal, lembrando o tipo de sistema de cooperação típico do período medieval.

A administração do galpão não tem um controle sobre a produção, nem mesmo uma contabilidade simples-escrita, tudo é feito informalmente, tendo como prioridades básicas o pagamento da energia, água e a compra do barro, deixando em segundo plano o pagamento das ceramistas que é feito a partir de um acordo entre as partes. A relação de trabalho informal e paternalista no galpão é confusa. Entretanto, a administradora justifica afirmando que providencia o socorro às trabalhadoras quando estas necessitam.

O processo de confecção da cerâmica no galpão ainda é o mesmo do que ocorria na zona rural. Primeiro, cava-se o barro, bota-se na camioneta e traz-se para o galpão. Ao chegar no galpão, pisa-se o barro com um pedaço de madeira (cacete), peneira-se; molha-se e amassa-se. Quando isto é feito, deixa-se enxugar e se vai modelar.

Atualmente o barro é comprado na Serra das Cacimbas, não vindo do Talhado devido à distância para a cidade ser maior. As louceiras pagam 5 reais pela carrada de barro, 10 reais aos homens trabalhadores que o apanham e 15 reais pelo transporte que é feito em uma camioneta.

Continuando o processo de fabricação, faz-se um bolo da massa preparada, no meio do bolo começa-se a modelar do centro para as bordas, e deixa-se enxugar, utilizando em seguida um facão para raspar. Passa-se uma faca de pau para alisar; depois um pedaço (caco) de pires ou pedaço cabaço, também para alisar. Usa-se um aparador (como uma faquinha) para acertar as bordas.

Um couro é usado para acertar a borda (beição); leva-se novamente para secar; tira-se o pé com um facão, passa a faca de pau; em seguida seca e alisa com uma pedra carregando-se para o forno. O forno está localizado atrás do galpão como antes localizava-se atrás da casa das louceiras no sítio.

Por último, cobre-se com caquinhos de louça quebrada; e vai esquentar com pouco fogo, para em seguida, botar mais fogo para queimar. Desenforna-se coloca para esfriar, ficando pronta para venda.

A tarefa de confecção da cerâmica é uma atividade tradicionalmente exclusiva das mulheres, entretanto, no galpão também encontramos um homem

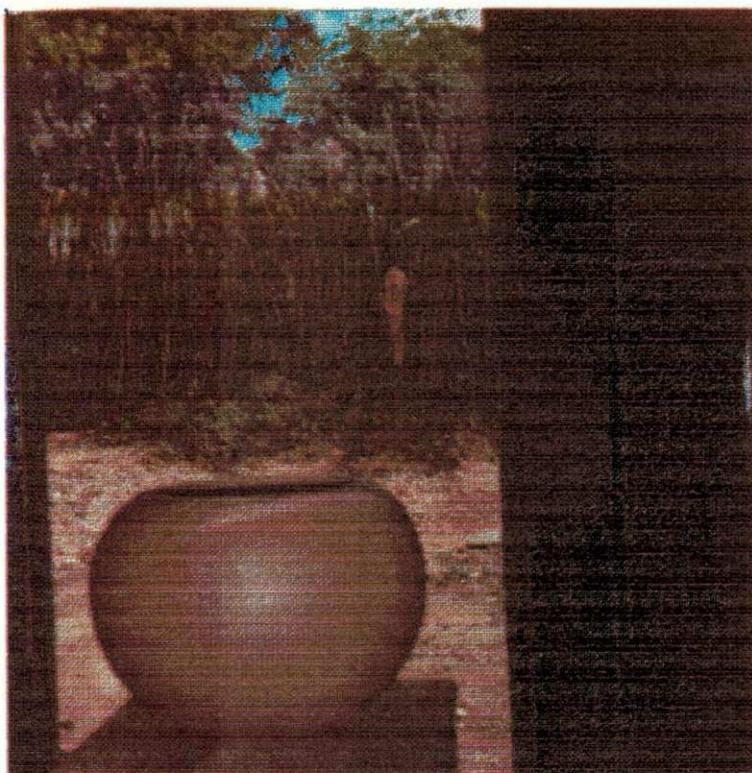
que vem fazendo cerâmica, fato que não é muito aceito, já que como dizem muitos moradores da comunidade: *“esta não é uma atividade para homem”*. Entre os seus moradores existe uma divisão de tarefas por sexo, que são valorizadas e estimuladas, correspondendo ao modelo de divisão sexual do trabalho presente nas formas de organização social, das sociedades simples.

Mostrando-se envergonhado o rapaz que está no galpão diz que trabalha apenas ajudando no acabamento das louças e que está desempregado, mas assim que conseguir outro trabalho deixa o galpão onde sua mulher também trabalha.

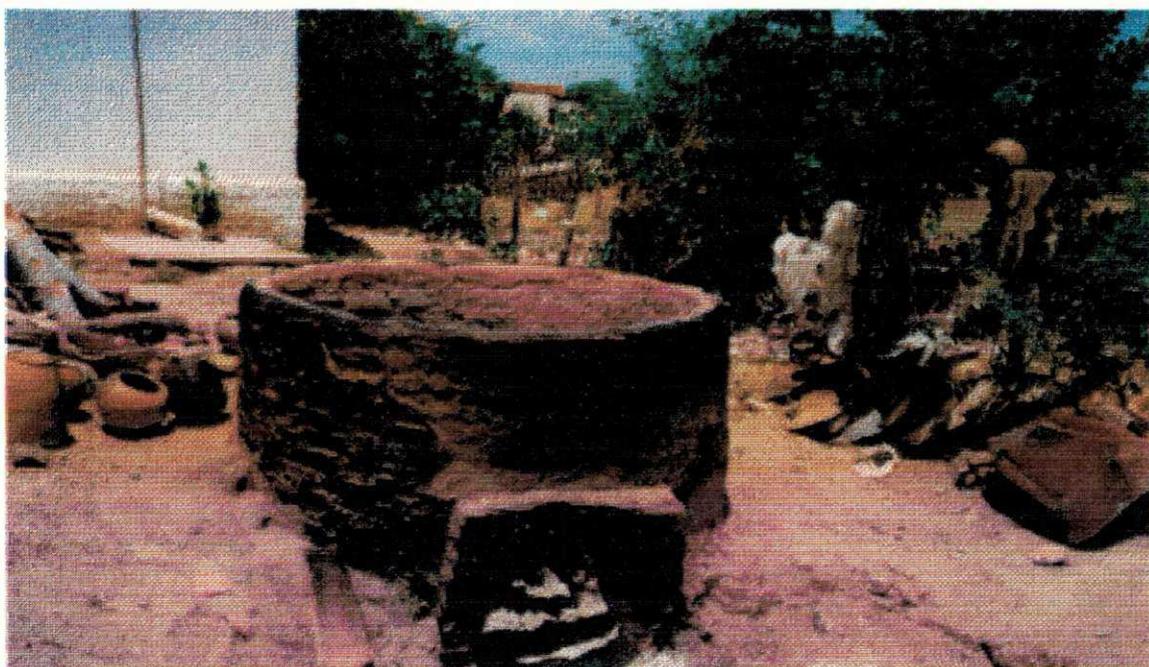
Enfatizando a influência recebida de estranhos ao grupo no modo de trabalho das ceramistas, um aspecto importante de ser observado na fabricação da cerâmica, é que hoje, ao lado de peças típicas e utilitárias, todas com a tradicional forma totalmente arredondada, encontram-se outras quadradas, ou com as bordas triangulares e pontiagudas em formas decorativas como cinzeiros, potes e jarras com fundo achatados, feitas por encomendas de pessoas/clientes de fora da comunidade. Isto significa que a atividade sofre a influência do mercado que dita novos modelos que alteram o modelo tradicional.



Aspectos de peças da cerâmica decorativa



Aspectos da cerâmica tradicional - utilitária



Forno onde é secada a cerâmica

CAPÍTULO - 3

OS NEGROS DO TALHADO FRENTE

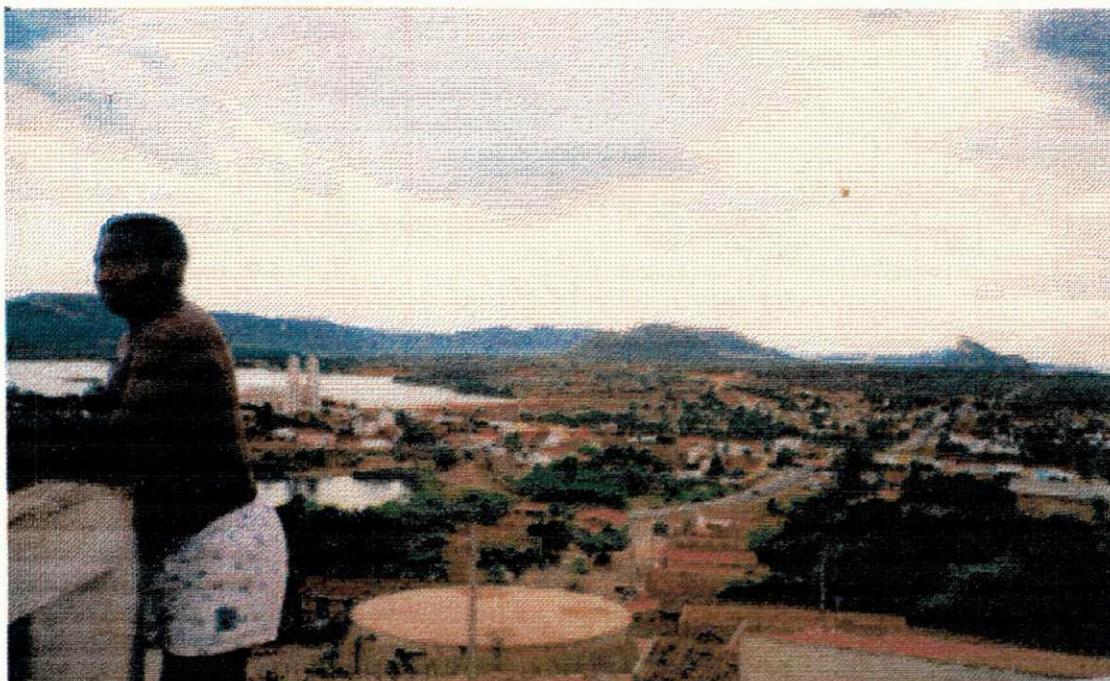
ÀS COMUNIDADES VIZINHAS

3. OS NEGROS DO TALHADO FRENTE ÀS COMUNIDADES VIZINHAS

3.1 - Cenário e fronteiras interétnicas

(a feira, a escola e a igreja)

A cidade de Santa Luzia se constitui no principal cenário de delimitação de fronteiras entre o povo talhadino e o resto da população circunvizinha. Os contatos com o “outro” por parte dos membros da comunidade do Talhado se dão fundamentalmente na feira, na escola e na igreja. Esses espaços foram escolhidos por apresentarem uma maior dinâmica social, um grande fluxo de pessoas e atividades variadas.



Paisagem da cidade de Santa Luzia vista do alto do Monte São Sebastião

Retomando Barth (1969) ao tratar da questão da manutenção e permanência das fronteiras dos grupos étnicos vemos que a identificação de outra pessoa como um companheiro, membro de um grupo étnico implica a partilha de critérios para avaliação e julgamento. Isso gera como consequência o entendimento de que os dois estão 'jogando o mesmo jogo', e isso significa que há entre eles um potencial para diversificação e expansão de seu relacionamento social para cobrir eventualmente todos os diferentes setores e domínios de atividades. Por outro lado, a dicotomização dos outros como estranhos, como membros de outro grupo étnico, implica o conhecimento dos limites nos entendimentos partilhados, diferenças e critérios para julgamento de valores e performance, e uma restrição a interação a setores de assumido entendimento comum e interesse mútuo.

Nesta perspectiva, vemos que a feira ocupa um lugar importante em nossa análise, nesse sentido, por ter sido e continuar sendo a maior interação entre o povo do Talhado e os habitantes da cidade.

O mercado público de Santa Luzia se localiza bem no centro da cidade, nele está anexado o palhoção do forró onde se realizam as festas promovidas pela prefeitura, principalmente as festas juninas. A feira se espalha por cinco ruas em torno do mercado, um prédio antigo onde vendem-se carnes e peixes.

O sábado é o dia da feira. Logo cedo quem mora na serra acorda e segue, seja a pé, de bicicleta ou de camioneta. Ao chegar na cidade, o local que serve como ponto de apoio para eles é uma rua estreita onde existe uma barbearia e um armazém, lá fazem compras, cortam os cabelos e os homens

fazem a barba. É grande o movimento de pessoas com bicicletas e alguns carros para fretes.

As compras no armazém do sr. Francisco, homem branco de 71 anos de idade, morador de Santa Luzia, são feitas sempre à vista. O dono do estabelecimento diz que atende as pessoas do Talhado há 10 anos e todos compram, principalmente os aposentados. Ele demonstra não ter queixas deles e o principal motivo é não vender fiado, daí só vender aos aposentados que são os que podem pagar.

O encontro na feira também é um momento de contactar com os membros da comunidade que estão morando na cidade. Muitas vezes eles passam o dia na casa de parentes que moram na periferia que dá acesso a estrada para o Talhado, enquanto esperam que os carros de frete voltem ou simplesmente para descansar para seguir de bicicleta. Dessa forma facilita-se o transporte das mercadorias por eles adquiridas na feira.

A escola pública é outro lugar importante de contatos entre o povo do Talhado e os moradores de Santa Luzia. As crianças do Talhado que moram em Santa Luzia não freqüentam apenas uma escola, entretanto, o Grupo Escolar da prefeitura que fica na rua Arlindo Bento, onde reside parte das pessoas do Talhado concentra a maior parte dessas crianças.

De acordo com o depoimento da diretora dessa escola, os pais tentam a todo custo incentivar os filhos a estudarem, talvez pela falta de oportunidade que não tiveram, já que a maioria desses pais são analfabetos. A escola por ser fundamental na formação de qualquer indivíduo, torna-se assim lugar de destaque nas relações entre o pessoal do Talhado e as pessoas da cidade, seja o contato entre as crianças ou entre professoras/alunos, professoras/pais e

pais/pais. A diretora do Grupo Escolar comenta a respeito da escola e das crianças vindas do Talhado:

“A escola iniciou em 1982, desde esse tempo que tem criança do Talhado. Lá eles são considerados discriminados porque além de serem negros são muito pobres, até pelas outras crianças. A gente nota logo! Quando estão arengando chamam logo: são do Talhado. Mas daí a gente corta, agora tá muito mudado, tá muito diferente era mais no início. Eles são inteligentes, são interessados, são criativos, são pontuais e têm futuro”. (ELIETE, 25)

Muitas dificuldades são enfrentadas pelas crianças do Talhado na escola. Além da questão da discriminação enfrentadas por essas crianças no convívio com as outras da cidade, outro aspecto apontado é a dificuldade de aprendizagem que elas demonstram:

“Os pais deles não tiveram estudo e assim não dão um acompanhamento a eles em casa, aí eles são mais atrasados do que os outros, só na escola é pouco pra eles, e principalmente que estão iniciando, sentem muita dificuldade, mas com o tempo vão se desenvolvendo. Tem um agora que tem 6 anos, ele agora vai pra a alfabetização, mas não estão preparados para a alfabetização não! Mas pela idade tem que ir estudar porque senão vai se atrasar mais. Ele não tem condições de acompanhar, por falta de acompanhamento dos pais. Os pais quando vêem deixar os filhos falam que têm muita vontade que eles aprendam, que sejam alguma coisa na vida, já que eles mesmos não tiveram essa oportunidade”. (ELIETE, 25)

Estudam atualmente nesse grupo escolar cerca de 25 crianças filhas de pais do Talhado. A freqüência normalmente no início do ano é maior do que no final quando muitas desistem. A merenda escolar é apontada pelas professoras da escola como um dos fatores de maior importância para a atração dessas crianças para a escola.

A religião predominante no município de Santa Luzia é a católica. São duas igrejas: a matriz no centro da cidade e outra igreja nova construída recentemente no bairro de São José.

Por serem católicos, a igreja matriz de Santa Luzia é também uma referência de lugar de trânsito do povo talhadino pela vida social da cidade. Missas, novenas e uma ida rápida durante o período da feira são os momentos onde podemos encontrá-los por lá. Vale salientar que, atualmente, tendo em vista o empenho do padre da cidade e de reivindicações dos moradores do Talhado através da cooperativa, uma vez por mês é celebrada uma missa na comunidade, que por não contar com uma capela realiza a missa no pátio da escola do município que atualmente encontra-se em funcionamento.

Normalmente os casamentos e batizados de pessoas do Talhado se realizam na igreja de Santa Luzia, seguindo os noivos, padrinhos e convidados para as comemorações no sítio.

O padre da paróquia de Santa Luzia mostra-se bastante sensível a causa dos negros do Talhado e da cidade em geral. Neste sentido, o mesmo afirma que:

“A gente olha a situação do Talhado é ainda mais grave porque é uma comunidade rural aonde boa parte, eu diria que mais de 50% dos negros do Talhado

estão aqui em S. Luzia. Mas estão aqui e se refugiam lá na rua Arlindo Bento, lá no Bairro S. José, têm um contato com a outra parte da cidade, o centro e outras partes, porém, carregam ainda aquela dosagem de discriminação, isso na Arlindo Bento, você vai encontrar outra grande dosagem no Monte São Sebastião e é grave porque vê o negro do Monte S. Sebastião como uma coisa perigosa para a sociedade. Eu digo isso a você, porque a gente escuta que qualquer coisinha que acontece de roubo, são os negros, são coisas lá dos negros, como se os negros estivessem sendo vistos como um mal feitor, aquele que perturba o funcionamento da sociedade. Outra coisa que a gente sente e onde tem outro foco bem bom de negros é no bairro de N. S. de Fátima também com essa mesma situação. (Pe. JOÃO, 43)

Como vemos a vida do negro em Santa Luzia e em especial do negro do Talhado, que viveu muito tempo afastado do convívio social com o resto da população local, não é fácil. De modo geral, os habitantes de Santa Luzia como a maioria das cidades brasileiras, discriminam o negro, delimitando espaços de forma velada ao mesmo tempo que difunde a ideologia da democracia racial.

3.2 - A Pitombeira

A Pitombeira é uma comunidade rural de negros pertencente ao município de Várzea que fica a 10km de cidade de Santa Luzia. É grande a influência dos negros da Pitombeira em Santa Luzia, devido a cidade de Várzea ter sido distrito de Santa Luzia e esta última dispor de uma oferta maior de serviços, o pessoal da Pitombeira se acostumou a ter mais contatos com a população de Santa Luzia, daí realizarem a festa do Rosário na matriz de Santa Luzia, chegando a se verificar uma quase total transferência dessa população rural para esta cidade.

Diferente do que ocorre com a serra do Talhado, Pitombeira é uma território plano e o acesso não é difícil. Situado do lado oposto à serra do Talhado, os negros da Pitombeira sempre buscaram o entrosamento com o povo de Santa Luzia. Segundo informações de moradores do lugar, atualmente apenas quatro famílias residem na Pitombeira.

Tudo leva a crer que a festa do Rosário é uma forma de facilitar a aceitação e aprovação dos negros pelos moradores brancos da cidade. Atualmente grande parte da população da Pitombeira vive em Santa Luzia, mais precisamente no bairro Nossa Senhora de Fátima e tomam conta da sede da Irmandade que realiza anualmente a festa do Rosário.

O bairro Nossa Senhora de Fátima é também conhecido como “o outro lado do rio”, por localizar-se depois da ponte onde passa o rio Quipauá, que passa a maior parte do ano seco, só tendo água quando da sangria do maior açude da cidade. Como acontece com o bairro de São José e o Monte São Sebastião, este também é um bairro de casas simples e algumas ruas pavimentadas.

A festa do Rosário é conhecida como a “festa dos morenos”, entretanto, os negros do Talhado pouco participam, não demonstram interesse mesmo quando convidados.

Sobre a origem da festa, um dos membros da Irmandade afirma que faz 118 anos que foi fundada por Mateus, um negro velho da Pitombeira. Ele nos conta a história mostrando que a antiga sede da Irmandade foi doada e depois tomada por um ex-padre da paróquia de Santa Luzia.

“Nunca houve uma casa de N^a S^a do Rosário, a que houve roubaram. Foi o tempo que chegou aqui um padre Felizardo, aí esse padre zangou-se e casou-se com uma negra, uma tal de Cabrinha, era uma negra velha cativa da Pitombeira, tinha uma casa da Igreja prá lá, junto de Zé Gambá, e doou para N. S. do Rosário mas não tinha escritura. Pedro Santana morou nela muito tempo, aí comprou uma casa e o padre Jerônimo deu a Armando, que era o sacristão. Então o padre Jerônimo ajeitou a casa para ele com aquele negócio de usucapião e tomaram a casa de N. S. do Rosário. Hoje a N. S. do Rosário tem uma casa porque eu e Paulino compramos. Trabalhamos 4 anos juntando dinheiro, aí chegou o Padre atual, ele ajuda, é muito interessado, é quase um presidente, mas ele não entende nada porque não conhece nada aqui do começo da história.”(JOSÉ, 84)

O relato do seu José continua com uma informação interessante sobre o padre Viana que retomou a festa que tinha sido cancelada por outro padre anteriormente.

“Esse padre velho Felizardo acabou com a festa do Rosário, dizia ele: “Prá onde é que vai esses negros com a festa do Rosário?!...” Quando foi mais ou menos em 39 chegou padre Viana e achou um livro dos negros do Rosário e perguntou: Aqui tem uma festa do Rosário? Tem. E quem acabou? Não pode acabar não. Quem é o negro que pode se interessar? Zé Roque você vai ser o presidente da festa, bote os irmãos de mesa e conte comigo. Desde esse tempo que ficou a festa”.(JOSÉ, 84)

O atual presidente da Irmandade é o senhor Paulino que está no cargo vitalício há 12 anos.

“Eu estou na presidência da Irmandade há doze anos, o cabra só sai se quiser sair. Não tem esse negócio de indicar para botar outro no lugar; não existe isso não.

Nós fomos uma festa em Caicó, lá apareceu onze irmandades, o presidente dessa festa estava com 95 anos, ele é de Juazeiro do Norte, ele trouxe o neto dele e falou com o Bispo para botar o neto no lugar dele, o Bispo concedeu e botaram”.(PAULINO, 79)

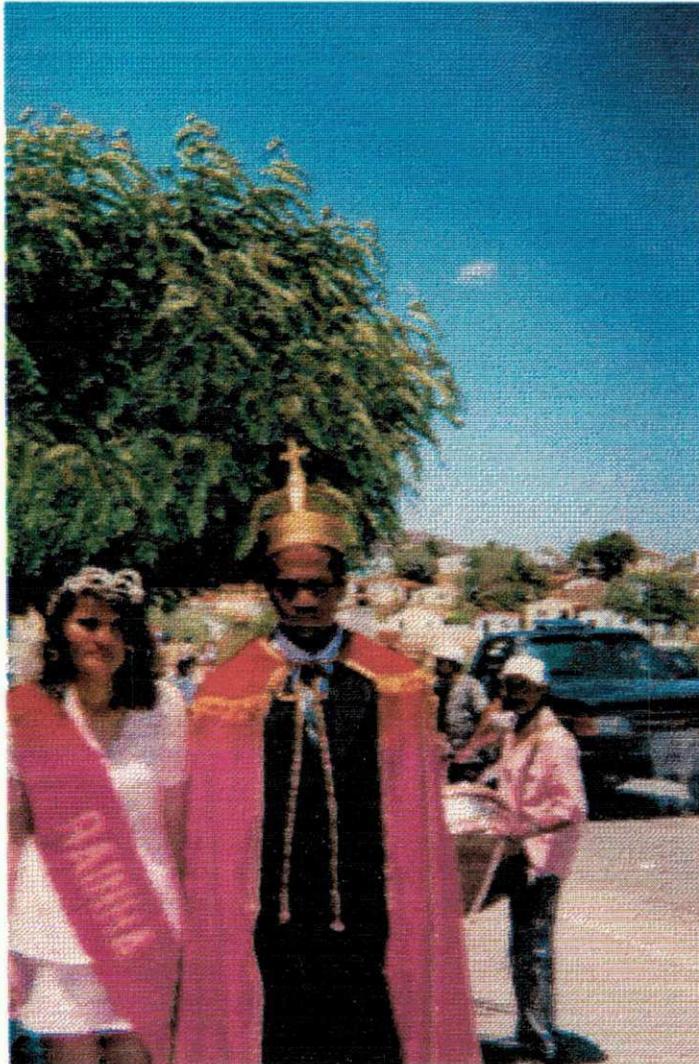
O padre atual da paróquia de Santa Luzia mostrando-se bastante interessado na continuação da festa do Rosário, conta que sua luta maior é no sentido de que o negro e a festa não se tornem objeto de manipulação política.

“Eu estou aqui há sete anos e a gente tem feito tudo para ser uma presença viva, um organismo vivo junto ao negro, uma forma de apoio, de incentivo, de participação. Na festa do Rosário mesmo, a gente faz tudo para que seja uma coisa bem feita, bem trabalhada e eu exijo mais, desculpe a expressão, mas eu faço uma exigência, que eles devem se impor. Primeiro, não aceitar manifestação política dentro da festa do Rosário e nem usar o negro como objeto para eleição. Não se vê a festa do Rosário nem a cultura negra aqui em S. Luzia apenas como uma coisa folclórica, não! É uma coisa cultural da alma e da viva existência desse grupo de negros, que a partir do Talhado, vem resistindo há bastante anos”.(Pe. JOÃO, 43)

De acordo com Cavalcanti, na Festa do Rosário, além dos elementos de cor da sede de Santa Luzia e da Pitombeira, participam pessoas de cor negra das comunidades vizinhas, como Ramadinha e Quixaba. É organizada pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário (que congrega os negros da cidade) embora possua brancos que também participam, e foi fundada em 1872, logo após a passagem de Santa Luzia à categoria de Vila.

A festa pode ser vista sob dois aspectos: o religioso realizado por negros que desempenham o ritual de maneira bem tradicional, e o profano, organizado sob a direção do Tesoureiro da Irmandade.

Esta festa é importante porque é nela onde acontece a manifestação dos negros da cidade, na qual os negros do Talhado têm se negado a participar, embora a partir deste ano começaram a ser convidados e a participarem diretamente do ritual, fato que parece ter sido facilitado pelo grande número de talhadinos morando na cidade atualmente.



Rei e Rainha da “Festa do Rosário - 1997”

A festa começa na quinta-feira e vai até o domingo com a coroação do novo reinado, que reinará por todo o ano seguinte. Todas as noites tem novenas

na igreja matriz com a presença de uma banda de pífanos, lanceiros e o reinado, que compreende um rei, rainha, juiz e juíza, juiz perpétuo e juíza perpétua e o povo da cidade, na praça à frente da igreja onde se realiza o lado profano da festa.

Os negros pouco participam da parte profana, limitando-se ao aspecto sagrado do ritual, o qual tem início na quinta-feira e prossegue até o domingo seguinte: dia da festa. Na quinta-feira, há o hasteamento da bandeira da Irmandade, seguindo-se uma novena oficiada na Igreja. Os “irmãos” se organizam em pequenos grupos e vão a todas as casas da cidade pedir uma contribuição em dinheiro para a festa; é comum que além de dinheiro, recebam no momento, alguma bebida. Na sexta-feira, há sempre uma retreta com a participação da banda de Música Municipal e da Banda dos Negros de Nossa Senhora do Rosário, conhecida por Banda Cabaçal composta de 2 pífanos, 2 caixas, uma zabumba e um caracaxá. A Banda é acompanhada por homens que portam lanças, desempenhando passos de dança em ritmo bem africano.

Os figurantes do ritual são negros que escolhem entre si aqueles que deverão representar papéis especiais no dia da festa, como seja: Juiz do ano, Juiz e Juíza Perpétuos, Rainha dos Vaqueiros, Rei e Rainha do ano; esse conjunto é denominado Reinado e se apresenta com indumentária que os distingue dos demais participantes.

No sábado há um acontecimento dos mais importantes, o “**Tope do Juiz**”. O Juiz deverá vir, a cavalo, de um sítio; sendo ele morador da cidade, deverá sair em direção ao sítio na sexta-feira; o seu regresso à cidade ocorre no sábado de manhã; neste percurso é acompanhado de um grupo de homens, a cavalo.

Nesse ínterim, habitantes da cidade, sem distinção de cor, se dirigem, a cavalo com os demais membros do Reinado, até uma mangueira - marco da entrada da cidade - afim de encontrarem o Juiz, que recebe a faixa das mãos da Juiza. Após o encontro, o Juiz desce do cavalo e junto com o rei se dirige à casa do primeiro, a pé. Todo esse percurso é acompanhado pela Banda Cabaçal. À noite, há ainda a novena na Matriz da cidade, com a presença também do Reinado.

No domingo cedinho, componentes da Banda percorrem as ruas de Santa Luzia, a tocar. Os membros do Reinado se preparam para a missa a ser realizada às 10 horas, na Igreja Matriz. Nos momentos que antecedem àquele ato, a Banda Cabaçal, sempre tocando, vai apanhar em cada um de suas casas os membros do Reinado, com a finalidade de levá-los até a Igreja, na seguinte ordem: Juiz, Juiza, Rei e Rainha.¹⁴

Na igreja, sentam-se os participantes do Reinado nos primeiros bancos, enquanto junto ao altar, encontram-se homens, membros da Irmandade-Irmãos de Opa - em número de doze, tendo nas mãos castiçais com velas que são acesas na hora da cerimônia. No momento da consagração as duas bandas tocam, acompanhando o repicar do sino.

Terminada a missa, saem os seus participantes na mesma ordem em que entraram e se dirigem às suas casas. Cada um dos membros do Reinado oferece em sua casa um almoço para o qual são convidadas as pessoas de sua amizade; alguns brancos são ocasionalmente convidados.

Portanto, esta festa pode ser vista como mecanismo de integração entre a zona rural e urbana do Município, assim como entre negros e brancos. Além

¹⁴ Ver cordel em anexo.

disso, reforça as ligações entre a comunidade de negros de Santa Luzia e aquelas das cidades de Parelhas, Jardim do Seridó e Boa Vista do Rio Grande do Norte, cujos membros comparecem à festa e ocasionalmente fazem parte como tocadores da Banda Cabaçal.

3.3 - Os negros do Talhado e os negros da Pitombeira

Os habitantes da Pitombeira, segundo pessoas do Talhado em uma das versões sobre a origem da comunidade, dizem ser parentes distantes do povo do Talhado devido, à história que relata que o primeiro fundador do Talhado teria sido um dos negros da Pitombeira que fugiu para a serra dando origem à comunidade do Talhado.

Entretanto, a relação entre essas duas comunidades parece não ser de cooperação, convivência comum ou integração. Isolados na serra, os negros do Talhado cultivavam o isolamento (a cultura do afastamento), poucos contatos tinham com os negros da Pitombeira, já que as relações na cidade eram mínimas, apenas por ocasião da feira do sábado onde vendiam a cerâmica produzida no sítio e faziam as compras da feira semanal.

Se de um lado encontramos resistência dos negros do Talhado em não se relacionarem com os negros da Pitombeira, como também com os brancos da cidade, do outro temos os negros da Pitombeira, como os negros mais integrados com as pessoas de Santa Luzia chegando a serem considerados como morenos, cordiais, etc. É difícil afirmar ao certo os motivos e a origem dessa diferenciação, entretanto, umas das explicações desse fato é que os negros da Pitombeira realizam a festa do Rosário e através dessa festa, tenham conquistado a simpatia do povo branco dominante na cidade, que sempre participou ativamente da festa.

Sobre os negros do Talhado falam os negros da Pitombeira:

“Com os negros do Talhado nós não temos nada a ver, porque eles nunca... os negros do Talhado é um povo diferente, eles são apartados da gente. O negócio deles é só na maloca deles lá. O negócio deles é só ajuntar elementos, de casar eles com eles mesmo, família com família, qualquer coisinha matam uns os outros que nem ciganos. Eles são separados da gente, agora não é porque nós não queremos não, porque nós já chamamos muitas vezes, mas eles não querem não. São uns negros diferente”. (JOSÉ, 84)

Enquanto os negros do Talhado afirmam:

“Minha vó era bem clara... lá é um ninho só. Aquele povo da Pitombeira dizem que é família da gente, o povo diz que é... Pra festa do Rosário eles nunca chamam a gente.

Interrogada se existe rivalidade entre eles, ela diz:

“Não. Meu avô é quem dizia que a gente era da família deles. Olhe! na Pitombeira tem gente mais morena do que no Talhado”. (RITA PRETA, 67)

Neste sentido, podemos remeter a questão da explicação da origem da comunidade do Talhado como uma união de um negro da Pitombeira com uma “galega” dos olhos azuis, tendo em vista que é comum encontrarmos no Talhado negros de olhos claros e cabelos lisos. Portanto, talvez a questão da cor da pele não seja determinante, no tocante à discriminação sofrida por um grupo ou outro. O modo de vida e a endogamia que reforçam o isolamento por parte dos negros do Talhado pode ter sido a causa de maior importância para delimitar a fronteira étnica entre essas populações.

3.4 - Os negros do Talhado e a cidade de Santa Luzia

(brancos e morenos)

Sendo uma comunidade de negros que viviam praticamente isolados do resto da população da cidade de Santa Luzia, o Talhado teve e tem uma história marcada pela discriminação e estranhamento por parte das pessoas da cidade.

Porém, em Santa Luzia, existem duas festas tradicionais: A festa de Nossa Senhora do Rosário e a de Santa Luzia, que é a santa padroeira da cidade. Existem também dois clubes (Clube 1º de Julho, dos morenos e o Yayu, clube dos brancos), que já não funcionam mais com a mesma separação de antes, pois os brancos passaram a frequentar o “clubes dos morenos”.

A festa da padroeira da cidade acontece nos dias 11, 12 e 13 de Dezembro sendo que a parte religiosa é marcada por missas e novenas e culmina com a procissão no dia 13 que percorre as principais ruas da cidade. Na parte profana da festa, instalam-se na praça em frente a igreja, parques de diversões, pavilhões e barracas de bebidas e comidas com leilões e serestas ao vivo.

A festa do Rosário é organizada praticamente nos mesmos moldes desta festa, segundo contam moradores de Santa Luzia, a festa do Rosário em anos anteriores chegava a ser mais concorrida do que esta. Acredita-se que devido ao incentivo por parte dos organizadores da festa da padroeira, esta foi ganhando espaço e tornando-se mais festejada. Entretanto, a festa do Rosário atualmente, com o apoio do padre atual está novamente em ascensão.

Outro aspecto interessante que diz respeito à vida social da cidade de Santa Luzia são os clubes. O Yaju é o clube onde se realiza o São João da cidade que tem também longa tradição em festejos juninos tanto nas ruas como nos clubes. O Clube 1º de Julho conhecido como o clube dos negros foi fundado em 1944 a partir de uma idéia do delegado sargento Agenor. Como dizem na cidade, em Santa Luzia só existia um clube e negros não entravam. Então os moradores da Pitombeira e sítios vizinhos que trabalhavam nas minas da região onde corria muito dinheiro, realizavam os forrós na casa de João Pires na Pitombeira. Não tendo um lugar definido para realizar os forrós, o delegado Agenor deu a idéia da construção de um clube aos membros da Irmandade do Rosário que fundaram o chamado Clube dos Negros, comprando da prefeitura um armazém velho de carvão que pertencia a usina local. O nome era realmente Clube dos Negros, mas com o passar do tempo passou a chamar-se Clube 1º de Julho, devido à entrada de um membro branco na sua diretoria Dr. Delmiro Gambarra que achou melhor mudar o nome do clube.

Em torno da existência destes clubes que estabeleciam a segregação entre negros e brancos na cidade, muitas são as histórias de discriminação e preconceito contadas por moradores da cidade, embora eles justifiquem que essa é uma realidade que tem mudado atualmente. Uma dessas histórias foi assim relatada por um informante membro da Irmandade:

“Eu me lembro muito bem que a sociedade fazia a diferença entre moças e mulheres e diziam: filha de fulano não vai entrar; é isso, é aquilo outro, e aconteceu uma coisa curiosa na porta do Yaju Clube, o clube dos brancos. Uma vez chegou uma mulher e foi entrar, então o presidente do clube disse que ela não entraria porque ela era uma negra velha rapariga e o que ela respondeu foi o seguinte: eu sou negra velha rapariga, mas conte as moças que tem aí porque se for

contar não fica nenhuma, talvez até suas filhas saiam. Essas coisas aconteceram, mas a sociedade agora mudou, ela mudou de um tempo para cá e precisa ainda de muita mudança”. (FERNANDO, 38)

Aos poucos o clube dos negros, que de uma forma mais branda de discriminação também era conhecido como o “clube dos morenos”, foi sendo freqüentado por brancos, mesmo que basicamente por homens brancos, pois esse, no entender da população branca, não era considerado um lugar apropriado para suas filhas e esposas. Vejamos como foi ocorrendo tais mudanças nas festas do clube:

“Os negros iam dançar, ajuntavam as negras da região e dançavam lá. Tocou lá, Ciço Bento do Talhado, negro velho Abidias, Zé Preto de Caicó e outros sanfoneiros. Nessa época eram acompanhados pela sanfona, zabumba e o triângulo, e tocavam a noite toda e o tempo foi passando até os brancos acharem que lá estava melhor e começaram a freqüentar o clube dos negros”. (FERNANDO, 38)

De acordo com CAVALCANTI (1975), os “morenos” de Santa Luzia têm, em relação aos negros do Talhado uma série de estereótipos: consideram-nos “metidos a valente”, “beberrões”, “criminosos” e temem virem a ser identificados com os mesmos.

Segundo Conceição Corrêia Chagas, os estereótipos contra o negro estão tão bem alicerçados, que podemos dizer que constituem o imaginário, o subjetivo, um tipo de inconsciente coletivo da sociedade brasileira, em todos os seus pontos extremos de extensão e diversidade. O preconceito está tão

arraigado nas pessoas que as atividades discriminatórias em relação ao negro acabam por favorecer uma ação instintiva, como exemplo: mudar de calçada se um grupo de pessoas negras se aproxima, ou se sentir medo de cruzar com um negro à noite em uma rua não movimentada. Tais atitudes demonstram os pensamentos estereotipados em relação a esse grupo. Os estereótipos atribuídos aos negros - inferior, incapaz, vadio, indolente e muitos outros - aliados à força da mídia, que lhes confirma essas imagens e idéias, mantêm tanto o grupo branco como o grupo negro com essa visão desvalorizativa sobre essa etnia. (1996 : 71-72)

O termo “moreno” para os negros de Santa Luzia, aparece em contraposição ao “negro” para aqueles do Talhado, refletindo uma tendência de embranquecimento dos negros da cidade. Neste sentido, nota-se que a divisão entre “morenos” e “negros do Talhado” corresponde à existente entre brancos e “morenos” de Santa Luzia.

Caracterizar as relações entre brancos e pretos na cidade de Santa Luzia indica a presença dos negros da cidade - “morenos”, que se consideram diferentes dos negros do Talhado, demonstrando uma relação marcada por estereótipos e estigmas (GOFFMAN, 1988).

A maioria dos negros de Santa Luzia são identificados como oriundos da Pitombeira ou descendentes desses e uma pequena parte considerada como pertencente ao Talhado.

A partir destes pontos, outros questionamentos são oportunos, tendo em vista ser necessário atentarmos para o aspecto enfatizado por Carneiro da Cunha (1986), sobre a manipulação da identidade étnica e buscarmos entender esta prática levada a efeito pelos membros da comunidade frente aos poderes

instituídos e à própria população da cidade. A esse respeito, a título de exemplo, soubemos de um episódio envolvendo uma criança filha de pessoas do Talhado e os colegas na escola. Esta criança se nega a ser identificada como sendo do Talhado, no seu entender, seus pais é que são de lá. Percebemos então que esta negação significa a rejeição de uma identidade atribuída de fora, apesar de tratar-se de uma criança, pois é “natural” que ela não aceite a exclusão do grupo de que faz parte na escola. Entretanto, entendemos que fatos deste tipo ocorrem com frequência envolvendo pessoas da comunidade e da cidade.

O mesmo pode ser verificado, com a chegada à cidade dos “negros do Talhado” (como assim são conhecidos e tratados na cidade), com relação aos negros residentes na cidade, pois não apenas os brancos discriminavam o grupo, mas também “os outros negros” assim o faziam:

“...os negros do Talhado são considerados diferentes pelos negros da sede do Município de Santa Luzia; não possuem tradições de origem africana e não participam das festas organizadas pelos negros da sede do Município. São considerados perigosos e criminosos...” (CAVALCANTI, 1975 : 17)

O informante branco nos dá uma visão da situação discriminação do negro em Santa Luzia:

“A discriminação ainda existe um pouco, da minha parte não, mas existe. Eles vieram mais pela sobrevivência, era mais a louça de barro, hoje em dia não chove, a agricultura também não tem, então eles estão vindo morar aqui em Santa Luzia. Eu não sei

muita história sobre eles não, porque eu não tenho amizade com eles. O que eu tenho mais amizade é Sebastião Braz, gente muito boa. O preconceito existe ainda, o pessoal fala: Olhe os negros do Talhado... qualquer coisa é o negro do Talhado, se você falar negro do Talhado já tá discriminando. Os negros da festa do Rosário aqueles dali já são outra coisa, aqueles são queridos demais, eu acho que é só por causa da festa, né? Aqueles nunca vi ninguém falar deles não. O pessoal da festa do Rosário tem mais entrosamento, é um pessoal menos violento, tá entendendo? O pessoal do Talhado sempre foi mais agressivo, acho que é por isso o racismo; de minha parte eu não tenho não, inclusive tenho até amizade com eles. Às vezes até bebo com alguns deles, alguns deles; não é com todos não". (BATISTA, 43)

Por outro lado, um rapaz negro residente na cidade afirma:

"Quem tem ligação com a festa do Rosário é meu pai, eu não tenho não. Preconceito eu acho que é o seguinte: aqui se alguém tiver preconceito comigo eu não ligo não, porque tem gente besta que tem, mas em todo canto existe. Os negros do Talhado são umas pessoas boas, eu acho que pode existir entre eles, despeito com a gente que não temos. É o seguinte: é porque aqui há vários tipos de coisas que uma pessoa tem e dez não tem. Você sabe que tem aquele pessoal branco besta e outros não são. Muita gente às vezes fala, Júnior você só anda com "cabra" branco; não existe isso não, comigo é normal, tanto faz. A pessoa que estuda tem muita amizade, e a maioria são esses meninos aí (brancos), não tem preconceito comigo não. Agora tem aqueles que acham que os amigos têm que ser negros, mas é besteira". (JÚNIOR, 16)

As acusações de perigosos e criminosos feitas aos negros do Talhado, por “pessoas de fora”, podem ser decorrentes da explicação da origem da comunidade dada pelos próprios moradores do lugar ou mesmo como resquícios da dimensão racista persistente no senso comum, que como coloca MONTES (1996 : 53), nos permite identificar o indivíduo pelo grupo e o grupo pelo indivíduo. É por isso que sabemos que todos os índios são *preguiçosos* e que todos negros são *alegres, afáveis e afetivos*. Entretanto, “mesmo sabendo que os negros são *gentis e emotivos*, devemos nos cuidar deles e dos índios, porque em algum momento os avatares da raça virão à tona, e então eles demonstrarão que são efetivamente *selvagens, brutais, monstruosos, próximos da animalidade, etc*”¹⁵.

Por outro lado, vemos que o grupo atualmente passa por um processo de reterritorialização em espaço urbano, tendo enfrentado dificuldades e tensões próprias da adaptação a um espaço diferenciado, implicando em novas formas de organização e/ou re-organização das relações sociais pelo confronto direto e contínuo com o “outro”, o que dentro da diversidade de novas experiências pode fortalecer e enriquecer o grau de consciência da identidade do grupo. A não assimilação do grupo à população urbana devido a continuação do estigma reforça a consciência da identidade.

¹⁵ Grifos da autora.

CAPÍTULO - 4

**A RETERRITORIALIZAÇÃO E A RECONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE DOS NEGROS DO TALHADO**

4. A RETERRITORIALIZAÇÃO E A RECONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOS NEGROS DO TALHADO

A trajetória do grupo do Talhado compreende, em primeiro lugar, uma situação de isolamento na serra até a transferência de parte da comunidade para a cidade.

O território do Talhado foi o lugar escolhido por quem buscava uma vida diferente, seja antigos escravos ou não, os primeiros habitantes do lugar almejavam uma convivência melhor entre iguais. E para isso, buscaram um lugar de difícil acesso onde podiam manterem-se afastados do convívio com as demais pessoas da cidade e da região.

A grosso modo, de início, o Talhado constituía-se de um povo desconhecido, alvo da curiosidade de estranhos por se mostrar arredio nos poucos contatos que desenvolviam com a população externa à sua comunidade. Por muitos anos sua vida no alto da serra parecia ser auto-suficiente, pouco despertava o interesse dos políticos, e só na década de 60 foi registrada em filme. Um povo festeiro, que só descia a serra para a comercialização da cerâmica produzida por eles e para realizarem suas compras na feira da cidade.

As dificuldades acumuladas ao longo dos anos com repetidas secas somadas à situação de pobreza dessa população e o paulatino contato com pessoas de fora, parece ter sido o início da migração do povo do Talhado, que primeiro, acontecia de forma temporária de alguns membros da comunidade, principalmente os homens, em direção aos grandes centros do país até uma migração em massa de famílias inteiras para a cidade de Santa Luzia.

Na cidade eles encontraram apoio de políticos que, com promessas de construção de casas e doações de feiras semanais, os faziam optar por morar na periferia local.

Entretanto, as tensões existem e uma delas, atualmente, acontece entre o povo do Talhado e a prefeitura de Santa Luzia, no fato de que o prefeito tem tentado influenciá-los a voltar para o sítio, alegando melhorias no campo, tais como a instalação da energia elétrica, chuvas e falta de empregos na cidade. Muitas são as resistências encontradas entre os que já se encontram acostumados no meio urbano.

Como é sabido, a população do Talhado que busca a cidade para residir, tem se fixado em sua grande maioria no mesmo local, ou seja, em dois pontos específicos da periferia da cidade. Nesse sentido, vemos que a reterritorialização implica na busca de residência na mesma área. Esta seria uma forma de proteger as famílias que em grupo se sentem mais seguros. A moradia próxima proporciona a mesma solidariedade que o grupo certamente tinha na zona rural, talvez aumentada pela proximidade entre as moradias, o que não acontecia na zona rural por ficarem espalhadas em sítios.

Continua sendo numeroso o contingente de pessoas do Talhado buscando a cidade, enquanto que a organização do grupo adquire novas formas de luta pela sobrevivência. Novos elementos passam a fazer parte do cotidiano dessa população que vai mudando suas referências e expectativas a partir do maior contato que vão tendo com populações vizinhas e o aumento no nível de informação via escola ou meios de comunicação de massa.

A interdependência que se dá a partir da manutenção dos laços de solidariedade por parte de parcela da população do Talhado que se encontra vivendo na cidade em relação a que ainda permanece no sítio, é o fator que

determina a reconstrução da identificação do grupo. Os novos elementos que foram introduzidos no seio desse povo não interferem apenas na vida dos que migraram para a cidade, mas os que estão no campo, com certeza também são de alguma forma atingidos por essas novidades. Acontecendo então, uma negociação de sentidos, uma reelaboração de símbolos e signos que os levam a transformações constantes.

Entendemos, outrossim, que mesmo que a comunidade do Talhado atualmente não se restrinja apenas ao meio rural, ela pode continuar mantendo sua identidade; identidade entendida aqui como “identificações em curso”, pois segundo SOUZA SANTOS (1993), “as identidades culturais não são rígidas nem, muito menos, imutáveis”, são o resultado sempre transitórios e fugazes de processos de identificação. Pensamos como afirma este autor que:

“Mesmo as identidades aparentemente mais sólidas, como a de mulher, homem, país latino-americano ou país europeu, escondem negociações de sentido, jogos de polissemia, choques de temporalidades em constante processo de transformação, responsáveis em última instância pela sucessão de configurações hermenêuticas que de época para época dão corpo e vida a tais identidades”. (p. 31)

À luz das transformações ocorridas na comunidade do Talhado, vemos que tais mudanças correspondem à uma resposta ao novo que se impõe e se instala no meio de populações como essas, vemos fato como uma via de mão dupla aonde as contribuições e perdas são permutadas, sendo impossível definir com precisão as coordenadas desses agenciamentos que se dão mutuamente. Portanto, se muda a população da comunidade do Talhado, muda também a população de Santa Luzia porque a troca de experiências e convivência em

comum acarretam mudanças para ambas. Novas ideologias certamente se cristalizarão nesse processo.

Por outro lado, afirma Conceição Corrêia Chagas que a identidade do negro é atribuída externamente, com base nos estereótipos criados pelo grupo dominador e introjetados pelo grupo negro. Como consequência da introjeção da inferioridade que lhe é atribuída, aliada à manutenção de condições de subvida, constatou-se a falta de negros em situações de destaque nos vários segmentos da sociedade (clero, forças armadas, indústria, comércio, etc). Com isso o grupo negro passa a não ter modelos que lhe favoreça a constituição de uma auto-estima positiva. Dessa forma, há uma dificuldade para a construção de uma identidade satisfatória, já que esta depende de uma auto-estima favorável desenvolvida.(1996 : 72/73)

Neste sentido, os modelos para os negros do Talhado podem estar presentes, como referências próximas, entre os seus próprios representantes, as lideranças, tais como o presidente da cooperativa, a administradora do galpão, e até mesmo nos tocadores de sanfona que se destacam fora do grupo. Demonstrando, assim, um importante sentimento de pertencimento ao grupo, pois, ao nosso ver, tendo em vista o pouco convívio do povo do Talhado com a vida urbana, ainda é cedo para que estes elaborem modelos seguros e de abrangência nacional ou globais.

Não fossem os estigmas e estereótipos, a vida da população do Talhado que mora na cidade se mostraria bastante semelhante a forma de vida das populações periféricas do resto da cidade, entretanto, a descendência negra e a confecção da cerâmica no galpão tem sido os motivos que marcam o tom da diferença. O galpão é o lugar para onde convergem pessoas do grupo, tanto as

que moram na cidade como as que vêm da zona rural e encontram lá um lugar de apoio. Dessa forma, mantém-se a solidariedade no grupo conservando uma tendência vinda da vida em isolamento na serra. O galpão é, portanto, um novo espaço de aglutinação para a comunidade no espaço urbano.

Para os negros do Talhado, como forma de solidariedade interna podemos identificar o galpão e a cooperativa, além dos jogos e brincadeiras, enquanto a forma de solidariedade externa ou de contatos interétnicos se revela na igreja, na festa do Rosário e na feira em Santa Luzia, e as trocas com os políticos que parecem ter iniciado o processo de migração e posterior reterritorialização.

Dentro do que compreendemos ser a reconstrução da identidade do povo talhadino, destaca-se portanto, no meio rural a cooperativa como um espaço novo para discussão dos problemas do lugar e o galpão no meio urbano como um espaço que congrega parte daqueles moradores que optaram por residir na cidade. Sendo estes os principais motivos que reforçam a identidade do grupo na atualidade. Destacando-se, neste sentido, o papel da cooperativa como reforço das relações do grupo com a terra. Esses espaços podem também servir de mediadores entre os membros da comunidade do Talhado e os moradores da cidade.

Por outro lado, o papel da festa do Rosário é de permitir o surgimento de uma consciência negra, o que ainda não existe. Esta consciência teria consequência maior porque ultrapassaria os vínculos locais e de consangüinidade da identidade da comunidade do Talhado.

É interessante ver que um dos membros da Irmandade nos mostra o quanto é difícil reunir os negros para organizar a festa, por exemplo;

demonstrando que a assunção da negritude na totalidade dos negros de Santa Luzia ainda aparece como uma coisa difícil. O embrião de uma atitude política nesse sentido, só acontece em ações isoladas de pessoas, como o padre da cidade ou militantes do movimento negro e pesquisadores que visitam a cidade, a Irmandade do Rosário e o Talhado.

Sobre as dificuldades em reunir as pessoas para organizar a festa do Rosário o membro da Irmandade nos mostra que:

“Nas reuniões que aconteciam agora antes da festa do Rosário, a porta ficava cheia de rapazes e moças negros, só olhando, parecendo uns bichos, pensando que aquilo ali ia morder e parece que eles estavam achando feio e ridículo aquilo ali sabe, e deixa que aquilo ali pertencia a eles e eles não sabem disso, a cultura, a educação formato que eles não têm não!”(FERNANDO, 38)

Tomando o exemplo do que acontece no estado da Bahia, onde existe uma grande concentração e organização de entidades negras, o informante continua em sua fala abaixo, mostrando como seria possível com a união dos negros de Santa Luzia tornar essa cidade um ponto de referência para os negros na região.

“Se juntasse o pessoal do Talhado, juntasse o pessoal da Pitombeira, uma parte da Ramadinha, porque tudo isso é zona rural e tem poucas, a zona rural está extinta. Mas de qualquer maneira a gente vai no bairro São Sebastião que tem um número muito grande de negros, o bairro S. José, uma parte das Malvinas, do Conjunto da CEHAP, o bairro N. S. de Fátima tem muito negro também. Se juntasse isso tudo aí, a cultura

era diferente, porque a Bahia progrediu por causa dos negros que souberam o que era ser negro, se distinguiram da sociedade, por isso que tá uma cultura daquela e uma cidade rica através do turismo”.(FERNANDO, 38)

O projeto desse membro da Irmandade é o de criar uma consciência negra entre os negros de toda a região ou em torno de Santa Luzia, tendo como referência o modelo baiano. No seu entender:

“Precisa de uma reunião muito grande, uma reunião concentrativa que reunisse todos os negros, agora uma reunião de voz, não é uma reunião que a gente vai falar e alguém queira intervir, não é uma reunião que vai ser escolhido fulano e fulano. Vai falar sobre o negro, vai falar sobre a região, vai falar sobre isso, vai falar sobre a sua descendência, vai falar sobre a sua cultura. Tem que ser dessa forma, dessa natureza, porque se for através da Irmandade do Rosário a cultura jamais prosperará. Se for através da cultura dos negros do Talhado essa cultura pelo amor de Deus! Nunca mais prosperará, porque não tem líder, é cultura sem líder, é um povo à-toa, eles estão à-toa, sabe como é, uma manada que arromba uma cerca e sai tudo sem ter um giro, é como esse povo, uma raça negra que existe aqui, principalmente a do Talhado, estão um povo alheio”.(FERNANDO, 38)

O nível de esclarecimento da população é baixo e deixa muito a desejar no que se refere a uma política de conscientização que possa levar à construção de uma luta mais organizada pelos direitos e conquistas dos negros na região, tornando quem sabe, o Vale do Sabugi como uma referência ou mesmo um ponto turístico no Estado, como demonstra ser o desejo de alguns membros da Irmandade do Rosário, por exemplo, que defendem a união de todos para que juntos possam lutar por uma vida melhor e mais justa com menos preconceito.

Por outro lado, é possível que os negros do Talhado na cidade com o tempo venham a se aproximar dos outros negros, mas isto só será possível se surgir alguma liderança que inicie esse projeto. Entretanto, haverá dificuldades de agregar o Talhado, uma vez que o projeto estaria sendo gestado por negros alheios à comunidade. Por ora, o projeto do Talhado está atrelado ao modo de vida tradicional, ou seja, o retorno à vida rural. Embora entendamos que seja pouco provável esse retorno, o projeto deles só aponta para a volta à vida rural e quem sabe à situação de isolamento de outrora. Ainda que seja um sonho, tal projeto, talvez a forma de melhor viabilizá-lo, seja aliar a vida urbana com a rural.

Com isso, no projeto do Talhado a reterritorialização do grupo no espaço urbano é pensado em caráter provisório, uma vez que com as reivindicações da cooperativa, eles desejem dotar o campo de condições para um retorno, e desta forma estariam também fazendo um acordo com segmentos da cidade que os querem de volta ao campo. Assim eles podem conseguir barganhar alguns melhoramentos para a zona rural.

O processo de reconstrução da identidade está apoiado na memória de um passado em que a comunidade viveu isolada com todos os seus membros. E o projeto está baseado nesta memória. Não há sinais de que o projeto do Talhado aponte para uma reconstrução com elementos novos, como é o caso do projeto dos membros da Irmandade do Rosário, por que eles não têm uma memória ancestral que os situe na África, como é o caso do movimento baiano. A localidade é a marca mais forte do grupo do Talhado e seu projeto está preso a ela. Nada impede, porém, que na próxima década eles tenham adquirido uma consciência de raça. O que prevalece, no entanto, é uma consciência étnica.

• **BIBLIOGRAFIA**

ANDRADE, Maristela Oliveira de. (1997). **Cultura e Tradição Nordestina: Ensaios de História Cultural e Intelectual**. Idéia, João Pessoa.

AKOUN, André. (1983). **Dicionário de Antropologia**. Viseu, Verbo, pp. 173-174.

BACELAR, Jeferson. (1989). **ETNICIDADE - Ser negro em Salvador**. Penba, Ianamá, Salvador.

BAIOCCHI, Mari de Nazaré, (1987). **Negros do Cedro**. ensaios 97, editora ática, São Paulo.

BANDEIRA, Maria de Lourdes, (1988). **Território Negro em Espaço Branco**. editora brasiliense, São Paulo.

BARTH, F., (1969). **“Introduction” In Ethnic Groups and Boundaries**. Universitets Forlaget/George Allen e Unwin, Bergen-Oslo/ London, Trad. de Ana Lúcia Lobato.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues, (1977). **Peões, Pretos e Negros - Trabalho e identidade étnica em Goiás**. Editora Universidade de Brasília.

CARDOSO de Oliveira, Roberto. (1976). **Identidade, Etnia e Estrutura Social**. São Paulo, Pioneira.

CARDOSO, Ruth. (org.), (1988). **A Aventura Antropológica - Teoria e Pesquisa**. 2ª edição, editora Paz e Terra, São Paulo.

- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela, (1986). **Antropologia do Brasil.** brasiliense, São Paulo.
- CAVALCANTI, Josefa Saete B., (1975). **Talhado: um Estudo de Organização Social e Política.** Dissertação de Mestrado - UFRJ, Rio de Janeiro.
- CHAGAS, Conceição Corrêa. (1996). **Negro - Uma Identidade em Construção.** Possibilidades, Vozes, Petrópolis.
- CHIAVENATO, Júlio J., (1987). **O Negro no Brasil.** 4ª edição, editora brasiliense, São Paulo.
- DIÉGUES JR., Manuel. (1980). **Etnias e Culturas no Brasil.** Biblioteca do Exército Editora, Rio de Janeiro.
- GOFFMAN, Erving, (1988). **Estigma - Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada.** 4ª edição, editora Guanabara, Rio de Janeiro.
- FERREIRA, Clésio S., (1981). **A Cultura da Serra do Talhado.** Reportagem, Revista Cultura, jul./set.
- IANNI, Octávio, (1996). **“A Racialização do Mundo”** in Tempo Social. Revista de Sociologia da USP. Volume 8, nº. 1, pp. 1-23.
- LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de A., (1986). **Fundamentos de Metodologia Científica.** Editora Atlas, São Paulo.
- LARAIA, Roque de Barros, (1993). **Cultura - Um Conceito Antropológico.** 8ª edição, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro.

- LIMA, Elizabeth C. de Andrade, (1992). **Etnicidade e relações Interétnicas - Algumas Notas Acerca da Teoria**. Caderno de Ciências Sociais, Nº 03, UFPB.
- _____, (1992). **Os Negros de Pedra D'água: Um estudo de Identidade Étnica - História, Parentesco e Territorialidade numa Comunidade Rural**. Dissertação de Mestrado - UFPB, Campina Grande.
- MAESTRI, Mário, (1988). **A Servidão Negra**. Série Novas Perspectivas - História, Mercado Aberto, Porto Alegre.
- MAUSS, Marcel. (1979). **Antropologia**. (Org. Roberto Cardoso de Oliveira), Coleção Grandes Cientistas Sociais, ed. ática, São Paulo.
- MELO, Josemir C., (1996). **Trabalhadores negros urbanos escravizados em busca da liberdade: De "fujões" a guerrilheiros** in Cadernos Nordeste em Debate. Nº IV, UFPB, Campina Grande.
- MOURA, Clóvis, (1993). **Quilombos - Resistência ao escravismo**. Série Princípios, 3ª edição editora ática, São Paulo.
- _____, (1988). **Rebeliões da Senzala**. 4ª edição, Série Novas Perspectivas, Mercado Aberto, Porto Alegre.
- MUNANGA, Kabengele, (1988). **Negritude - Usos e sentidos**. Série Princípios, 2ª edição, editora ática, São Paulo.
- SANTOS, Washington, (1995). **Dicionário de Sociologia**. 2ª edição, editora Livraria Del Rei, Belo Horizonte.

SCHWARCZ, M. Lilia & QUEIROZ, Renato S. (orgs.), (1996). **Raça e Diversidade**. ed. USP, São Paulo.

SOUZA SANTOS, Boaventura de, (1994). “**Modernidade, Identidade e a Cultura de Fronteira**” in Tempo Social. Revista de Sociologia da USP. Volume 5, nº. 1-2, pp. 31-52.

SOUZA S. Neusa. (1990). **Tornar-se Negro**. Graal, 2ª edição, Rio de Janeiro.

WEBER, Max, (1991). **Economia e Sociedade**. vol.1, ed. UnB, Brasília.

A N E X O S

IDENTIFICAÇÃO DOS INFORMANTES NEGROS
MORADORES DA CIDADE QUE NÃO SÃO DO TALHADO

IDADE	Até 25	25-50	50-75	Acima de 75	TOTAL
NEGROS HOMENS	2	1	-	3	6
NEGROS MULHERES	-	-	1	-	1
TOTAL:	2	1	1	3	7

IDENTIFICAÇÃO DOS INFORMANTES BRANCOS
MORADORES DA CIDADE

IDADE	Até 25	25-50	50-75	Acima de 75	TOTAL
BRANCOS HOMENS	1	2	1	-	4
BRANCOS MULHERES	1	1	-	-	2
TOTAL:	2	3	1	-	6

IDENTIFICAÇÃO DOS INFORMANTES

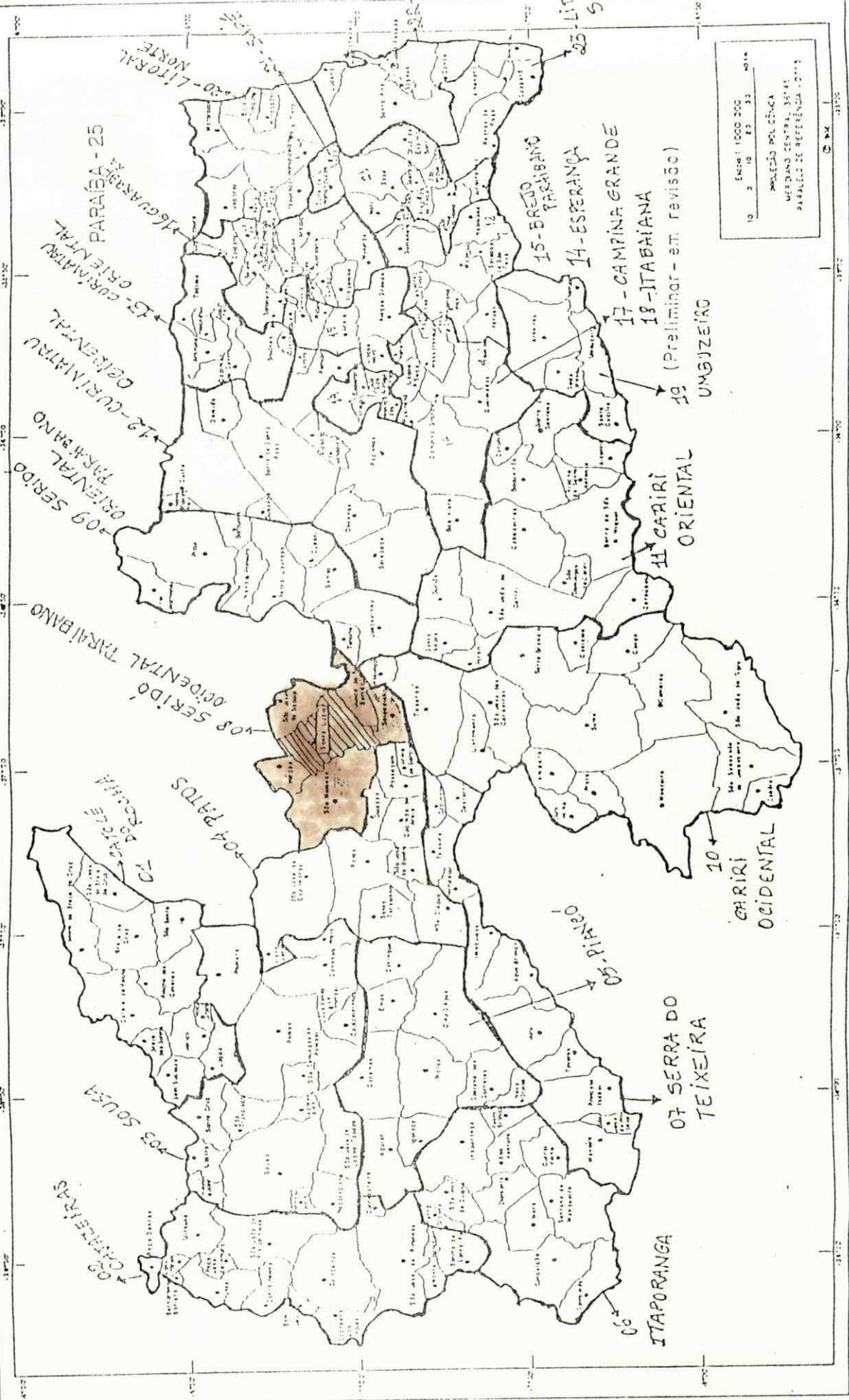
MORADORES DO TALHADO

IDADE	Até 25	25-50	50-75	Acima de 75	TOTAL
NEGROS HOMENS	3	2	3	-	8
NEGROS MULHERES	-	1	1	-	2
TOTAL:	3	3	4	-	10

IDENTIFICAÇÃO DOS INFORMANTES DO TALHADO

MORADORES DA CIDADE

IDADE	Até 25	25-50	50-75	Acima de 75	TOTAL
NEGROS HOMENS	2	5	-	3	10
NEGROS MULHERES	-	2	2	1	5
TOTAL:	2	7	2	4	15



Escala: 1:000.000
 0 5 10 25 50 Km
 PROJEÇÃO POLICÊNICA
 MERIDIANO CENTRAL: 35°W
 PARALELO DE REFERÊNCIA: 7°S

APA 01 - ESTADO DA PARAÍBA - MICRO REGIÕES
 SERIDO OCIDENTAL - MICRO REGIÃO ONDE LOCALIZA-SE A
 CIDADE DE SANTA LUZIA.

15

ASSOCIAÇÃO DO NÚCLEO DE INTEGRAÇÃO
RURAL DO TALHADO - ANIRT

Cópia da Ata de Fundação da Associação do Núcleo
de Integração Rural do Talhado - Anirt.

Aos trinta dias do mês de Janeiro do ano de Mil novecentos e noventa e quatro, (30/01/1994), às 08:00h no Grupo, digo: na Escola Elementar José Bento Carneiro situada na Comunidade Talhado, município de Santa Luzia-Pb, reuniram-se vários moradores da Comunidade // para juntos debaterem os problemas da referida Comunidade e encontrarem soluções para os mesmos, de início, fez a abertura da reunião o // Agente Comunitário de Saúde, Pedro Severino de Andrade, que desejou as boas vindas a todos e convidou o Vereador Armando Moises, que se fez acompanhar pelo Sr. Iremar Figueredo, que aceitaram o convite e se fizeram presente a mesa, o mesmo convite foi feito ao representante do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Bivar de Souza Duda, que na ocasião, fez uma explanação do que é uma Associação Comunitária, após as explicações dos convidados, os moradores participantes, debateram entre si, os problemas enfrentados na Comunidade, e, apresentaram uma proposta de fundação de uma Associação, o que foi aprovado por unanimidade // em seguida passaram a debater pontos do Estatuto, o que ficou decidido foi a base territorial, a denominação, duração, sede, foro, órgãos sociais, direitos e deveres dos associados, o patrimônio, a receita e, que o mandato da diretoria será gratuito, podendo receber ajuda de custo quando necessário, ou quando os diretores prestarem serviços diretamente a Associação, logo em seguida foi escolhida uma Comissão Provisória para dirigir os destinos da Associação até 90 dias após seu registro em Cartório, podendo ainda esta Comissão ser renovada ou mudada // quando os associados acharem necessário, ou os membros da mesma. Após a votação dos presentes, ficou a Comissão assim constituída: Presidente, Moisés Francisco Bento; Vice-presidente, Pedro Severino de Andrade Secretária, Gilvaneide Ferreira da Silva; 2ª secretária, Lúcia Maria dos Santos Cunha; Tesoureira, Cecília Braz dos Santos; 2º tesoureira, Manoel Divalcy dos Santos; Conselho Fiscal Zacarias Pedro de Andrade, Sebastião Braz dos Santos e Inácio Francisco dos Santos; suplentes, // Bartolomeu Fernandes Vieira e Cícero Inocência da Silva, em seguida o presidente da Comissão usou da palavra agradeceu a todos e se dispôs a representar a Comunidade, tendo neste momento sido facultada a palavra, mas como ninguém fez uso, eu, Gilvaneide Ferreira da Silva, digo: foi encerrada a reunião às 12:00h deste mesmo dia, tendo eu, Gilvaneide Ferreira da Silva, lavrado a presente Ata, que depois de lida e aprovada vai ser assinada pelos demais companheiros presentes. (ass) Moisés Francisco Bento, presidente, Gilvaneide Ferreira da Silva, secretária, Cecília Braz dos Santos, tesoureira, José Almeida da Silva, / Cícero Francisco Bento, Luzia dos Santos Araujo, Lúcia Maria dos Santos Joana Carneiro dos Santos, Iconice Maria dos Santos, Damião Silva Cunha, Pedro Severino de Andrade, Sebastião Braz dos Santos, Severino Pedro de Andrade, João Ferreira do Nascimento, Givanildo Bento da Silva, Alcindo Francisco Bento, Manoel Carneiro Saturnino, Zacarias Pedro de Andrade, Marinalva dos Santos Vieira da Cunha, Enilda Santos Saturnino Francisca Maria Carneiro, Giselda Carneiro Silva, Bartolomeu Fernandes Vieira. E esta conforme a original. Santa Luzia-Pb, em

Gilvaneide Ferreira da Silva

Gilvaneide Ferreira da Silva

- Secretária -

RECONHEÇO a firma de Gilvaneide Ferreira da Silva

Secretária

Em testº Gil da verdade. Dia 13.

Santa Luzia, 22 de março de 1994

Luzia Moisés dos Santos

2º TABELIONATO

Terezinha da Conceição Nobrega
Tabelã e Oficial do Registro de Títulos
e Documentos e Pessoas Jurídicas
Luzia Moisés dos Santos - Escrevente
SANTA LUZIA - PB.

ASSOCIAÇÃO DO NÚCLEO DE INTEGRAÇÃO RURAL

DO TALHADO

ANIRT

ESTATUTO

CAPÍTULO I

DA DENOMINAÇÃO, DURAÇÃO, SEDE, FORO E FINS.

ARTIGO 1º - A Associação do Núcleo de Integração Rural do Talhado, ANIRT, fundada em 30 de Janeiro de 1994, com sede na escola Elementar José Bento Carneiro, na Comunidade de Talhado, no município de Santa Luzia-PB e foro jurídico na Comarca de Santa Luzia, estado da Paraíba.

PARAG. ÚNICO - Entende-se por Comunidade do Talhado, todos os moradores dos Sítios, Talhado Serrinha, Oiticuequinha, Riacho Grande, Pedra Redonda, Balança, Saco de Pedra, Poço da Cruz, Furtuna, Poço do Feijão, São Luiz e demais Sítios circunvizinhos.

ARTIGO 2º - A Associação do Núcleo de Integração Rural do Talhado, ANIRT, tem por finalidade:

- I - Reunir pessoas da Comunidade para tratar de assuntos comuns;
- II - Proporcionar a melhoria de convivio entre os habitantes da Comunidade, através da integração de seus membros;
- III - Concientizar a Comunidade de suas potencialidades levando-a a responder aos seus anseios;
- IV - Colaborar com os poderes públicos nas iniciativas de interesses coletivos;
- V - Promover o desenvolvimento em todos os setores da Comunidade e das circunvizinhas, dentro das suas limitações;
- VI - Orientar as pessoas para o desenvolvimento rural e, para o alcance de recursos financeiros e humanos visando a melhoria das famílias de seus associados;
- VII - Elaborar e encaminhar projetos que visem o desenvolvimento de seus associados.

ARTIGO 3º - Compete a Associação do Núcleo de Integração Rural do Talhado, ANIRT:

- I - Apresentar aos poderes públicos, sugestões, visando o bem da comunidade;
- II - Integrar suas ações com a de outros órgãos e instituições empenhadas em desenvolver o meio Rural;
- III - Estabelecer sistemas adequados de controle na aplicação dos recursos, que venha receber tendo em vista, a aprovação das despesas realizadas perante as entidades ou grupo de pessoas, donde provierem esses recursos;
- IV - Colaborar para a continuação e crescente integração com os poderes público órgão e Entidades, que visam o desenvolvimento rural;
- V - Avaliar isoladamente ou em conjunto com outros órgãos e Entidades, os resultados alcançados na execução das atividades desenvolvida na comunidade;
- VI - Divulgar seus objetivos e realizações;

ARTIGO 4º - O prazo de duração da Associação do Núcleo de Integração Rural do Talhado, ANIRT, é indeterminado e o número de sócios é ilimitado.

CAPÍTULO II

DOS ÓRGÃOS SOCIAIS

ARTIGO 5º - A Associação do Núcleo de Integração Rural do Talhado, ANIRT, terá os seguintes órgãos sociais:

- I - Assembleia Geral;
- II - Diretoria;
- III - Conselho Fiscal.

CAPÍTULO III

DA ASSEMBLÉIA GERAL

ARTIGO 6º - A Assembléa Geral detém os poderes, regras, e normas deste estatuto e é órgão soberano de decisões da Associação, composto de todos os membros de seu quadro social.

ARTIGO 7º - A Assembléa Geral reunir-se-á, ordinariamente ou extraordinariamente por convocação da diretoria sempre que se fizer necessário.

ARTIGO 8º - As decisões da Assembléa Geral, serão tomadas por maioria de votos secreto e ou aberto, com no mínimo a metade mais um dos associados presentes.

ARTIGO 9º - A Assembléa Geral Ordinária Compete privativamente:

- I - Aprovar prestação de contas da Diretoria;
- II - Pronunciar-se sobre o relatório Anual de Atividades;
- III - Decidir sobre o programa Anual de Atividades.

ARTIGO 10º - A Assembléa Geral Extraordinária compete privativamente:

- I - Alterar ou modificar o presente Estatuto;
- II - Resolver os assuntos que lhes forem proposto;
- III - Exonerar os membros da Diretoria e Conselho Fiscal por justa causa;
- IV - Decidir sobre a extinção da Associação.

PARAG.ÚNICO - As decisões sobre a reforma do presente estatuto, serão tomadas pela maioria de voto secreto e/ou aberto, de metade mais um dos associados presentes enquanto que a sua extinção será por 2/3 (dois terços), dos associados em pleno gozo de seus direitos sociais.

ARTIGO IV

DA DIRETORIA

ARTIGO 11º - A diretoria da Associação, será composta de presidente, vice-presidente, tesoureiro e dos suplentes escolhidos entre os associados.

ARTIGO 12º - Os membros da diretoria, serão eleitos pelo voto secreto, da Assembléa geral com mandato de dois anos, podendo ser reeleitos.

ARTIGO 13º - A diretoria reúne-se ordinariamente, pelo menos uma vez por mês, extraordinariamente sempre que o presidente convocar.

ARTIGO 14º - A diretoria não correspondendo aos interesses da Associação, será afastada por decisão da assembléa e por maioria de voto secreto.

ARTIGO 15º - Compete a Diretoria:

- I - Cumprir e fazer cumprir decisões, do estatuto e da assembléa geral;
- II - Zelar pela fiel execução do plano Anual de Atividades;
- III - Convocar Assembléa Geral.

ARTIGO 16º - Atribuições do Presidente:

- I - Dirigir e orientar a associação em todos os fins;
- II - Determinar as despesas e pagamentos autorizados pela assembléa;
- III - Representar a associação nos âmbitos, municipal, estadual, e federal e junto a estabelecimentos bancários, movimentar verbas com o tesoureiro;
- IV - Assinar junto com o Tesoureiro todos os documentos que envolvam responsabilidades financeiras;
- V - Presidir as reuniões e convocá-las quando necessárias;
- VI - Supervisionar e controlar o funcionamento geral da associação, entre todos os setores, zelando pela fiel execução dos programas de atividades e pelo cumprimento das deliberações dos órgãos sociais;
- VII - Divulgar junto aos associados os resultados dos trabalhos realizados;
- VIII - Solucionar casos de urgência submetendo-os em seguida aprovação da diretoria;

- IX - Convocar as reuniões do Conselho Fiscal;
- X - Assinar com o secretário correspondência da Associação.

ARTIGO 17º- Atribuições do Vice-presidente:

- I - Substituir o presidente em seus impedimentos ou ausências temporárias;
- II - Auxiliar o presidente nas funções em que for solicitada a cooperação;
- III- Ajudar em todas as atividades promocionais da Associação.

ARTIGO 18º- Atribuições do secretário:

- I - Conservar em dia as correspondências da Associação;
- II - Atualizar o registro dos Associados;
- III- Informar a tesouraria a admissão de novos associados;
- IV - Assistir as reuniões da diretoria, lavrando e fazendo levar Atas;
- V - Providenciar cartelas para os associados;
- VI - Assinar com o presidente documentos e correspondências da Associação;
- VII- Ter sob sua guarda, devidamente organizados, os livros de Atas e arquivos.

ARTIGO 19º- Atribuições do Tesoureiro:

- I - Arrecadar em dia as contribuições sociais da Associação;
- II - Assinar conjuntamente com o presidente, documentos que envolvam responsabilidade financeira;
- III- Cumprir as determinações da Diretoria;
- IV - Responsabilizar-se pelo patrimônio Social da Associação.

ARTIGO 20º- Compete ao Conselho Fiscal:

- I - Examinar os livros, documentos e balanços verificando a situação financeira da Associação;
- II - Convocar Extraordinariamente a diretoria ou assembleia quando ocorrerem graves e urgentes motivos;
- III- Fiscalizar as atividades da diretoria.

CAPITULO V

DOS ASSOCIADOS

ARTIGO 21º- São sócios:

- I - Fundadores, todos aqueles que assinaram a ata de fundação;
- II - Efetivos, aqueles que residem no Talhado ou nas comunidades circunvizinhas e que cumpram as determinações do presente estatuto.
- III- Beneméritos, aqueles que são eleitos pela assembleia geral, mediante seus relevantes serviços prestados a Associação;
- IV - Contribuintes, são as entidades ou órgãos que contribuam diretamente ou através dos poderes públicos com recursos financeiros ou técnicos, visando realizações dentro das finalidades da Associação.

ARTIGO 22º- Somente os sócios terão direito a voto ativo ou passivo nas Assembleias Gerais.

PRAG.ÚNICO- Os sócios não respondem pessoalmente pelas obrigações contraídas pela Associação.

ARTIGO 23º- São direitos dos Associados:

- I - Votar e ser votado;
- II - Participar das Assembleias Gerais e apresentar opiniões;
- III- Receber cartelas de sócios;
- IV - Ser informado dos benefícios da Associação;
- V - Reclamar se está prejudicado em seus direitos.

ARTIGO 24º- São obrigações dos Associados:

- I - Conservar o nome da associação;
- II - Contribuir mensalmente com a importância determinada pela Assembleia Geral;
- III- Comparecer as reuniões ordinárias e/ou extraordinárias, quando convocado;

- IV - Participar dos trabalhos realizados na Associação;
- V - Participar do desenvolvimento de atividades, projetos, executados pela Associação

CAPÍTULO VI

DO PATRIMÔNIO E RECEITA

- ARTIGO 25º - O patrimônio da Associação será constituído pelos bens que adquirir.
- ARTIGO 26º - A receita será constituída pelos recursos financeiros, auxílios, subvenções, legados e outros que lhe forem destinados pelos membros mantenedores.
- ARTIGO 27º - Os recursos da Associação serão destinados, exclusivamente com autorização do presidente e do Tesoureiro, após verificação de necessidade.
- ARTIGO 28º - Nenhum bem pertencente a Associação poderá ser alienado ou por qualquer título passado sem a expressa autorização da Assembleia Geral Extraordinária, convocada para este fim, a qual será deliberada em votação secreta e/ou aberta.

CAPÍTULO VII

DISPOSIÇÕES GERAIS E TRANSITÓRIAS

- ARTIGO 29º - O mandato dos Membros da Diretoria será gratuito, podendo receber ajuda de custo quando os mesmos prestarem serviços exclusivamente a Associação.
- ARTIGO 30º - A Associação existirá até que o quadro de associados fique resumido ao um número inferior a 10, (dez), associados, com aprovação de sua Assembleia Geral.
- ARTIGO 31º - O Núcleo de Integração Rural do Talhado, receberá assistência técnica de qualquer instituição, órgão, ou empresa de assistência técnica sempre que necessário.
- ARTIGO 32º - O dinheiro arrecadado pela associação, após efetuada as despesas, poderá o saldo anual ser revertido em benefício dos associados em dia com seus deveres sociais.
- ARTIGO 33º - Os casos omissos neste estatuto, serão resolvidos pela diretoria em exercício.
- ARTIGO 34º - Em caso de dissolução da Associação os seus bens patrimoniais, passarão para uma Entidade de fins Comunitários, indicado pela Assembleia Geral.
- ARTIGO 35º - Este Estatuto vigorará a partir da data de aprovação.

Comunidade Talhado município de Santa Luzia-PB, em 30/01/1994.

PRESIDENTE: Pedro Severino de Andrade

TESOUREIRO: Lucia Maria dos Santos

SECRETÁRIO: Gilvanildo Fernandes da Silva Santos

2º TABELIONATO
 M^{te} Terezinha da Conceição Nóbrega
 Tabelã e Oficial do Registro de Títulos
 e Documentos e Pessoas Jurídicas
 Luzia Messias dos Santos - Escrevente
 SANTA LUZIA - PB.

RECONHEÇO a(s) firma(s) de Pedro severino de andrade, Lucia maria dos santos e Gilvanildo Fernandes da Silva Santos

Em 30 de Abril de 1994, em Santa Luzia, PB, de 30 de Abril de 1994.
Lucia Messias dos Santos
 Luzia Messias dos Santos
 Escrevente

Relação das famílias contempladas com eletrificação rural na Comunidade Talhado
1ª Etapa do Projeto entre ABB-T e COOP BARR, ano de 1996.

Nº	NOME	ENDEREÇO	COMUNIDADE
01	- Paulo José da Silva	Sítio Riacho Grande	Talhado
02	- Sebastião Ferverira Nascimento	Sítio Riacho Grande	"
03	- José Augusto Bento	Sítio Riacho Grande	"
04	- Moisés Francisco Bento	" " "	"
05	- Aderaldo Rodrigues Bento	" " "	"
06	- Damião Paulino Carneiro	" " "	"
07	- Severina Antônia de Silva	Sítio Riacho Grande	"
08	- Inácio Marques da Cunha	" "	"
09	- Luis Bento da Silva	" Serra da	"
10	- Francisco de Assis Carneiro	" "	"
11	- Manoel Paulino Carneiro	" "	"
12	- Manoel Divalley dos Santos	" "	"
13	- Sebastião Cruz dos Santos	" "	"
14	- Posto de Saúde do Talhado	" "	"
15	- Escola Elementar José Paulo	" "	"
16	- Manoel Evangelista dos Santos	" "	"
17	- Inácio Francisco dos Santos	" "	"
18	- Luzia Silva da Araujo	" "	"
19	- Josias Gomes Colburnino	" "	"
20	- Ademir Ferreira do Nascimento	" "	"
21	- Mario Gomes Colburnino	" "	"
22	- Marcelino Rodrigues Bento	" "	"
23	-		

Comunidade Talhado em 30/04/1994.

Pedro Severino de Andrade
 Pedro Severino de Andrade

Presidente

Pedro Severino de Andrade

Pedro Severino de Andrade
 Presidente - COOP BARR

01288 470/1000-0001
 Associação de Trabalho de Lavoura
 Localidade: Talhado - BA
 Esc. Elementar José Paulo
 Talhado - BA

AS IRMANDADES DO ROSÁRIO

Antônio Helitom de Santana

Este cordel quer contar para as Irmandades do Rosario dos pretos e para todos nós um pouco da história muito bonita destas irmandades que tanto ajudaram os negros ao longo dos tempos. É uma história de luta, de amor, de fraternidade. Esperamos que este cordel nos ajude a nos tornar mais humanos, mais compreensivos com a causa dos nossos irmãos negros que procuram ser tratados com igualdade. Somos filhos do mesmo Pai que nos criou iguais na dignidade e no valor mas diferentes na raça e na cor, para descobrir quanto é bonita e rica a diferença. Que Nossa Senhora do Rosario dos pretos nos ajude a vencer todo preconceito e todo racismo.

- 1- S. Benedito me dá
Força e inspiração
Senhora Aparecida
Abra meu coração
Santa escrava Anastácia
Segure na minha mão
- 2- Pra eu escrever em versos
Com a força da verdade
O que li e o que vi
Das chamadas irmandades
Povo unido em Jesus
Vivendo a fraternidade
- 3- Nesse tempo, o Brasil
Pertencia a Portugal
Era dele uma colônia
Era fundo de quintal
Era fonte de riqueza
Mãe de leite, afinal
- 4- As chamadas irmandades
Também ditas confrarias
Não tinham freira nem padre
Só o leigo pertencia
Como eu, como você
João, Cosme e Bidia
- 5- Independente do clero
Tinha as rédeas do poder
Porém para existir
Do rei, teria que ter
Aprovação. Veja bem
Tenho mais a lhe dizer
- 6- Naquele tempo o rei
Mandava até na Igreja
Ainda hoje tem padre
Que ao politiqueiro beija
Faz o jogo do patrão
Diz ao pobre: Assim seja
- 7- As irmandades serviam
Para fazer devoção
Ao santo da confraria
Para servir aos irmãos
Com obras de caridade
E amor no coração
- 8- Cada irmandade tinha
A sua caixa comum
Mantida pelos irmãos
Por todos por cada um
Para o bem da confraria
Chega, sinto um batecum
- 9- Ajudavam os doentes
Quem tava em dificuldade
Faziam enterro, festa
Ao santo, é a verdade
E constavam Igreja
Pro santo da irmandade
- 10- Cada irmandade fazia
Sua Igreja mais bonita
Cada qual mais enfeitada
Flores e laços de fita
Paramentos, muitos jarros
Rivalidade agita
- 11- A sua Igreja é bela
A minha muito melhor
A sua Igreja é grande
A minha muito maior
Sua festa é muito boa
A nossa é ótima, oh
- 12- As irmandades eram sim
Divididas pela cor
A cor que digo é da pele
A dos brancos, sim, senhor
A dos negros, a dos mestiços
Racismo! Mas que horror
- 13- Nem negro e nem mestiço
Podiam participar
Das irmandades do branco
Mas o branco, veja lá
Pertencia a qualquer uma
um meio de controlar
- 14- Irmandade do Rosário
É do negro confraria
Do Amparo é dos mestiços
Do branco, da fidalguia
Santíssimo Sacramento
Ora, ora, quem diria

15- Você está vendo claro
Que havia divisão
Por cor e também por classe
Cada um na sua mão
Cada macaco em seu galho
Toco pra frente o sermão

16- Mas dentro da irmandade
Todo mundo era igual
Mesmos direitos, deveres
Não havia maioral
Votava, era votado
Diretoria e tal

17- Fosse escravo ou livre
Qualquer um podia ser
Membro da diretoria
Não havia quelelé
Reinava a igualdade
Estou certo, pode crer

18- Com medo que as confrarias
Dos negros e dos mulatos
Lutassem por liberdade
Preste atenção no ato
O rei, Igreja e branco
Tinham controle do fato

19- O rei de olho nas contas
Igreja, visitação
O branco lá enfiado
Cada um uma função
Todos tremendo de medo
Da força de nós povão

20- É certo que havia medo
Não tinha proibição
Era assim melhor pro rei
Controlar toda nação
Todo povo dividido
Em irmandades, então

21- Também pra cobrar imposto
era uma facilidade
Bastava bater na porta
De todas as irmandades
Recebia ali na hora
Dez por cento é verdade

22- Tudo isso era enviado
Pras bandas do Portugal
Parte devia voltar
Pra vida colonial
O rei embolsava tanto
Devolvia pouco e maluco

23- Foi então que as irmandades
Decidiram construir
As suas próprias Igrejas
E digo mais por aqui
Contrata até os padres

24- O sacramento era caro
O padre queria dinheiro
Irmandade contratava
E demitia ligeiro

Se escreveu e não leu
Vá cantar noutra terreiro

25- A irmandade servia
Para controle moral
Surgimento de artistas
No tempo colonial
Faziam Igrejas belas
De beleza sem igual

26- Para o negro a confraria
Espaço de liberdade
Momento raro na vida
De viver a igualdade
De ajudar um ao outro
Vida em fraternidade

27- Mãe dos negros irmanados
Viva a Virgem do Rosário
Mãe dos pobres lutadores
E também dos solidários
À luta pela justiça
De Deus estão no fichário

28- Hoje é dia de festa
Os Congos já vão louvar
Com canto, música e dança
Vem homenagear
A Senhora do Rosário
Protetora singular

29- O sonho de liberdade
Continua no presente
O desejo de justiça
Acompanha bem a gente
O caminho longo é
Dê passo sempre pra frente

30- Nesta santa caminhada
Os santos de cor estão
Do Rosário, das Mercês
Efigênia meu irmão
Gonçalo, também Onofre
E Antônio. É povão

31- Seu Cosme já vem dançando
Logo atrás vem Margarida
Carregada de crianças
Que quer amor e comida
Geraldina com arte
Vem enfeitando a vida

32- Bidia anuncia ao povo
Que a hora é chegada
Seu João Nunes puxa a reza
Os Congos estão na estrada
viva o povo que luta